



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA**

**PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA**

São Luís  
2021



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA**

**PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA  
COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO**

Portaria nº 03/2019-CFIL/CECEN/UEMA

1. Luís Magno Veras Oliveira
2. Francisco Valdério Pereira da Silva Júnior
3. William de Jesus Costa Freitas
4. José Carlos de Castro Dantas
5. Edward Pereira Rodrigues Júnior
6. Leila Amum Alles Barbosa
7. Cinthia Regina Nunes Reis

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA**

Prof. Dr. Gustavo Pereira da Costa  
**REITOR DA UNIVERSIDADE**

Prof. Dr. Walter Canales Sant'ana  
**VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE**

Profa. Dra. Zafira da Silva de Almeida  
**PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO**

Prof. Dr. Antônio Roberto Coelho Serra  
**PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO**

Profa. Dra. Rita Maria de Seabra Nogueira  
**PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

Prof. Dr. Paulo Henrique Aragão Catunda  
**PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS**

Prof. Dr. José Rômulo Travassos da Silva  
**PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS**

Profa. Dra. Fabíola de Oliveira Aguiar  
**PRÓ-REITORA DE INFRAESTRUTURA**

Profa. Dra. Maria de Fátima Serra Rios  
**COORDENADORA TÉCNICO-PEDAGÓGICA DA PRÓ-REITORIA DE  
GRADUAÇÃO**

Profa. Dra. Maria Goretti Cavalcante Carvalho  
**DIRETORA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS**

Profa. Ma. Maria José Cardoso Fiquene  
**CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA**

Prof. Me. Luís Magno Veras Oliveira  
**DIRETOR DO CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	
<b>CARACTERIZAÇÃO INSTITUCIONAL</b> .....	11
<b>HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO</b> .....	13
<b>1 DIMENSÃO – ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO - PEDAGÓGICA</b> .....	15
1.1 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO .....	15
1.1.1 Políticas de ensino .....	16
1.1.2 Políticas de pesquisa .....	16
1.1.3 Políticas de extensão .....	17
1.2 CARACTERIZAÇÃO DO CORPO DISCENTE .....	18
1.3 APOIO DISCENTE E ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO .....	20
1.4 OBJETIVOS DO CURSO .....	21
1.4.1 Objetivo geral .....	21
1.4.2 Objetivos específicos .....	21
1.5 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES .....	22
1.6 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO .....	23
1.7 REGIME ESCOLAR .....	24
1.8 CONTEÚDOS CURRICULARES .....	26
1.9 MATRIZ CURRICULAR .....	29
1.9.1 Estrutura curricular .....	30
1.9.2 Ementários e referências das disciplinas do Curso .....	36
1.9.3 Prática como componente curricular .....	101
1.9.4 Estágio curricular supervisionado .....	109
1.9.5 Atividade teórico-prática – ATP .....	110
1.9.6 Trabalho de conclusão de curso - TCC .....	111
1.10 METODOLOGIA DE FUNCIONAMENTO DO CURSO .....	114
1.11. AVALIAÇÃO .....	115
1.11.1 Avaliação do ensino-aprendizagem .....	115
1.11.2 Avaliação institucional .....	116
<b>2 DIMENSÃO 2 – CORPO DOCENTE E TUTORIAL</b> .....	119
2.1 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – NDE .....	119
2.2 GESTÃO DO CURSO .....	120
2.3 COLEGIADO DE CURSO .....	121
2.4 CORPO DOCENTE .....	122
<b>3 DIMENSÃO 3 – INFRAESTRUTURA</b> .....	128



3.1 INFRAESTRUTURA FÍSICA EXISTENTE PARA DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS .....	128
3.2 ACERVO BIBLIOGRÁFICO.....	129
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE A -.....</b>	<b>133</b>



<b>COORDENAÇÃO</b>	
Prof. Me. Luís Magno Veras Oliveira	DEFIL/UEMA
Profa. Ma. Leila Amum Alles Barbosa	DEFIL/UEMA
Prof. Dr. Francisco Valdério Pereira da Silva Júnior	DEFIL/UEMA
Prof. Me. William de Jesus Costa Freitas	DEFIL/UEMA
<b>COMISSÃO DE ELABORAÇÃO</b>	
Prof. Dr. Edward Pereira Rodrigues Júnior	DEFIL/UEMA
Prof. Dr. Lincoln Sales Serejo	DEFIL/UEMA
Prof. Dr. José Carlos de Castro Dantas	DEFIL/UEMA
Profa. Ma. Leila Amum Alles Barbosa	DEFIL/UEMA
Prof. Dr. José Carlos de Castro Dantas	DEFIL/UEMA
Prof. Me. Marcos Roberto Alves Oliveira	DEFIL/UEMA
Prof. Me. William de Jesus Costa Freitas	DEFIL/UEMA
<b>REVISÃO TÉCNICA</b>	
Profa. Dra. Ana Lúcia Cunha Duarte	DEFIL/UEMA
Profa. Ma. Lourdes Maria de O. Paula	DEFIL/UEMA



## **IDENTIFICAÇÃO DO CURSO**

**DENOMINAÇÃO DO CURSO:** Filosofia Licenciatura

**TIPO DE CURSO:** Licenciatura

**TITULAÇÃO CONFERIDA:** Graduação

**MODALIDADE DO CURSO:** Presencial

## **AMPARO LEGAL DO CURSO:**

- Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida;
- Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Estabelece a obrigatoriedade do Ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras em curso de Licenciatura;
- Decreto nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014. Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista;
- Decreto nº 15.581, de 30 de maio de 1997. Aprova o Estatuto da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA;
- Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional;
- Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes;
- Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência);
- Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI (2016-2020);
- Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura/Secretaria de Educação Superior, 2010;
- Resolução nº 2 - CNE/CP, de 1º de julho de 2015. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica;
- Resolução nº 1264 - CEPE/UEMA, de 6 de junho de 2017. Cria e aprova as Diretrizes Curriculares para os cursos de Licenciatura da UEMA;
- Resolução nº 886/2014 - CONSUN/UEMA, de 11 de dezembro de 2014. Cria o Núcleo de Acessibilidade da Universidade Estadual do Maranhão;
- Resolução nº 1 - CNE/CP, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares

Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;

- Resolução nº 1 - CNE/CP, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos;
- Resolução nº 1 - CONAES, de 17 de junho de 2010. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante;
- Resolução nº 1023 – CONSUN/UEMA, de 21 de março de 2019. Regulamenta o Núcleo Docente Estruturante – NDE no âmbito dos cursos de graduação da Universidade Estadual do Maranhão;
- Resolução nº 109 - CEE/MA, de 17 de maio de 2018. Estabelece normas para a Educação Superior no Sistema Estadual de Ensino do Maranhão e dá outras providências;
- Resolução nº 1233, de 6 de dezembro de 2016-CEPE-UEMA – dispõe sobre a regulamentação de hora-aula e dos horários nos cursos de graduação presenciais da Universidade Estadual do Maranhão;
- Resolução nº 1369 - CEPE/UEMA, de 21 de março de 2019. Estabelece o Regimento dos Cursos de Graduação da Universidade Estadual do Maranhão;
- Resolução nº 2 - CNE/CP, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental;
- Resolução nº 203 - CEPE/UEMA, de 29 de agosto de 2000. Aprova as Diretrizes Gerais para a reconstrução curricular nos Cursos de Graduação da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA;
- Resolução nº 891 – CONSUN/UEMA, de 31 de março de 2015. Aprova o Regimento do Núcleo de Acessibilidade da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA e dá outras providências;
- Resolução nº 947/2016-CONSUN, de 23 de junho de 2016. Cria e autoriza o funcionamento do Curso de Filosofia Licenciatura.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Projetos de Pesquisa do Curso de Filosofia Licenciatura	17
Quadro 2 -	Projetos de extensão do Curso de Filosofia Licenciatura	18
Quadro 3 -	Quantitativo discente do Curso de Filosofia Licenciatura, segundo demanda/oferta no PAES no triênio 2017-2019	19
Quadro 4 -	Quantitativo discente do Curso de Filosofia Licenciatura, segundo rendimento, no triênio 2017	19
Quadro 5 -	Regime escolar	24
Quadro 6 -	Demonstrativo de comprovação de execução dos conteúdos curriculares	25
Quadro 7 -	Demonstrativo de conversão de carga horária em horas aula no Curso	27
Quadro 8 -	Matriz Curricular do Curso de Filosofia Licenciatura	29
Quadro 9 -	Estrutura do Curso de Filosofia Licenciatura	31
Quadro 10 -	Componentes curriculares por Núcleo – Específico e ATP	33
Quadro 11 -	Componentes curriculares por Núcleo - Comum	34
Quadro 12 -	Componentes curriculares por Núcleo - Livre	35
Quadro 13 -	Distribuição da carga horária de Prática Curricular em três períodos nos Cursos de Licenciatura da UEMA	105
Quadro 14 -	Componentes do Núcleo Docente Estruturante	120
Quadro 15 -	Servidores do Curso de Filosofia Licenciatura	121
Quadro 16 -	Membros do Colegiado de Curso	121
Quadro 17 -	Corpo docente do Curso de Filosofia Licenciatura	123
Quadro 18 -	Corpo docente do Curso de Filosofia Licenciatura – área da Filosofia	124
Quadro 19 -	Corpo docente do Curso de Filosofia Licenciatura – origem em outros cursos/departamentos	125
Quadro 20 -	Corpo docente do Curso de Filosofia Licenciatura – origem DEFIL	125
Quadro 21 -	Infraestrutura do Curso de Filosofia Licenciatura	129
Quadro 22 -	Infraestrutura do Curso de Filosofia Licenciatura	129

## APRESENTAÇÃO

O projeto que ora chega para apreciação é parte de um esforço e de um sonho há muito perseguido. Este Projeto Político-Pedagógico é, certamente, componente significativo desse empenho coletivo que procura dar vazão ao pensamento que a filosofia dispõe da altura de sua idade e de maneira despretensiosa. No entanto, a filosofia sabe, a partir dos seus mais de vinte e cinco séculos, que ainda tem algo a nos dizer. Os profissionais aqui envolvidos desejam aprofundar um diálogo centrado em valores ético-humanistas já mantidos com esta universidade desde algum tempo, mas cuja eficácia tem se mostrado limitada pela indisponibilidade, até o momento, de um espaço apropriado de investigação, produção e reflexão filosófica.

Sabemos que a filosofia fundou a academia, pois era assim que se conhecia a escola de Platão nos arredores de Atenas. Alguns poderão protestar alegando que a Academia de Platão não era propriamente uma universidade tal e qual a conhecemos. É verdade, no entanto, não se pode ignorar que no nascimento da Universidade, no século XIII de nossa era, estava lá a filosofia como um dos seus mais ilustres saberes. A chamada vida acadêmica ou comunidade autônoma formada por mestres e alunos, com seus livres currículos e que marcou os primeiros séculos do surgimento da universidade, não era outra coisa que o espaço de reflexão e produção da razão do qual a filosofia sempre sustentou (e se sustentou) nos limites da própria universidade.

Assim, o empenho deste grupo ao elaborar o presente projeto não quer nada além de somar-se de forma mais eficiente possível, dentro de sua área de atuação, com os já visíveis esforços de consolidar a UEMA como instituição formadora da *intelligentsia* e cuja tarefa não pode ser reduzida a meramente executar aquilo que os planejadores (por mais tecnicamente preparados que o sejam), oferecem como solução.

Cabe, além disso, pensar globalmente tais desafios e submetê-los a certos princípios indispensáveis à sociedade do nosso tempo. Ora, a sensibilidade política, o compromisso social e a convivência democrática são parte dos princípios ético-humanistas mobilizados pela filosofia por toda sua tradição e colocados à disposição de todos aqueles que desses valores quiserem fazer uso. Tudo que a humanidade produz e produziu culturalmente pode ser pensado. E dar a pensar, como se sabe bem, é tarefa precípua da filosofia.

Dessa forma, nos parece ser ainda a vocação da filosofia no interior da universidade aquela que Kant nos legou: espaço no qual se desenvolve a razão pública capaz

de examinar com máxima liberdade todos os assuntos que constituem o ambiente acadêmico, seja em relação ao seu interior, seja naquilo que toma e envolve a sociedade como um todo.<sup>1</sup>

Acreditamos que o Curso de Filosofia Licenciatura da UEMA vem acrescentar novos ares nesse sentido. É para essa atmosfera de discussão e de diálogo que deverá surgir o graduado em Filosofia pela UEMA capaz de compreender o vínculo entre aquilo que desenvolverá extramuros passa pelo que vier compreender intramuros e vice-versa.

## **CARACTERIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

A UEMA, sempre mantida pelo Estado do Maranhão, teve sua origem na Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, criada pela Lei nº 3.260, de 22 de agosto de 1972, para coordenar e integrar os estabelecimentos isolados do sistema educacional superior do Maranhão (Escola de Administração, Escola de Engenharia, Escola de Agronomia e Faculdade de Caxias). A FESM foi transformada na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA por meio da Lei nº 4.400, de 30 de dezembro de 1981, e teve seu funcionamento autorizado pelo Decreto Federal nº 94.143, de 25 de março de 1987, como uma Autarquia de natureza especial, pessoa jurídica de direito público, gozando de autonomia didático-científica, administrativa, disciplinar e de gestão financeira e patrimonial, de acordo com os preceitos do artigo 272 da Constituição Estadual.

Posteriormente, a UEMA foi reorganizada pela Lei nº 5.921, de 15 de março de 1994, e pela Lei nº 5.931, de 22 de abril de 1994, alterada pela Lei nº 6.663, de 4 de junho de 1996. Em 31 de janeiro de 2003, por meio da Lei nº 7.844, o Estado promoveu uma reorganização estrutural, momento em que fora criado o Sistema Estadual de Desenvolvimento Científico Tecnológico, do qual a UEMA passou a fazer parte, vinculando-se à Gerência de Estado da Ciência, Tecnologia, Ensino Superior e Desenvolvimento Tecnológico - GECTEC, hoje, Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação – SECTI.

Atualmente<sup>2</sup>, a UEMA encontra-se presente em praticamente todo o território maranhense. Com base em 20 municípios, tem um campus em São Luís<sup>3</sup> e outros 19 Centros de Estudos Superiores instalados nas cidades de Bacabal, Balsas, Barra do Corda, Caxias, Codó, Coelho Neto, Colinas, Coroatá, Grajaú, Itapecuru-Mirim, Lago da Pedra, Pedreiras,

---

<sup>1</sup> Cf. Immanuel Kant. *O Conflito das faculdades*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: LusoSofia Press, 2008.

<sup>2</sup> Em 2016, os centros sediados em Açailândia e Imperatriz passaram a fazer parte da UEMA SUL – Lei Ordinária nº 10.525 de 3 de novembro de 2016.

<sup>3</sup> O campus Paulo VI conta com os centros: o CCA, na área das Ciências Agrárias; o CCT, nas áreas de Engenharias e Arquitetura e Urbanismo; o CCSA, nas áreas das Ciências Sociais Aplicadas; e o CECEN, na área de Educação e Ciências Exatas e Naturais.

Pinheiro, Presidente Dutra, São Bento, Santa Inês, São João dos Patos, Timon e Zé Doca. Além disso, a UEMA tem atuação em 33 Polos de Educação a distância e 28 Polos do Programa Ensinar.

A atuação da UEMA está distribuída nos seguintes níveis:

- ✓ Cursos técnicos de nível médio na modalidade subsequente;
- ✓ Cursos presenciais regulares e a distância de Graduação Bacharelado, Tecnologia e Licenciatura;
- ✓ Programa de Formação de Professores nas Áreas das Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias (Ensinar);
- ✓ Pós-Graduação *Stricto sensu* (presencial) e *Latu sensu* (presencial e a distância).

Considerando o disposto em seu Estatuto, aprovado pelo Decreto Estadual nº 15.581, desde maio de 1997, os objetivos da UEMA permeiam: o ensino de graduação e pós-graduação, a extensão universitária e a pesquisa, a difusão do conhecimento, a produção de saber e de novas tecnologias interagindo com a comunidade, visando ao desenvolvimento social, econômico e político do Maranhão.

A missão de uma instituição detalha a sua razão de ser. A missão apresentada neste documento destaca o direcionamento da Universidade para a atuação no âmbito da sociedade e no desenvolvimento do Maranhão, e se fundamenta nos pilares da Universidade: ensino, pesquisa e extensão, como meios para a produção e difusão do conhecimento. Sob esses fundamentos, eis o que as escutas realizadas permitiram entender como sendo a vocação da UEMA: “Produzir e difundir conhecimento orientado para a cidadania e formação profissional, por meio do ensino, pesquisa e extensão, priorizando o desenvolvimento do Maranhão”.

A visão institucional é responsável por nortear a Universidade, expressando as convicções que direcionam sua trajetória. Para a concepção de uma Visão da UEMA, buscou-se compreender os propósitos e a essência motivadora das suas ações e do seu cotidiano na tentativa de promover o desenvolvimento do Maranhão. Desse processo, surgiu a convicção de tornar-se referência na produção de conhecimentos, tecnologia e inovação, de forma conectada com o contexto no qual a UEMA está física ou virtualmente inserida. Por essa interpretação da realidade e com o horizonte à vista, vislumbra-se: “Ser uma instituição de

referência na formação acadêmica, na produção de ciência, tecnologia e inovação, integrada com a sociedade e transformadora dos contextos em que se insere” (PDI-UEMA, 2016-2020).

## HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO

No panorama atual da educação brasileira, tornou-se inadiável a criação e a oferta de um curso de Filosofia na modalidade presencial pela UEMA. Ninguém mais ignora o que ocorreu com a disciplina Filosofia na história recente do Brasil quando o país se viu mergulhado nas trevas de uma ditadura militar que fez calar, em todas as escolas, disciplinas como filosofia e sociologia. É certo também que não se desconhece o empenho que foi feito durante décadas pelo retorno dessas disciplinas ao cotidiano da escola brasileira. Tampouco se é cego quanto aos entraves que enfrentou para ter sucesso em seu pleito: memoráveis encontros liderados pela SEAF<sup>4</sup> que reunia em torno de si intelectuais de grande envergadura (Marilena Chauí, Paulo Arantes, Celso Favareto, Gerd Bomheim, Franklin Leopoldo e Silva, entre outros), clamando pelo retorno da filosofia na educação básica.

O fato é que mesmo depois da abertura democrática CF de 1988 e da LDB nº 9.394/96, que conferiu uma redação vaga e obscura ao item que tratava da filosofia, ela não pôde voltar na qualidade de disciplina ao Ensino Médio, ficando relegada à condição de componente curricular sem com isso ser-lhe garantida o espaço correspondente ao desenvolvimento do papel que lhe fora atribuído por esta mesma legislação. Razão pela qual os consultores que elaboraram as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio de 2006 criticaram os PCN de 1999 de serem ambíguos quanto assumir uma posição aberta na defesa da filosofia como disciplina (cf., OCN, 2006, p. 16). Soma-se a essa via crucis, a tentativa do Congresso Nacional em 2001 de retornar a Filosofia ao Ensino Médio interrompida pelo veto do então presidente Fernando Henrique Cardoso à lei de autoria do deputado paranaense Pe. Roque (PT-PR).

Esse hiato, provocado pela ausência de uma disciplina cuja vocação primeira é o voltar-se para a reflexão, trouxe consequências funestas ao ambiente escolar às quais ainda estamos submetidos e, seguramente, demoraremos ainda algum tempo para superar, sem contar com os enormes obstáculos que essa ausência acarretou ao próprio desenvolvimento e amadurecimento da prática docente em filosofia na educação básica.

---

<sup>4</sup> SEAF – Associação de Estudos e Atividades Filosóficas foi criada em 1976 como Sociedade, com o objetivo de resgatar uma Filosofia crítica sobre os problemas sociais daquele período e lutar pela volta dessa disciplina ao ensino médio. Naquele momento e no momento posterior, a SEAF se constituiu como entidade de nível nacional, com regionais em vários estados do país. Informações extraídas do sítio da SEAF. Disponível em: <http://www.blogger.com/profile/13926882326559689402>; Acesso em: 28 nov.2013 às 15h23min.

No entanto, uma nova proposta em 2006 é rerepresentada ao Congresso Nacional, Projeto de Lei nº 1.641/06, de autoria do deputado maranhense Ribamar Alves (PSB-MA), visando a alteração do artigo 36 da LDB para tornar obrigatórias Filosofia e Sociologia como disciplinas nas 3 séries do Ensino Médio. Sendo bem-sucedida desta vez, a Lei nº 11.684 é sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva em 02 de junho de 2008. A partir daí a filosofia (assim como a sociologia) passam a constar como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio. Esse evento potencializou sobremaneira a presença da filosofia na educação básica brasileira, bem como a necessidade da formação de quadros docentes bem preparados para cumprir os objetivos requisitados para a presença da filosofia nessa etapa da educação.

No Maranhão existem três cursos de filosofia atualmente: 1) o curso oferecido pela Faculdade Santa Fé, iniciado no ano de 2010 e, portanto, tempo suficiente apenas para uma única turma ter concluído; 2) o curso do Instituto Teológico do Maranhão IESMA cuja habilitação para licenciatura plena só aconteceu no ano 2003; e 3) o mais antigo e tradicional dado pela UFMA e, por essa razão, aquele que mais e melhor tem contribuído para a formação do quadro de professores que os sistemas, públicos e privados abrigados em nosso Estado, necessitam.

Entretanto, mesmo o curso de Filosofia da UFMA não tem como atender a enorme carência criada pela legislação, pois a média de formandos dos últimos 04 (quatro) anos foi de apenas 30 (trinta) professores.<sup>5</sup> Ora, atualmente somente a rede pública estadual de ensino, a maior das demandas a serem observadas, estima-se em apenas 970 (novecentos e setenta) professores graduados em Filosofia (entre concursado e contratados) para cobrir 560 (quinhentos e sessenta) escolas do Ensino Médio nos 217 (duzentos e dezessete) municípios do Maranhão<sup>6</sup> nas três séries do Ensino Médio como manda a lei supra. Sem levar em consideração que alguns desses municípios, a exemplo de São Luís, possuem legislação própria que obriga a oferta da disciplina filosofia nos currículos de sua rede. Para se ter uma ideia aqui na capital há um déficit de pelo menos 70 (setenta) professores de filosofia para atuarem no entre o 6º e o 9º ano do Ensino Fundamental.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Formandos em Filosofia UFMA: nove (09) em 2009.1, trinta e dois (32) em 2009.2; treze (13) em 2010.1, sete (07) em 2010.2; dez (10) em 2011.1, vinte e três (23) em 2011.2; doze (12) em 2012.1; quatorze (14) em 2012.2 – Fonte: DIREC/UFMA - 2014.

<sup>6</sup> Fonte: SEDUC/ Maranhão - 2015.

<sup>7</sup> Fonte: SEMED/São Luís - 2014.

Se passarmos a considerar o número de matrículas somente na capital, 57.127 (cinquenta e sete mil cento e vinte sete) no Ensino Médio e 156.879 (cento e cinquenta e seis mil oitocentos e setenta e nove) no Ensino Fundamental<sup>8</sup>, é possível visualizar ainda mais o tamanho da demanda gerada a partir da promulgação da Lei nº 11.684 que obriga e a oferta da disciplina Filosofia nas 3 séries do Ensino Médio e da Lei nº 4153 de 2003 que torna obrigatória a filosofia no currículo do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de São Luís.

Não guardamos nenhuma ilusão no que concerne a um curso de filosofia na UEMA vir atender e suprir toda essa demanda represada por anos de ausência e aberta pelo impacto da legislação posta em movimento desde 2008. Mesmo porque esse é tão somente um dos aspectos – por razões óbvias relevantes e, por isso mesmo, merecedor de devida atenção – que exigem a criação de um curso de filosofia na UEMA.

Contudo, sem renunciar o atendimento é preciso também refletir cuidadosamente sobre o que se toma por “pressão em demanda” nos dias atuais, o que frequentemente produz uma espécie de automatismo. É preciso ter em mente que a universidade é o lugar que, antes de qualquer coisa, elabora sua intervenção na sociedade. Dessa forma, a simples aplicação prática imediata é forçosamente posta em suspensão por uma série de problematizações que contribuem para que suas ações não incorram na pura adesão mecânica. Assim, dentro dessa perspectiva, o curso de Filosofia deve primar para que os egressos fora da Universidade atuem de forma crítica e criadora em resposta aos apelos oriundos do mundo da sociedade massificada.

Somos igualmente cômicos dos desafios que recairão sobre nós a partir da execução dessa proposta. À bem da verdade, superar tais adversidades na construção e na condução de um curso de graduação em filosofia será para nós uma excelente prova de força ante os propósitos estabelecidos por nós mesmos e aquilo que é exigido para a modernização da universidade nos dias atuais.

## **1 DIMENSÃO – ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO - PEDAGÓGICA**

### **1.1 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO**

O projeto pedagógico deverá buscar a formação integral e adequada do estudante por meio de uma articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Será estimulada a inclusão e a valorização das dimensões ética e humanística na formação do estudante,

---

<sup>8</sup> Fonte: IBGE – 2015.

desenvolvendo atitudes e valores orientados para a cidadania e para a solidariedade. Tal formação também será assegurada por meio do vínculo institucional, das políticas institucionais de ensino, extensão e pesquisa. Serão estimulados também no currículo, os princípios de flexibilidade e integração estudo/trabalho.

### **1.1.1 Políticas de ensino**

No âmbito do Curso de Filosofia Licenciatura existem atividades integradoras relacionadas ao currículo. Além disso, existem políticas implementadas pela Pró - Reitoria de Graduação tais como:

- o Programa Reforço e Oportunidade de Aprender (PROAprender), criado pela Resolução nº 990/2017 – CONSUN/UEMA com o objetivo de implementar ações pedagógicas para elevar o rendimento e desempenho acadêmico dos estudantes; aprimorar e desenvolver habilidades e competências dos estudantes relacionadas ao processo de aprendizagem de conteúdos básicos referentes aos diversos componentes curriculares dos cursos de graduação da UEMA; diminuir a evasão e a permanência de estudantes com índice elevado de reprovação.

### **1.1.2 Políticas de pesquisa**

As políticas institucionais para a consolidação e ampliação de ações de apoio ao desempenho da produção científica, há o Programa de Bolsa Produtividade desde 2016, nas categorias Bolsa Pesquisador Sênior e Bolsa Pesquisador Júnior. A finalidade do Programa é a valorização dos professores pesquisadores que tenham destaque em produção científica e formação de recursos humanos em pós-graduação *stricto sensu*.

Há também uma ação que estimula a produção acadêmico-científica dos professores por meio de uma bolsa Incentivo a Publicação Científica Qualificada pagas por publicação de artigos acadêmicos com Qualis A1 a B3 na área de formação/atuação do pesquisador; inclusão do pagamento de Bolsas por livro ou capítulo de livro publicado; inclusão do pagamento de apoio a tradução de artigos científicos, para publicação em língua estrangeira.

Por sua vez, é incentivada a participação de pesquisadores e alunos da Universidade em redes de pesquisa nacionais e internacionais, fomentando o intercâmbio e fortalecendo os grupos de pesquisa existentes, além de estimular a criação de novos grupos, garantindo as condições para o desenvolvimento de suas atividades. Além disso, existe também o incentivo à participação dos estudantes no Programa Institucional de Bolsas de

Iniciação à Pesquisa (PIBID). Durante o curso, em articulação com as atividades de ensino, deverão ser estimuladas atividades de pesquisa, por meio da iniciação científica, em que os alunos bolsistas (CNPQ, FAPEMA, UEMA).

Quadro 1 - Projetos de Pesquisa do Curso de Filosofia Licenciatura

<b>ORD.</b>	<b>TÍTULO DO PROJETO</b>	<b>COORDENADOR</b>	<b>Nº DE BOLSISTAS</b>	<b>AGÊNCIA DE FOMENTO</b>	<b>VIGÊNCIA</b>
1.	O Ensino de Filosofia no Ensino Médio e a utilização dos livros didáticos	Marcos Roberto Alves Oliveira	24	CAPES	jul/2018 a dez/2019
2.	A concepção biopolítica de Hannah Arendt: Considerações sobre os fenômenos da violência e política	Lincoln Sales Serejo	01	UEMA	2019/2020
3.	A diversidade dos discursos: o sentido como unidade do múltiplo (RENOVAÇÃO)	Francisco Valdério P. Silva Júnior	05	FAPEMA	2019/2020
4.	Perspectivas político-éticas contemporâneas: leituras de Rawls, Habermas e Pettit	José Carlos de Castro Dantas	01	UEMA	2019/2020

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura

### **1.1.3 Políticas de extensão**

As atividades de extensão são desenvolvidas nas comunidades locais, com ações voltadas para as escolas públicas, logradouros públicos, coordenadas por professores vinculados ao Curso. Existe o Programa Institucional de Bolsas de Extensão da Universidade Estadual do Maranhão, vinculado à Pró - Reitoria de Extensão - PROEXAE. Tem como objetivo conceder bolsas de extensão a discentes regularmente matriculados nos cursos de graduação da UEMA, contribuindo para a sua formação acadêmico – profissional, num processo de interação entre a Universidade e a sociedade em que está inserido, por meio do desenvolvimento de projetos de extensão. A bolsa é concedida ao aluno da UEMA entre o segundo e o penúltimo período, indicado pelo professor coordenador do projeto, com vigência da bolsa de 12 (doze) meses. Para socialização desses projetos é realizado anualmente a Jornada de Extensão Universitária, promovido pela PROEXAE, na qual são apresentados os resultados obtidos na realização de projetos de extensão que envolvem docentes, discentes e comunidade, sendo obrigatória a participação de todos. Nela é concedida premiação aos

melhores projetos desenvolvidos no período.

Quadro 2 - Projetos de extensão do Curso de Filosofia Licenciatura

<b>ORD</b>	<b>TÍTULO DO PROJETO</b>	<b>COORDENADOR</b>	<b>Nº DE BOLSISTA</b>	<b>AGÊNCIA DE FOMENTO</b>	<b>VIGÊNCIA</b>
1.	Ágora Filosófica: da opinião pública à esfera pública	Luís Magno Veras Oliveira	04	UEMA	2019/2020
2.	Liderança estudantil: a formação da cidadania ativa através da escola	Francisco Valdério P. S. Júnior	05	UEMA	2019/2020

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura.

## 1.2 CARACTERIZAÇÃO DO CORPO DISCENTE

O corpo discente do curso de Filosofia Licenciatura é constituído de alunos egressos do Ensino Médio matriculados após o processo de seleção da UEMA (**PAES**) e que terão direito, após cumprir integralmente as exigências curriculares (disciplinas e carga horária) ao diploma que o habilita para o exercício da profissão de professor do ensino fundamental e médio. Enfatizamos que o número máximo de alunos para cada turma deve variar de 35 a 40 alunos.

No decorrer do curso o discente pode participar de um conjunto de atividades que além enriquecerem sua formação pela experiência aqui adquirida também contribuem para a melhoria do curso. Uma delas é a representação estudantil em que através de seu Diretório Acadêmico participa das discussões em Assembleias Departamentais e no colegiado do curso, acompanhando as decisões e contribuindo com sugestões, visando o bom funcionamento do curso; outra é a monitoria cuja participação nas Assembleias departamentais e facultada apenas com direito a voz.

Em geral, a composição do Diretório Acadêmico bem como a escolha dos seus membros é definida através de estatutos e normas próprias aprovadas pelo colégio discente em assembleia. Assim como o Curso de Filosofia, o Diretório Acadêmico deverá dispor de uma sala equipada para funcionamento a contento.

Apresente seu corpo discente, caracterizando-o. Além de apresentar os dados dos quadros a seguir.

Quadro 3 - Quantitativo discente do Curso de Filosofia Licenciatura, segundo demanda/oferta no PAES no triênio 2017-2019

<b>CORPO DISCENTE</b>			
<b>CURSO: FILOSOFIA LICENCIATURA</b>			
<b>ANO</b>	<b>DEMANDA</b>	<b>OFERTA VERIFICADA</b>	<b>PROCESSO SELETIVO</b>
2017	124	35	PAES / 2017
2018	104	45	PAES / 2018
2019	178	45	PAES / 2019

Fonte: PAES, 2017-2019.

Quadro 4 - Quantitativo discente do Curso de Filosofia Licenciatura, segundo rendimento, no triênio 2017-2019

<b>ANO</b>	<b>INGRESSO</b>	<b>VAGAS</b>	<b>Nº DE TURMAS</b>	<b>Nº DE APROVADOS NO CURSO POR ANO</b>	<b>Nº DE REPROVADOS NO CURSO POR ANO</b>	<b>EVASÃO</b>	<b>TRANSFERÊNCIA</b>	<b>Nº DE CONCLUINTES</b>
2017	2017.2	35	01	851	289	8	01	-
2018	2018.1	45	01	693	160	8	-	-
2019	2019.1	45	01	193	45	10	-	-

Fonte: Controle Acadêmico, 2017-2019.

### 1.3 APOIO DISCENTE E ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

A Universidade é um espaço de aprendizagem e, como tal, deve alcançar a todos. A inclusão social deve ser um dos pilares fundamentais de sua filosofia, possibilitando que todas as pessoas façam uso de seu direito à educação.

Dentre as políticas de Educação Inclusiva estão aquelas relacionadas aos alunos com necessidades especiais (tais como visuais, auditivas e de locomoção), assim como aquelas condizentes com a política de inclusão social, cultural e econômica. Implicando a inserção de todos, sem discriminação de condições linguísticas, sensoriais, cognitivas, físicas, emocionais, étnicas ou socioeconômicas e requer sistemas educacionais planejados e organizados que deem conta da diversidade de alunos e ofereçam respostas adequadas às suas características e necessidades.

O compromisso da UEMA com essas questões está explicitado no Programa de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais. Desde o momento em que foi aprovada a Resolução nº 231/00, de 29 de fevereiro de 2000, que instituiu o Núcleo Interdisciplinar de Educação Especial, que tem sido uma das premissas do desenvolvimento desta IES. Dentre outras ações afirmativas, a Resolução assegura condições de atendimento diferenciado nos campi da Instituição para estudantes com necessidades especiais.

A existência de condições de acesso fortalece o compromisso institucional com a garantia de acessibilidade. Diante disso, foi instituído pela Resolução nº 886/2014, de 11 de dezembro de 2014, a Comissão de Acessibilidade como segmento do Núcleo de Acessibilidade da UEMA (NAU), vinculado à Reitoria.

O NAU tem a finalidade de proporcionar condições de acessibilidade e garantir a permanência às pessoas com necessidades educacionais especiais no espaço acadêmico, incluindo todos os integrantes da comunidade acadêmica. O Núcleo operacionaliza suas ações baseado em diretrizes para uma política inclusiva, a qual representa uma importante conquista para a educação, contribuindo para reduzir a evasão das pessoas com necessidades educacionais especiais. O objetivo do NAU é viabilizar condições para expressão plena do potencial do estudante durante o ensino e aprendizagem, garantindo sua inclusão social e acadêmica nesta Universidade.

Outras políticas institucionais de apoio ao discente quanto à permanência implementadas foram: a criação do Programa Bolsa de Trabalho (Resolução nº 179/2015 – CAD/UEMA); a instituição do Programa Auxílio Alimentação, como incentivado pecuniário

mensal de caráter provisório em campi em que não existem restaurantes universitários (Resolução nº 228/2017 – CAD/UEMA); o Programa Auxílio Moradia, viabilizando a permanência dos estudantes na universidade cujas famílias residam em outro país, estado ou município diferente dos *campi* de vínculo (Resolução nº 230/2017 – CAD/UEMA); o Programa Auxílio Creche, que disponibiliza ajuda financeira aos estudantes (Resolução nº 229/20157 - CAD/UEMA); criação do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional e Nacional para estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação (PROMAD).

## 1.4 OBJETIVOS DO CURSO

### 1.4.1 Objetivo geral

✓ Compreender a partir de uma formação consistente que a filosofia, enquanto pertencente a um contexto histórico socio-político, permite-se voltar com sua atividade própria, o saber crítico-reflexivo, para a investigação dos problemas mais urgentes da sociedade do seu tempo, estejam eles no campo ético, político, educacional e/ou mesmo os que se situam, como hoje, na dimensão científico-tecnológica da sociedade do consumo. Propiciando um ambiente de discussão que favoreça o florescimento de uma comunidade filosófica responsável por articular, com todas as áreas do conhecimento e da arte, um espaço da livre circulação da palavra. Um espaço permanente que, de dentro ou de fora da Universidade, seja apropriado a um intenso e criterioso diálogo regulado pelo respeito mútuo e zelo ao conhecimento produzido.

### 1.4.2 Objetivos específicos

✓ Permitir ao professor formado em filosofia pela UEMA o desenvolvimento de uma visão de mundo crítico-reflexiva a partir da criação e vivência de um amplo espaço de debates em torno de questões basilares que pautam o mundo contemporâneo, entre as quais se destacam: o mundo globalizado, o Estado Democrático de Direito, guerra e paz, Sociedade da informação etc.;

✓ Oferecer ao graduando em licenciatura em filosofia pela UEMA a fundamentação teórica e prática, aliada à capacidade de reflexão e crítica que deverão conduzir sua ação profissional à autonomia de pensamento e a apropriação de sua realidade concreta;

✓ Dotar os professores em filosofia de uma formação capaz de contribuir para a reflexão do ensino da filosofia no Ensino Fundamental e Ensino Médio de maneira

que esse professor licenciado seja além de reflexo do seu tempo, seja também criativo e inovador no processo de ensinar a filosofia para crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos;

✓ Contribuir para a formação de um cidadão capaz intervir de maneira eficiente e criativa na comunidade em que esteja inserido, buscando sempre informar seus pares acerca dos temas mais importantes vinculados ao desenvolvimento dessa comunidade;

✓ Promover formação profissional fundamental ao licenciado (a) em Filosofia;

✓ Dotar o professor formado em Filosofia pela UEMA de competência técnica para análise e interpretação dos temas mais complexos, sempre a partir de uma perspectiva da totalidade sem que isso implique o abandono de enfoques mais localizados e regionalizados;

✓ Superar qualquer dicotomia entre conhecimentos teóricos e práticos pela compreensão que, em matéria de Filosofia, a integração desses aspectos ocorre a cada momento (sala de aula, pesquisa, seminários, debates etc.) em que se procede por uma apropriação da realidade pela teoria e vice-versa.

### 1.5 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

✓ Capacitação para um modo especificamente filosófico de formular e propor soluções a problemas, nos diversos campos do conhecimento;

✓ Capacidade de desenvolver uma consciência crítica sobre conhecimento, razão e realidade sócio-histórico-política;

✓ Capacidade para análise, interpretação e comentário de textos teóricos, segundo os mais rigorosos procedimentos de técnica hermenêutica;

✓ Compreensão da importância das questões acerca do sentido e da significação da própria existência e das produções culturais;

✓ Percepção da integração necessária entre a filosofia e a produção científica, artística, bem como com o agir pessoal e político;

✓ Capacidade de relacionar o exercício da crítica filosófica com a promoção integral da cidadania e com o respeito à pessoa, dentro da tradição de defesa dos direitos humanos;

- ✓ Capacidade de leitura e compreensão de textos filosóficos em língua estrangeira;
- ✓ Competência na utilização da informática.

## 1.6 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO

O Curso de Filosofia Licenciatura, ora proposto, prima por oferecer fundamentação teórica e prática, aliada à capacidade de reflexão e crítica que deverão conduzir o profissional formado na UEMA, à autonomia de pensamento e a apropriação de sua realidade concreta.

O desenvolvimento do Curso de Filosofia Licenciatura se dá pelo sistema de créditos a serem cumpridos semestralmente, tendo em sua organização curricular um conjunto de matérias desdobradas em disciplinas, organicamente distribuídas em cada período. Ainda que, como dissemos anteriormente, o curso passe a contar com um bom quadro de professores efetivos, não se poderá prescindir de professores concurso público.

No que tange ao conjunto da formação recebida, os graduados em Filosofia Licenciatura terão sólida formação de história da filosofia, lhe permitindo a compreensão e a competência do ensino para os principais temas, problemas e sistemas filosóficos, assim como a análise, reflexão e crítica da realidade social na qual se insere.

O *Licenciado em Filosofia* é o professor que planeja, organiza e desenvolve atividades e materiais relativos ao Ensino de Filosofia. Sua atribuição central é a docência na Educação Básica, que requer sólidos conhecimentos sobre os fundamentos da Filosofia, sobre seu desenvolvimento histórico e suas relações com diversas áreas; assim como sobre estratégias para a transposição do conhecimento filosófico em saber escolar. Além de trabalhar diretamente na sala de aula, o licenciado elabora e analisa materiais didáticos, como livros, textos, vídeos, programas computacionais, ambientes virtuais e aprendizagem, entre outros. Realiza ainda pesquisas em Ensino de Filosofia, coordena e supervisiona equipes de trabalho. Em sua atuação, prima pelo desenvolvimento do educando, incluindo sua formação ética, a construção de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico.

O Licenciado em Filosofia, por sua vez, deverá estar habilitado para enfrentar de maneira exitosa os desafios e as dificuldades inerentes à tarefa de despertar os jovens para a reflexão filosófica, bem como oferecer aos alunos da educação básica o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente.

**1.7 REGIME ESCOLAR****Quadro 5 - Regime escolar**

Prazo para Integralização Curricular	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
	4 anos (8 semestres)	7 anos (14 semestres)
Regime	Semestral	
Dias anuais úteis	200 dias	
Dias úteis semanais	6 dias	
Semanas de matrículas semestrais	1 semana	
Semanas de provas semestrais	4 semanas	
Carga horária do currículo	3.645 horas	
Horas aula	4374 horas/aula	
Total de créditos teóricos do Curso	174 créditos	
Total de créditos práticos do Curso	23 créditos	
Turnos de funcionamento	Matutino	
Horário de Funcionamento	De segunda a sábado, de 7h30min às 12h30min	

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura, 2020.

O funcionamento do Curso obedece ao disposto na Resolução nº 1233/2016-CEPE/UEMA, que regulamenta a hora-aula de 50 minutos e horários nos cursos de graduação da Universidade Estadual do Maranhão, utilizando o sábado como dia letivo (Quadro 6).

Quadro 6 - Demonstrativo de conversão de carga horária em horas aula no Curso

Categoria	A Carga horária por componente em horas	B Carga horária por componente em minutos	C Quantitativo de horas/aula por componente	D Quantitativo de horários por componente, por semana	E Quantitativo de minutos de aula por componente, por semana	F Quantitativo de componente no curso	G Carga horária total	H Horas aula total
Convenção	(h)	(min)	(h/a)	horários/s	(min/a/s)	(cc)	(h)	(h/a)
Base de cálculo	PPC	$B = A \times 60 \text{ min}$	$C = B : 50 \text{ min}$	$D = C : 18 \text{ sem}$	$E = D \times 50 \text{ min}$	PPC	$G = A \times F$	$H = C \times F$
Disciplinas e Estágio	60	3.600	72	4	200	36	2160	2592
	90	5.400	108	6	300	6	540	648
	135	8.100	162	9	450	4	540	648
	180	10.800	216	12	600	1	180	216
ATP	225	13.500	270	-	-	1	225	270
					Total	48	3645	4374

Fonte: RESOLUÇÃO nº1233/2016 -CEPE/UEMA - Hora/aula = 50 min



## 1.8 CONTEÚDOS CURRICULARES

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Filosofia recomendam que o elenco tradicional das disciplinas básicas, a saber, História da Filosofia, Teoria do Conhecimento, Ética, Lógica, Filosofia Geral: Problemas Metafísicos – além de duas matérias científicas, devem ser sabiamente observadas. Isso porque esse elenco vem permitindo a alguns dos melhores cursos do país um ensino flexível e adequado da Filosofia.

Contudo, cabe igual observação a determinadas áreas da Filosofia pelos progressos atingidos nas últimas décadas, entre essas áreas destacam: Filosofia Política, Filosofia da Ciência (ou Epistemologia), Estética, Filosofia da Linguagem e Filosofia da Mente.

No que se aplica, em especial, a licenciatura, serão incluídos os conteúdos definidos para a educação básica, as didáticas próprias de cada conteúdo e as devidas pesquisas que as embasam.

Quadro 7 - Demonstrativo de comprovação de execução dos conteúdos curriculares

Eixo DCN	Conteúdo DCN	Conjunto de disciplinas do Curso que trabalham os conteúdos do DCN
<p>O Curso de Filosofia Licenciatura, utilizando da expressão de Silvio Gallo, apresenta três eixos estruturais, presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais (Resolução nº 03 de 21 de novembro de 2018). É preciso termos em mente que o curso de filosofia não produz um conhecimento pragmático, que dê soluções imediatas para problemas ou ofereça novos produtos no mercado. A principal contribuição é transformar o indivíduo em uma pessoa capaz de fazer análise crítica, rigorosa e profunda em relação a questões das várias dimensões da existência humana individual, social, política, econômica, artística e espiritual. Aspectos já estabelecidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais. Ou seja, diante de uma humanidade que perdeu a capacidade de pensar, como dizia Hannah Arendt, a filosofia pretende fazer este resgate. Ensinar a pensar novamente, fazer com que volte a condição de humanidade.</p>	<p><b>PRIMEIRO EIXO ESTRUTURAL: HISTÓRIA DA FILOSOFIA</b> Que divide os conteúdos nos períodos históricos e, em geral, é organizado a partir da obra dos filósofos. Assim temos uma concepção quadripartida da história. Os períodos históricos podem, ainda, ser subdividido em três períodos: pre socráticos, clássico e helenístico; a história da filosofia medieval pode, por exemplo, ser dividida em dois períodos: Patrística e Escolástica; a filosofia Moderna, por sua vez, é geralmente por áreas teoria do Conhecimento, Filosofia Política, Metafísica e, por vezes, por fenômenos como o iluminismo. Quanto a história da Filosofia Contemporânea, em geral, não se a divide em períodos, mas correntes ou escolas filosóficas, como a fenomenologia e o existencialismo; a liberalismo econômico e o marxismo e outras, assim como acontece no período helenístico o qual normalmente é estudado a partir das Escolas.</p> <p><b>SEGUNDO EIXO ESTRUTURAL: AREA DA FILOSOFIA</b> Constituído pelas Áreas da Filosofia: Ética, Estética, Filosofia da Ciência, Filosofia Política, Lógica, Metafísica, Teoria do Conhecimento e outras. Neste caso, uma vez tomado uma Área, por exemplo, a Metafísica, ela pode ser subdividida nos períodos da História da Filosofia: metafísica em Parmênides e Heráclito; Platão e Aristóteles; Metafísica medieval, Agostinho e Tomás de Aquino; metafísica moderna de Descartes e Leibniz; para o período contemporâneo a crítica à metafísica em Comte e Nietzsche, a metafísica em Heidegger. Em virtude da carga horária, muitas vezes reduzida, os professores decidem por não tentar abordar todos os períodos históricos em que conceitos desta área foram motivo de reflexão</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. História de filosofia Antiga</li> <li>2. História da Filosofia Medieval</li> <li>3. História da filosofia moderna</li> <li>4. História da Filosofia Contemporânea</li> <li>5. História da filosofia no Brasil e América Latina</li> <li>6. Filosofia da História</li> <li>7. Iniciação Filosófica</li> </ol> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Teoria do Conhecimento</li> <li>2. Antropologia filosófica</li> <li>3. Lógica</li> <li>4. Filosofia da ciência</li> <li>5. Filosofia Analítica</li> <li>6. Filosofia do Ser</li> <li>7. Hermenêutica</li> <li>8. Ética</li> <li>9. Filosofia da linguagem</li> <li>10. Estética</li> <li>11. Filosofia da religião</li> <li>12. Filosofia do direito</li> </ol>
	<p><b>TERCEIRO EIXO ESTRUTURAL TEMA DE FILOSOFIA</b> O terceiro estrutural eixo é constituído pela perspectiva que orienta o curso por Temas de Filosofia: Verdade, Conhecimento, Silogismo, Bem, Ser, Essência, Aparência, etc. Facilmente percebe-se que a perspectiva temática também lança mão da história para apresentar as diferentes teorias dos filósofos para os mesmos temas: por exemplo, a Verdade Em Tomás de Aquino; a verdade em Heidegger. Nota-se, igualmente, que os temas</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Filosofia do Ser</li> <li>2. Teoria do Conhecimento</li> <li>3. Lógica</li> <li>4. Filosofia da ciência</li> <li>5. Metafísica</li> </ol>



	podem percorrer mais de uma área, por exemplo, a verdade pode tanto ser tema de Ética quanto de Metafísica; o conhecimento de Lógica ou Teoria do Conhecimento.	
Além dos três eixos apresentados, podemos inserir o eixo tecnológico	<b>EIXO TECNOLÓGICO E GESTÃO</b> Está relacionado com as tecnologias associadas aos instrumentos técnicos estratégias utilizadas na busca da qualidade, produtividade e competitividade das organizações. Abrange ações de planejamento, avaliação e gerenciamento de pessoas e processos referentes a negócios e serviços presentes em organizações públicas ou privadas de todas as partes e ramos de atuação.	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Tecnologias aplicadas ao Ensino de Filosofia</li><li>2. Metodologia do Ensino de Filosofia</li><li>3. Gestão educacional e Escolar</li></ol>

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura, 2020



## 1.9 MATRIZ CURRICULAR

Quadro 8 - Matriz Curricular do Curso de Filosofia Licenciatura

<b>DISCIPLINAS</b>	<b>CH</b>
1. Iniciação Filosófica	60
2. Antropologia Filosófica	60
3. Metodologia Científica	60
4. Sociologia da Educação *	60
5. Língua Brasileira de Sinais *	60
6. Psicologia da Educação *	60
7. Ensino e Pesquisa em Problemas Filosóficos	60
8. Teoria do Conhecimento	60
9. Leitura e Redação Filosófica	60
10. Lógica	60
11. Filosofia da Educação	60
12. Filosofia da Ciência	60
13. Filosofia Política	60
14. Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Filosofia	60
15. Avaliação Educacional e Escolar	60
16. Ensino e Pesquisa em História da Filosofia	60
17. Filosofia Analítica	60
18. Filosofia do Ser	60
19. Política Educacional Brasileira *	60
20. Didática *	60
21. História da Educação Brasileira	60
22. Metodologia do Ensino de Filosofia	60
23. História da Filosofia no Brasil e América Latina	60
24. Hermenêutica	60
25. Filosofia da História	60
26. Educação Especial e Inclusiva *	60
27. Filosofia da Linguagem	60
28. Filosofia da Religião	60

29. Estética	60
30. Gestão Educacional e Escolar	60
31. Currículo	60
32. Ensino e Pesquisa em Temas Filosóficos	60
33. Metodologia da Pesquisa Filosófica	60
34. Filosofia do Direito	60
35. Optativa I	60
36. Optativa II	60
37. História da Filosofia Antiga	90
38. História da Filosofia Medieval	90
39. História da Filosofia Moderna	90
40. História da Filosofia Contemporânea	90
41. Ética	90
42. Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar	90
43. Prática Curricular na Dimensão Político Social	135
44. Prática Curricular na Dimensão Educacional	135
45. Prática Curricular na Dimensão Escolar	135
46. Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Finais do Ensino Fundamental	135
47. Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio	180
48. Atividade Teórico – Prática - ATP	225
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC	0
<b>Total</b>	<b>3645</b>

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura, 2020.

### 1.9.1 Estrutura curricular

Como se poderá verificar o Currículo do Curso de Licenciatura em Filosofia tem sua estrutura e sua organização em núcleos integradores responsáveis pela integralização curricular, são eles:

✓ Núcleo Específico (NE) – é o conjunto de conteúdos programáticos que caracterizam a formação profissional. O NE será ministrado em disciplinas profissionalizantes, cujo elenco será determinado no PPC. (UEMA, 2019);

✓ Núcleo Comum (NC) – entendido como o conjunto das disciplinas

obrigatórias cujos conteúdos estão voltados para a formação do profissional, que considerando a diversidade e a multiculturalidade da sociedade brasileira, estabelece estudos pertinentes às realidades educacionais, de reflexão e de críticas, articulando determinados princípios, concepções e critérios que, oriundos de diferentes áreas do conhecimento, permitem o desenvolvimento da pessoa em observância ao todo complexo da sociedade. Tal conhecimento multidimensional sobre o ser humano em situações de aprendizagem exige a aplicação de estudos municiados em amplas teorias e metodologias pedagógicas, bem como de outros campos do conhecimento (UEMA, 2019);

✓ Núcleo Livre (NL) – é o conjunto de conteúdos programáticos que objetiva garantir liberdade ao aluno para ampliar sua formação, é composto pelas disciplinas Optativas/Eletivas entre as oferecidas no âmbito da universidade, cuja carga horária corresponde é de 120 (cento e vinte) horas. (UEMA, 2019).

Quadro 9 - Estrutura Curricular do Curso de Filosofia Licenciatura

 <b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO</b>						
<b>ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA PRESENCIAL</b>						
<b>Vigência a partir: 2021</b>						
Ord.	1º PERÍODO - DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	História da Filosofia Antiga	NE	90	6	0	6
2	Iniciação Filosófica	NE	60	4	0	4
3	Antropologia Filosófica	NE	60	4	0	4
4	Língua Brasileira de Sinais-Libras	NC	60	4	0	4
5	Psicologia da Educação	NC	60	4	0	4
6	Sociologia da Educação	NC	60	4	0	4
7	Metodologia Científica	NC	60	4	0	4
<b>SUBTOTAL</b>			<b>450</b>	<b>30</b>	<b>0</b>	<b>30</b>
Ord.	2º PERÍODO - DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	Leitura e Redação Filosófica	NE	60	4	0	4
2	Filosofia da Educação	NC	60	4	0	4
3	Ensino e Pesquisa em Problemas Filosóficos	NE	60	4	0	4
4	Teoria do Conhecimento	NE	60	4	0	4
5	Lógica	NE	60	4	0	4
6	História da Filosofia Medieval	NE	90	6	0	6



7	Prática Curricular na Dimensão Político-Social	NE	135	0	3	3
<b>SUBTOTAL</b>			<b>525</b>	<b>26</b>	<b>3</b>	<b>29</b>
Ord.	3º PERÍODO - DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	História da Filosofia Moderna	NE	90	6	0	6
2	Filosofia da Ciência	NE	60	4	0	4
3	Filosofia Política	NE	60	4	0	4
4	Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Filosofia	NE	60	4	0	4
5	Avaliação Educacional e Escolar	NE	60	4	0	4
6	Ensino e Pesquisa em História da Filosofia	NE	60	4	0	4
7	Prática Curricular na Dimensão Educacional	NE	135	0	3	3
<b>SUBTOTAL</b>			<b>525</b>	<b>26</b>	<b>3</b>	<b>29</b>
Ord.	4º PERÍODO - DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	Didática	NC	60	4	0	4
2	Filosofia Analítica	NE	60	4	0	4
3	Filosofia do Ser	NE	60	4	0	4
4	Política Educacional Brasileira	NC	60	4	0	4
5	História da Educação Brasileira	NC	60	4	0	4
6	História da Filosofia Contemporânea	NE	90	6	0	6
7	Prática Curricular na Dimensão Escolar	NE	135	0	3	3
<b>SUBTOTAL</b>			<b>525</b>	<b>26</b>	<b>3</b>	<b>29</b>
Ord.	5º PERÍODO - DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	Metodologia do Ensino de Filosofia	NE	60	4	0	4
2	História da Filosofia no Brasil e América Latina	NE	60	4	0	4
3	Hermenêutica	NE	60	4	0	4
4	Optativa I	NL	60	4	0	4
5	Filosofia da História	NE	60	4	0	4
6	Educação Especial e Inclusiva	NC	60	4	0	4
<b>SUBTOTAL</b>			<b>360</b>	<b>24</b>	<b>0</b>	<b>24</b>
Ord.	6º PERÍODO - DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	Ética	NE	90	6	0	6
2	Filosofia da Linguagem	NE	60	4	0	4
3	Metodologia da Pesquisa Filosófica	NE	60	4	0	4
4	Estética	NE	60	4	0	4
5	Gestão Educacional e Escolar	NC	60	4	0	4
6	Currículo	NC	60	4	0	4
<b>SUBTOTAL</b>			<b>390</b>	<b>26</b>	<b>0</b>	<b>26</b>
Ord.	7º PERÍODO - DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total



				Teóricos	Práticos	
1	Ensino e Pesquisa em Temas Filosóficos	NE	60	4	0	4
2	Filosofia da Religião	NE	60	4	0	4
3	Filosofia do Direito	NE	60	4	0	4
4	Optativa II	NL	60	4	0	4
5	Estágio Curricular Supervisionado nos anos finais do Ensino Fundamental	NE	135	0	3	3
<b>SUBTOTAL</b>			<b>375</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	<b>19</b>
Ord.	8º PERÍODO - DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio	NE	180	0	4	4
2	Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar	NE	90	0	2	2
3	Atividades Teórico-Práticas - ATP	-	225	0	5	5
4	Trabalho de Conclusão de Curso - TCC	-	0	0	0	0
<b>SUBTOTAL</b>			<b>495</b>	<b>0</b>	<b>11</b>	<b>11</b>
<b>CARGA HORÁRIA E CRÉDITOS TOTAIS DO CURSO</b>			<b>3.645</b>	<b>174</b>	<b>23</b>	<b>197</b>

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura, 2020.

Quadro 10 - Componentes curriculares por Núcleo – Específico e ATP

NÚCLEO ESPECÍFICO					
Ord.	DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
			Teóricos	Práticos	
1	História da Filosofia Antiga	90	6	0	6
2	Iniciação Filosófica	60	4	0	4
3	Antropologia Filosófica	60	4	0	4
4	Leitura e Redação Filosófica	60	4	0	4
5	Ensino e Pesquisa em Problemas Filosóficos	60	4	0	4
6	Teoria do Conhecimento	60	4	0	4
7	Lógica	60	4	0	4
8	História da Filosofia Medieval	90	6	0	6
9	História da Filosofia Moderna	90	6	0	6
10	Filosofia da Ciência	60	4	0	4
11	Filosofia Política	60	4	0	4
12	Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Filosofia	60	4	0	4
13	Avaliação Educacional e Escolar	60	4	0	4
14	Ensino e Pesquisa em História da Filosofia	60	4	0	4
15	Filosofia Analítica	60	4	0	4
16	Filosofia do Ser	60	4	0	4
17	História da Filosofia Contemporânea	90	6	0	6



18	Metodologia do Ensino de Filosofia	60	4	0	4
19	História da Filosofia no Brasil e América Latina	60	4	0	4
20	Hermenêutica	60	4	0	4
21	Filosofia da História	60	4	0	4
22	Ética	90	6	0	6
23	Filosofia da Linguagem	60	4	0	4
24	Filosofia do Direito	60	4	0	4
25	Filosofia da Religião	60	4	0	4
26	Estética	60	4	0	4
27	Ensino e Pesquisa em Temas Filosóficos	60	4	0	4
28	Metodologia da Pesquisa Filosófica	60	4	0	4
29	Prática Curricular na Dimensão Político-Social	135	0	3	3
30	Prática Curricular na Dimensão Educacional	135	0	3	3
31	Prática Curricular na Dimensão Escolar	135	0	3	3
32	Estágio Curricular Supervisionado nos anos finais do Ensino Fundamental	135	0	3	3
33	Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio	180	0	4	4
34	Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar	90	0	2	2
35	<b>Total NE</b>	<b>2640</b>	<b>122</b>	<b>18</b>	<b>140</b>
36	Atividades Teórico-Práticas - ATP	225	0	5	5
37	<b>Total</b>	<b>2865</b>	<b>122</b>	<b>23</b>	<b>145</b>

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura, 2020.

Quadro 11 - Componentes curriculares por Núcleo - Comum

NÚCLEO COMUM					
Ord.	DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
			Teóricos	Práticos	
1	Língua Brasileira de Sinais-Libras	60	4	0	4
2	Psicologia da Educação	60	4	0	4
3	Sociologia da Educação	60	4	0	4
4	Metodologia Científica	60	4	0	4
5	Filosofia da Educação	60	4	0	4
6	Didática	60	4	0	4
7	Política Educacional Brasileira	60	4	0	4
8	História da Educação Brasileira	60	4	0	4
9	Educação Especial e Inclusiva	60	4	0	4
10	Gestão Educacional e Escolar	60	4	0	4



11	Currículo	60	4	0	4
<b>TOTAL</b>		<b>660</b>	<b>44</b>	<b>0</b>	<b>44</b>

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura 2020

Quadro 12 - Componentes curriculares por Núcleo - Livre

<b>NÚCLEO LIVRE</b>					
<b>Ord.</b>	<b>DISCIPLINAS</b>	<b>CH</b>	<b>Créditos</b>		<b>Total</b>
			<b>Teóricos</b>	<b>Práticos</b>	
1	Tópicos Emergentes	60	4	0	4
2	Leitura e Produção Textual	60	4	0	4
3	Psicologia	60	4	0	4
4	Sociologia	60	4	0	4
5	Tema de Justiça e Direitos Humanos	60	4	0	4
6	Cosmologia	60	4	0	4
7	Teoria Contemporânea da Democracia	60	4	0	4
8	Teoria Crítica	60	4	0	4
9	Educação a Distância	60	4	0	4
10	Filosofia da Mente	60	4	0	4
<b>TOTAL EXIGIDO PARA INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR</b>		<b>120 h</b>			

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura, 2020.

NOTA: Total exigido para integralização curricular no Núcleo Livre – de 120h a 240h.  
(Art. 48 Resolução nº 1369/2019- CEPE/CONSUN)

## 1.9.2 Ementários e referências das disciplinas do Curso

1º PERÍODO	
DISCIPLINA: <b>HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA</b>	CH. 90 h
<b>EMENTA</b>	
Nascimento da filosofia, os primeiros filósofos, Sócrates, Platão e Aristóteles, a trajetória da filosofia helenista até as escolas pagãs do primeiro século da era cristã.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>	
ARISTÓTELES. <b>Metafísica</b> . 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.	
_____. <b>Ética a Nicômaco</b> . Tradução e notas de Mario da Gama Cury. 2. ed. Brasília: EdUNB, 1992.	
CICERÓN, Marco Tulio. <b>Disputaciones Tusculanas</b> . Introducción, traducción y notas de Alberto Medina González. Madrid: Editorial Gredos, 2005.	
CHAUÍ, Marilena. Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Cia das Letras, 2002.	
CHAUÍ, Marilena. Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas. São Paulo: Cia das Letras, 2010.	
FINLEY, Moses. <b>O legado da Grécia antiga</b> . Brasília: EdUnb, 1998.	
GUTHRIE. W. K. C. <b>Os Sofistas</b> . Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulos, 1995.	
HADOT, Pierre. <b>O que é filosofia antiga?</b> 3.ed. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2008.	
HESÍODO. <b>Teogonia</b> : a origem dos deuses. Estudos e tradução de Jaa Torrano. 6. ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.	
_____. <b>Os trabalhos e os dias</b> . Tradução, introdução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.	
HOMERO. <b>Íliada</b> . Tradução de Frederico Lourenço; Introdução e apêndices de Peter Jones; Introdução à edição de 1950 de E. V. Rieu. São Paulo: Penguin Cia das Letras, 2013.	
_____. <b>Odisseia</b> . Tradução de Frederico Lourenço; Introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Cia das Letras, 2011.	
LAERTIOS, Diôgenes. <b>Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres</b> . Tradução, introdução e notas de Mario da gama kury. Brasília: EdUnb, 2008.	
REALE, Giovanni. <b>História da filosofia Antiga</b> . Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2005.5v.	
PLATÃO. <b>A República</b> . Trad. Maria Helena da Rocha Pereira, Calouste Gulbenkian, Lisboa. 2001.	
PLOTINO. <b>Tratados das Enéadas</b> . Trad. Américo Sommermam, Polar Editorial, São Paulo, 2000.	
TUCIDIDES. <b>História da Guerra do Peloponeso</b> . Trad. Mário da Gama Curi, UnB, Brasília, 1999.	
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>	



COPLESTON, Frederick- **História de la Filosofia**, vol. II, Editorial Ariel, Barcelona.  
REALE, Giovanni. **História da filosofia Antiga**. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2005.5v.

\_\_\_\_\_ **O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais**. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 1999.

RICOEUR, Paul. **Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles**. Tradução de Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

THOMAS, Rosalind. **Letramento e oralidade na Grécia antiga**. Tradução de Raul Filker. São Paulo: Odysseus, 2005.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

\_\_\_\_\_ **Mito e pensamento entre os gregos**. Tradução portuguesa de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.



**1º PERÍODO**

**DISCIPLINA: INICIAÇÃO FILOSÓFICA**

CH. 60 h

**EMENTA:**

Conceitos filosóficos, caracterização de problema, reflexão, conhecimento, valor e crítica filosófica. O conhecimento filosófico; natureza e objeto. Fundamentação filosófica do homem e do mundo. A crítica do conhecimento. A sociedade, o estado e os valores no tempo e no espaço. As correntes filosóficas e a realidade.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

BORNHEIM, Gerd A **Introdução ao Filosofar**. 8. ed. São Paulo: Editora Globo, 1989.

BUZZI, Arcângelo. **Introdução ao Pensar**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MATOS, Olgária. **Filosofia – a polifonia da razão**. São Paulo: Scipione, 1987.

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

PERINE, Marcelo. **Ensaio de iniciação ao filosofar**. São Paulo: Loyola, 2007.

PORTA, Mario A. G. **A filosofia a partir dos seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2002.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 1994.(v,1).

COSSUTTA, Frédéric. **Elementos para a leitura de textos filosóficos**. Tradução por Ângela de Noronha. Begnani. *et al.* São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MUCHAIL, Salma T.(org.). **A Filosofia e seu Ensino**. Petrópolis: Vozes São Paulo: EDUC, 1995.



**1º PERÍODO**

**DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA**

CH. 60 h

**EMENTA:**

A Antropologia Filosófica. As principais concepções de Homem desenvolvidas ao longo da história da filosofia ocidental. Estruturas que constituem o ser do homem. Relações Fundamentais do Ser humano: o homem como ser aberto ao mundo; a liberdade; a intersubjetividade; a transcendência.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

DE BONI, Luís Alberto. **Antropologia: perspectivas filosóficas**. Porto Alegre: UCS/EST, 1976.

FOUCAULT, Michel. **Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant**. São Paulo: Editora Loyola, 2011.

HABERMAS, Jürgen. **A constelação pós-nacional: ensaios políticos**. Tradução de Márcio Seligman-Silva. São Paulo: Littera Mundi, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos**. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Tradução de Celia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos A. R. de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem: para uma nova antropologia**. Rio de Janeiro. 1975.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demais humano**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

DE BONI, Luís Alberto. **Antropologia; Perspectivas Filosóficas**. Porto Alegre: UCS/EST, 1976.

OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. **Antropologia filosófica contemporânea: subjetividade e inversão teórica**. São Paulo: Paulus, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Forum Social Mundial**. São Paulo: Cortez, 2005.

SANSON, César. Quarta revolução industrial e a sociedade dos desiguais. **Revista da IHU**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/568218-quarta-revolucao-industrial-e-a-sociedade-dos-desiguais>. Acesso em: 30 de dezembro de 2020.



\_\_\_\_\_. **Trabalho e subjetividade ; da sociedade industrial à sociedade pós-industrial.** Cadernos IHU, São Leopoldo/RSano 8, nº 32, 2010. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/032cadernosihu.pdf>. Acesso em: 30 de dezembro de 2020.

VAZ, Henrique C.L. **Antropologia Filosófica I.** São Paulo: Edições Loyola, 1993.

\_\_\_\_\_. **Antropologia Filosófica II.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.

MARQUES, Jordino. **Descartes e sua concepção de homem.** São Paulo: Loyola, 1993.



**1º PERÍODO**

**DISCIPLINA: LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)**

CH. 60 h

**EMENTA:**

Proporcionar conhecimentos específicos sobre os aspectos socio-histórico da inclusão social de pessoas surdas, e o aspecto gramatical e prático da Libras, contribuindo na quebra de barreiras comunicacionais e atitudinais.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. Inclusão - **Revista da Educação Especial/MEC**, Brasília, v.1, n. 3, out.2006.

CAPOVILLA, Fernando César, RAPHAEL, Walquiria Duarte. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O mundo do Surdo em Libras-** Fapesp. Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: Artemed, 2003.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua e essa?** São Paulo: Editora Parábola.1.ed. 2009.

MANTOAN, T. E. **Inclusão Escolar O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2015.

QUADROS, R. M. P., Gladis (org.). **Estudos surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice Muller de & Magali L. P. Schmiedt. **Ideias para ensinar português para alunos surdos -** Brasília: MEC, SEESP, 2006.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

QUADROS, R. M. P. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**, Porto Alegre: Artemed, 2003.

SACKS, Oliver. **VENDO VOZES - Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.

SKLIAR, Carlos. (org.). **Educação & Exclusão: abordagens socioantropologicas em educação especial**. Porto Alegre: mediação, 1997.

\_\_\_\_\_. **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. (org.). Porto Alegre: Mediação, 1999.

FELIPE, Tânia A. **Libras em Contexto: Curso Básico**, Brasília: Secretaria de Educação Especial/MEC, 2004.

VIGOTSKI. L.S. **Pensamento e Linguagem** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Série Psicologia e Pedagogia).



**1º PERÍODO**

**DISCIPLINA: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

CH. 60 h

**EMENTA:**

Fundamentos da Psicologia. Os fenômenos psicológicos do comportamento: agir, sentir, pensar. Dinâmica do pensamento humano. A personalidade: conceito, tipos e características.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

BOCK, Ana Maria Bahia *et al.* **Psicologia**: uma introdução ao estudo da psicologia. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

FERREIRA, May Guimarães. **Psicologia Educacional**: análise crítica. São Paulo: Cortez, 1987.

GOULART, Íris Barbosa. **Psicologia da Educação**: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos Psicobiológicos da Educação**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1987.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoleti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: Editora EPU, 1986.

MOREIRA, Antônio Marcos. **Ensino Aprendizagem**: enfoques teóricos. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

OLIVEIRA, João Araújo & Chaiwick, Clifton. **Tecnologia Educacional**. Petrópolis. Editora: Vozes, 1987.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizagem e desenvolvimento, um processo socio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

CÓRIA, Sabini Maria Aparecida. **Fundamentos de psicologia educacional**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FALÇÃO, Gerson Marinho. **Psicologia da Aprendizagem**. São Paulo. Ática, 1986.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: Aprendizagem e desenvolvimento- um processo socio-histórico. São Paulo: Scpione, 1993.

PATTO, Maria Helena. **Introdução à Psicologia Escolar**. Rio de Janeiro. Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Psicologia do Ensino Aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 1980.

RIZEK, Karina, MENDES, Roseana Pereira & outros. **Educação de crianças e Programa de Formação de Professores de Educação Infantil**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005.

VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

**1º PERÍODO**



<b>DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO</b>	CH. 60 h
<b>EMENTA:</b> Sociologia da Educação: Tendências teóricas do pensamento Positivista- Funcionalista, Estruturalista, Crítico-Reprodutivista e sua influência na educação brasileira. Socialização, Família e Educação. Desigualdades Sociais, Exclusão Social e sua interferência na desigualdade e exclusão escolar. A escola e os Movimentos Sociais, Estado, Sociedade e Educação: O Público e o privado e a análise sociológica das políticas na educação brasileira. Análise sociológica do Currículo.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> CARVALHO, Alonso Bezerra de; BRANDÃO, Carlos da Fonseca. <b>Introdução à sociologia da cultura</b> , São Paulo: Evercamp, 2005. DEMO, Pedro. <b>Sociologia da Educação: sociologia e suas oportunidades</b> . Brasília: Plano Editora, 2004. FRANCO, Luís Antonio de Carvalho. <b>A escola de trabalho da escola</b> . São Paulo: Cortez, 1991. GOH, Maria da Glória. <b>Movimentos sociais e a educação</b> . São Paulo Cortez, 1994. KRUPPA, Sônia M. Portella. <b>Sociologia da educação</b> . São Paulo: Cortez, 1994. MEKSENAS, Paulo. <b>Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social</b> . São Paulo: Loyola, 1998. MELLO, Guiomar de. <b>Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio</b> . São Paulo: Cortez, 1995. OLIVEIRA, Betty. A; DUARTE, Newton. <b>Socialização do saber escolar</b> . São Paulo: Cortez, 1990. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. <b>Ideologia alemã</b> . São Paulo: Hucitec, 1991. <b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:</b> CARVALHO. Alonso Bezerra de, SILVA, Wilton Carlos Lima da. <b>Sociologia e Educação</b> , São Paulo: Avercamp, 2006. LENHARD, Rudolf. <b>Sociologia educacional</b> . São Paulo: Ploneira, 1985. RODRIGUES, Neidson. <b>Estado, educação e desenvolvimento econômico</b> . São Paulo: Cortez, 1995. TOSCANO, Moema. <b>Sociologia da educação</b> . Rio de Janeiro: Vozes, 1984.	



<b>1º PERÍODO</b>	
<b>DISCIPLINA: METODOLOGIA CIENTÍFICA</b>	CH. 60 h
<b>EMENTA:</b> A construção do conhecimento científico: paradigmas atuais. Ciência e pesquisa. Hipóteses, leis e teorias. A produção de textos científicos na graduação: tipos e funções. Resumo, resenha, artigo e monografia. Aspectos lógicos e técnicos do trabalho científico.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> ANDRADE, Maria Margarida de. <b>Introdução à metodologia do trabalho científico</b> . São Paulo: Altas, 2000. AZEVEDO, Israel Belo de. <b>O prazer da produção científica</b> . 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. BURGE, Mario. <b>Ciência e desenvolvimento</b> . Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. CERVO, L. e BERVIAN P. A. <b>Metodologia científica</b> . São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 2000. DEMO, Pedro. <b>Introdução à metodologia da ciência</b> . São Paulo: Atlas, 2001. BARROS, A. J.; LENFEILD, N. A. S. <b>Projeto de pesquisa: propostas metodológicas</b> . 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. DENCKER, Ada de Freitas Maneti; VIA, Sarah Chucid da. <b>Pesquisa empírica em ciências humanas</b> . São Paulo: Futura, 2001. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. <b>Fundamentos de metodologia científica</b> . 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. RÚDIO, F. V. <b>Introdução ao projeto de pesquisa científica</b> . 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. <b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:</b> RUIZ, João Álvaro. <b>Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos</b> . São Paulo, Atlas: 2000. SANTOS, Izequias Estevam dos. <b>Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2001. SEVERINO, Antônio Joaquim. <b>Metodologia do Trabalho Científico</b> . 21. ed. Rev. e Ampliada. São Paulo: Cortez, 2000. THIOLLENT, Michel. <b>Metodologia da pesquisa</b> . São Paulo: Cortez, 1999.	



**2º PERÍODO**

**DISCIPLINA: LEITURA E REDAÇÃO FILOSÓFICA**

CH. 60 h

**EMENTA:**

A partir da leitura de textos clássicos da História da Filosofia, esta disciplina tem por objetivo: (1) o exercício de interpretação dos textos segundo métodos de análise conceitual e argumentativa; (2) o exercício de confecção de textos interpretativos, conforme as normas técnicas pertinentes e critérios de clareza e consistência lógica da argumentação; (3) o exercício de habilidades discursivas (de exposição e discussão) ligadas à interpretação e transmissão da filosofia.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

COSSUTTA, Frédéric. **Elementos para a leitura de textos filosóficos**. Tradução de Ângela de Noronha Bagnani. *et al.* São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CUNHA, José Auri. **Iniciação à investigação filosófica: um convite ao filosofar**. Campinas: Editora Alínea, 2009.

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DESCARTES, René. **Obras escolhidas**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FOLSCHIED, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jaques. **Metodologia filosófica**. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores).

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Os pensadores).

PLATÃO. **A República**. Belém: EDUFPA, 2000.

PORTA, Mario A. G. **A filosofia a partir dos seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2002.

RUSS, Jacqueline. **Os métodos em filosofia**. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Como se ler um texto de filosofia**. São Paulo: Paulus, 2008.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PORTA, Mario A. G. **A filosofia a partir dos seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Como se ler um texto de filosofia**. São Paulo: Paulus, 2008.



**2º PERÍODO**

**DISCIPLINA: FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

CH. 60 h

**EMENTA:**

Filosofia da Educação e suas raízes históricas. Fundamentos filosóficos da educação: concepção humanista – tradicional e moderna. A Filosofia da práxis e a dimensão ontológica da educação. Problemas básicos em Filosofia da Educação. Educando e educador: ideologia e utopia, repressão e libertação. Filosofia da educação no contexto brasileiro.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

GILES, Thomas Ranson. **Filosofia da educação**. São Paulo: EPU, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KNELLER, George F. **Introdução à filosofia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

ALVAREZ, A. **A voz do escritor**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

POMBO, Olga. **Quatro textos excêntricos: Hannah Arendt, Eric Weil, Bertrand Russell, Ortega y Gasset**. Seleção, prefácio e tradução Olga Pombo. Porto: Relógio D'Água, 2000.

ROHDEN, Luís. **Hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 1994.



## 2º PERÍODO

**DISCIPLINA: ENSINO E PESQUISA EM PROBLEMAS  
FILOSÓFICOS**

CH. 60 h

### EMENTA:

Ensinar a discutir os problemas da Filosofia, começando pelos mais acessíveis e avançando para os mais difíceis. O que é realmente o problema filosófico? Como podemos formulá-lo com precisão? O que está em causa? Por que razão é importante? Não será antes uma confusão, um falso problema? Aprender a discutir e ensinar ideias filosóficas; a rever as suas posições, a ter em consideração contra-argumentos e contraexemplos, aprender a ver alternativa diante de um problema filosófico.

### REFERÊNCIAS BÁSICAS:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**. Ciências Humanas e suas Tecnologias e Conhecimentos de Filosofia. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, DF, 2006.3v.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**, Autêntica, São Paulo, 2009.

CHITOLINA, Claudinei Luiz. **Para ler e escrever textos filosóficos**. São Paulo: Ideias e Letras, 2015.

COSSUTTA, Frédéric. **Elementos para a leitura de textos filosóficos**. Tradução de Ângela de Noronha Bagnani *et al.* São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_ **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2005.

FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jaques. **Metodologia filosófica**. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GUÊROULT, Martial. **Lógica, arquitetura e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos**. In: *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 30(1): 235-246, 2007.

GOLDSCHMIDT, Victor. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos**. In: *A religião de Platão*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963. p.139-147.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus Editora, 2012.

LEÃO, Lourdes Meireles. **Metodologia do estudo e pesquisa: facilitando a vida dos estudantes, professores e pesquisadores**. Petrópolis: Vozes, 2016.

PAVIANI, Jayme. **O problema da filosofia da educação**. Editora EDUCS, 2010.

PORTA, Mario A. G. **A filosofia a partir dos seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2002.

RIBAS, Maria Alice Coelho (org.). *et al.* **Filosofia e ensino: a filosofia na escola**. Ijuí: Unijuí, 2005.

RUSS, Jaqueline. **Filosofia: os autores, as obras**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.



\_\_\_\_\_ **Os métodos em filosofia.** Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

RUSSEL, Bertrand. **Os problemas da filosofia**, Portugal/Lisboa: Edição 70 , 2008.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar (org.). **Filosofia no ensino médio.** Petrópolis: Vozes, 2000.

RAFFIN, Françoise. **Pequena introdução à filosofia.** Tradução de Constância Morel e Ana Flaksman. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** 12. ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Como se ler um texto de filosofia.** São Paulo: Paulus, 2008.



**2º PERÍODO**

**DISCIPLINA: TEORIA DO CONHECIMENTO**

CH. 60 h

**EMENTA:**

A problemática do conhecimento. Possibilidades e limites do conhecimento humano. O conhecimento em seus diversos sentidos: senso comum, conhecimento científico, conhecimento teológico, conhecimento filosófico. Origem e estrutura do conhecimento: racionalismo, empirismo, apriorismo/criticismo kantiano. O conhecimento sensível e o conhecimento abstrato. O problema da verdade e seu critério. Hermenêutica e a possibilidade do conhecimento.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

BAZARRIAN, Jacob. **O problema da verdade**. São Paulo: Editora alfa-omega, 1994.  
COSTA, José André da. **Modernidade e Pós-Modernidade**. Passo Fundo - RS: Berthier, 1996.

DAVIDSON, Donald. **Ensaio sobre a verdade**. São Paulo: Unimarco, 2002.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

HESSEM, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. Coimbra: Editora Armênio Amado, 1980.

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1978.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.



**2º PERÍODO**

**DISCIPLINA: LÓGICA**

CH. 60 h

**EMENTA:**

A problemática do conhecimento. Possibilidades e limites do conhecimento humano. O conhecimento em seus diversos sentidos: senso comum, conhecimento científico, conhecimento teológico, conhecimento filosófico. Origem e estrutura do conhecimento: racionalismo, empirismo, apriorismo/criticismo kantiano. O conhecimento sensível e o conhecimento abstrato. O problema da verdade e seu critério. Hermenêutica e a possibilidade do conhecimento.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

FREGE, G. **Fundamentos de la Aritmética. Investigación lógico-matemática sobre el concepto de número.** Barcelona: Laia, 1972.

HEMPEL, C. **Filosofía de la ciência natural.** Madrid: Alianza, 1977.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura.** Lisboa: Gulbenkian, 1989.

RUSSELL, B. **Introducción a la filosofía matemática.** Barcelona: Paidós, 1988.

SCRUTON, R. **Introdução a filosofia moderna.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

FREGE, G. **Fundamentos de la Aritmética. Investigación lógico-matemática sobre el concepto de número.** Barcelona: Laia, 1972.

HEMPEL, C. **Filosofía de la ciência natural.** Madrid: Alianza, 1977.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura.** Lisboa: Gulbenkian, 1989.

POPPER, K. **Conhecimento Objetivo.** São Paulo: Edusp/Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.



**2º PERÍODO**

**DISCIPLINA: HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL**

CH. 60 h

**EMENTA:**

Caracterização da Filosofia Medieval; a herança do pensamento grego e a relação entre filosofia e teologia. A patrística e a escolástica, herança do pensamento cristão para outras épocas. Estudo das principais questões, metafísicas, cosmológicas e gnosiológicas e das soluções propostas pela filosofia no período compreendido entre a Patrística e o século XV.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

BOEHNER, Philotheus ; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes. 1970.

BRÉHIER, Emile. **História da Filosofia**, tomo I. Fascículo 2 e 3. São Paulo: Editora Mestre Jou. 1977.

CHATELET, François. **História da Filosofia**, vol. II, Zahar Editores, Rio de Janeiro. 1982.

COPLESTON, Frederick- **História de la Filosofia**, vol. II. Barcelona: Editorial Ariel. 2011.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

GILSON, Etienne. **A filosofia na idade média**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HIRSCHBERGER, Johannes . **História da Filosofia da Idade Média**. São Paulo: Editora Herder. 1968.



**2º PERÍODO**

**DISCIPLINA: PRÁTICA CURRICULAR NA DIMENSÃO  
POLÍTICO-SOCIAL**

CH. 135h

**EMENTA:**

Sociedade e educação: o papel do educador na sociedade atual. Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio. A Filosofia na Educação básica: contexto histórico. Filosofia e interdisciplinaridade. Implicações didático-pedagógicas do ensino da Filosofia. Diretrizes para a elaboração de um programa de Filosofia para a educação básica. A Filosofia na Educação básica no Maranhão. O professor e o aluno de Filosofia.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ARANTES, Paulo ET al. **Filosofia e seu ensino**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CARTOLANO, Maria Tereza Penteadó. **Filosofia no ensino de 2º grau**. São Paulo: Cortez, 1985.

CASTRO, Eder Alonso. **Ensinar Filosofia. Por quê? Para quê? Para quem?** In: **Revista Fac. Claretianas**, Batatais: n. 8, jan./dez. 1999, p. 43-50.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

GALLO, Sílvio (coord.). **Ética e Cidadania: caminhos da filosofia**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

KOHAN, Walter Omar (org.). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



**3º PERÍODO**

**DISCIPLINA: HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA**

CH. 90h

**EMENTA:**

Estudo das principais questões e das soluções propostas pela filosofia em vigor no período entre os séculos XVIII e XIX: o empirismo, o racionalismo e o ceticismo, bem como o idealismo transcendental e o idealismo absoluto.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

DESCARTES, René. **Discurso do método; Meditações metafísicas** [e outros textos]. Introd. de G. G. Granger; pref. e notas de G. Lebrun; trad. de J. Guinsburg e B. Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores várias reedições).

ENGELS, Friedrich, MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. de Alexandre F. Morujão e Manuela P. dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

HUME, D. **Tratado da Natureza Humana**. Tradução de D. Danowski. São Paulo: Edunesp, 2001.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

COTTINGHAM, John. **A filosofia de Descartes**. Lisboa: Edições 70, 1989.

DELEUZE, G. **A filosofia crítica de Kant**. Tradução de G. Franco. Lisboa: Edições 70, 1987.

HOFFE, O. **Immanuel Kant**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KOYRÉ, Alexandre. **Considerações sobre Descartes**. Lisboa: Presença, 1980.



**3º PERÍODO**

**DISCIPLINA: FILOSOFIA DA CIÊNCIA**

CH. 60h

**EMENTA:**

Estudo dos problemas filosóficos em relação à ciência: Filosofia e Ciência. A concepção da ciência na tradição filosófica. Positivismo, Historicismo e Criticismo. Estudo dos problemas contemporâneos da filosofia da ciência. Diferença das epistemologias específicas. Estudo de Popper, Kuhn, Lakatos, Gadamer, Habermas, entre outros.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

CHALMERS, A. E. **O que é ciência, afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.  
DESCARTES, R. Discurso sobre o Método. *In:* Col. **“Os Pensadores”**, vol. “Descartes”. 1.ed.São Paulo: Abril, 1973.

HOLLIS, M. **Filosofia: um convite.** São Paulo: Loyola, 1996.

HUME, D. **Investigação sobre o entendimento humano.** *In:* Col. **“Os Pensadores”** 1.ed. vol. “Berkeley e Hume”. São Paulo: Abril, 1973.

KUHN, T. **A Estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1975.  
NIETZSCHE, F. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. *In:* Col. **“Os Pensadores”**, vol. “Nietzsche”. São Paulo: Abril, 1974.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

PLATÃO. Teêto. *In:* **Diálogos** Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará/Cia. Editora Americana, 1973.9v.

POPPER, K. **Conjecturas e refutações.** Brasília: UNB, 1982.

SEXTO EMPÍRICO. **Esbozo del Pirronismo**, libro I, *Cadernos de Filosofia y Letras.* Vol. 10, números 1-4,1989.

WARTOFSKY, M. **Introducción a la filosofía de la ciencia.** Madrid: Alianza, 1973.



**3º PERÍODO**

**DISCIPLINA: FILOSOFIA POLÍTICA**

CH. 60h

**EMENTA:**

Introdução histórica à filosofia política, origem da democracia e do totalitarismo, a tradição clássica: política greco-romana; a política na Idade Média e a ruptura com o surgimento da ciência política. A filosofia política e as teorias do estado moderno; teorias do contrato social e das obrigações políticas. O Capitalismo, Marxismo e Anarquismo.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

CHÂTELET, François. **História das ideias políticas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CHEVALIER, Jean-Jaques. **História do pensamento político, tomo 1**: da Cidade-Estado ao apogeu do Estado-Nação monárquico. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

\_\_\_\_\_. **História do pensamento político, tomo 2**: o declínio do Estado-Nação monárquico. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

WEIL, Eric. **Filosofia Política**. 2. ed. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2013.

WEFFORT, Francisco (org.). **Os clássicos da política**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2001.2v.



**3º PERÍODO**

**DISCIPLINA: TECNOLOGIA APLICADA AO ENSINO DE FILOSOFIA**

CH. 60h

**EMENTA:**

Relação entre as Novas Tecnologias da Educação (e, em particular, a internet) e o Ensino de Filosofia, os desafios que as Novas Tecnologias da Educação impõem ao Ensino de Filosofia.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ALMEIDA, Maria Elizabeth de. **Informática e Formação de Professores**. Volumes 1 e 2. MEC, Brasília, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução. Brasília: MEC, 1998.

BROWN, D. H. **Teaching by Principles**. an interactive approach to language pedagogy. New York: Logman. 2. ed. 2001.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. A Gestão da informática na Escola Pública. *In: Anais do simpósio Brasileiro de Informática na educação*. Maceió: UFAL, 2000, 487p.

MELLO, Guiomar Namó de. **A escola e a estrada da informação**. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 out. 1998.

MENEZES, G.;TOSHIMITSU,Thais; MARCONDES, Beatriz. **Como usar outras linguagens na sala de aula** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. *In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHERNS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 3. ed.Campinas. SP: Papyrus, 2000. p. 11-65.

SMOLE, K. S. **A teoria das inteligências múltiplas na prática escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

TAFNER, José, BRANCHFR, Almerindo, TAFNER, Malcon A. **Metodologia científica**. Curitiba: Juruá 1995.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação**. São Paulo: Érica, 2000.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

VALENTE, J. A. **Computadores e Conhecimento: Repensando a Educação**. Campinas/ São Paulo: UNICAMP/NIED, 1993.

VERGUEIRO, Waldomiro.*et al.*. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

WILLIAMS, M.; BURDEN, R.L. **Psicologia para professores de idiomas: Enfoque del constructivismo**. Cambridge, 1999.



**3º PERÍODO**

**DISCIPLINA: AVALIAÇÃO EDUCACIONAL ESCOLAR**

CH. 60h

**EMENTA:**

Estudo da avaliação como instrumento indispensável para o planejamento e acompanhamento das ações educativas. As diferentes concepções da avaliação e suas manifestações na prática. Procedimentos e instrumentos da avaliação da aprendizagem.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ALMEIDA, Fernando José de e FRANCO, Mônica Gardelli. **Avaliação para Aprendizagem o processo avaliativo para melhorar o desempenho dos alunos**. São Paulo: Ática, 2011.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Prática para Avaliação escolar –Dicas e Sugestões de como fazer**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2012.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa. Campinas**. São Paulo: Autores Associados, 2008.

FERNANDES, D. **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas**. São Paulo: UNESP, 2009.

GREANEY, Vincent e KELLOGHAN, Thomas. **O uso dos Resultados da Avaliação do Aproveitamento Escolar**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2010.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

SANTANNA, I.M. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. Petrópolis: Vozes, 2013.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio—uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

\_\_\_\_\_. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LUCK, Heloísa. **Perspectivas da Avaliação Institucional da Escola**. Petrópolis: Vozes, 2012.



**3º PERÍODO**

**DISCIPLINA: ENSINO E PESQUISA EM HISTÓRIA DA FILOSOFIA**

CH. 60h

**EMENTA:**

Oportunizar o aluno a realizar atividades de estudos teóricos e a sua aptidão na docência nas disciplinas de história da filosofia em espaço e contexto escolar múltiplos e heterogêneos vivenciando o cotidiano da práxis educativa e de pesquisa.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. **Ensinar Filosofia**. São Paulo: Ed. Atta Mídia e Educação, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 38/2006 de 07 de julho de 2006. **Inclusão obrigatória das disciplinas de filosofia e sociologia no currículo do Ensino Médio**. Brasília. Agosto de 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**. Ciências Humanas e suas Tecnologias e Conhecimentos de Filosofia. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, DF, 2006. 3v.

DELEUZE Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso Munõz. São Paulo: Ed.34, 2007.

\_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

PIOVESAN, Américo (org.) *et al.* **Filosofia e ensino: em debate**. Ijuí: Unijuí, 2002.

RENÉ, Silveira. **Ensino de Filosofia do Ensino Médio: Em busca de um sentido**. 586 F. Dissertação – Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1991.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

RIBAS, Maria Alice Coelho (org.) *et al.* **Filosofia e ensino: a filosofia na escola**. Ijuí: Unijuí, 2005.

RODRIGO, Lúcia Maria. **Filosofia em sala de aula, teoria e prática para o Ensino Médio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.



<b>3º PERÍODO</b>	
<b>DISCIPLINA: PRÁTICA CURRICULAR NA DIMENSÃO EDUCACIONAL</b>	CH. 135h
<b>EMENTA:</b> Atividades interdisciplinares para articulação entre os conhecimentos estudados na academia e a realidade educacional.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> ALBUQUERQUE, E.M. <i>et al.</i> Função social da educação. Coleção EPEN, XIII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste, v.8. 2006. BAGNO, M. Pesquisa na escola: o que é, como se faz. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. BRANDÃO, C.R. O que é educação São Paulo: Brasiliense, 2000. BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Brasília, 2006. _____. Parâmetros Curriculares: Meio Ambiente. Brasília, 2005. CACHA PUZ, A. <i>et al.</i> <b>A necessária renovação do ensino das Ciências.</b> São Paulo: Cortez, 2005.	
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:</b> CASTRO, S.P.; COVEZZI, M. <b>Sociologia:</b> sociologia como ciência surgimento, objeto e método. Cuiabá: UFMT, 1995. KRUPPA, S.M.P. <b>Sociologia da educação.</b> São Paulo: Cortez, 2004. LIMA, L. <b>Escola não é circo, professor não é palhaço:</b> intencionalidade e educação. Rio de janeiro: Wak Editora, 2008.	



<b>4º PERÍODO</b>	
<b>DISCIPLINA: DIDÁTICA</b>	CH. 60h
<b>EMENTA:</b> Didática - Concepção e Teorias Educacionais. Abordagens pedagógicas na prática escolar. Componentes que fundamentam a Ação Educativa. Organização do trabalho pedagógico. Prática laboral enquanto saber fazer dos conhecimentos didáticos.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> CARBONELL. <b>A aventura de inovar:</b> a mudança na escola. Porto Alegre: Artmed, 2002. CANDAU, Vera Maria. <b>A didática em questão.</b> 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. DELORS, J. <i>et al.</i> <b>Educação:</b> um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2000. GANDI, Danilo. <b>A prática do planejamento participativo.</b> Petrópolis: Vozes, 2002. <b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:</b> SEBARROJA, Jaume Carbonell <i>et al.</i> (org.). <b>Pedagogias do Século XX.</b> Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003. VASCONCELOS, Celso dos S. <b>Planejamento, plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo.</b> São Paulo: Libertad, 2002.	



#### 4º PERÍODO

DISCIPLINA: FILOSOFIA ANALÍTICA

CH. 60h

#### EMENTA:

A filosofia e os métodos de análise da linguagem; ontologia e filosofia analítica; mundos possíveis e referências; teoria analítica do conhecimento; realismo, antirrealismo e verdade; ética analítica, linguagem, normas e valores.

#### REFERÊNCIAS BÁSICAS:

APEL, Karl-Otto. **Transformação da filosofia**. São Paulo: Loyola, 2000. 2v.  
HEIDEGGER, Martin. **El concepto de tiempo**. 4. ed. Madrid: Trotta, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ontologia**: hermenêutica de la facticidad. Versión: Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza, 2000.

\_\_\_\_\_. **Conceitos fundamentais da metafísica**: mundo, finitude e solidão. Trad.: Marcos Casanova. São Paulo: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ser y tiempo**. 2. ed. Trad. Jorge Eduardo Rivera Cruchaga. Chile: Universitaria, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sein und Zeit**. In: Gesamtausgabe. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1977. Bd 2.

\_\_\_\_\_. **Conferências e escritos filosóficos**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **The basic problems of phenomenology**. Trad. Albert Hofstadter. Indiana: Indiana University Press, 1988.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Heidegger**: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. São Paulo: Geração, 2000.

STEIN, Ernildo J. **A caminho de uma fundamentação pós-metafísica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. (Coleção Filosofia; 57).

\_\_\_\_\_. **Compreensão e finitude**: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Unijuí, 2001.

\_\_\_\_\_. **Diferença e metafísica**: ensaios sobre a desconstrução. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção Filosofia; 114).

\_\_\_\_\_. **Exercícios de fenomenologia**: limites de um paradigma. Ijuí: Unijuí, 2004a. (Coleção Filosofia).

\_\_\_\_\_. **Nas proximidades da antropologia**: ensaios e conferências filosóficas. Ijuí: Unijuí, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pensar é pensar a diferença: filosofia e conhecimento empírico**. Ijuí: Unijuí, 2002a. (Coleção Filosofia; 2)

\_\_\_\_\_. **A questão do método na filosofia**: um estudo do modelo heideggeriano. 3. ed. Porto Alegre: Movimento, 1983.

\_\_\_\_\_. **Racionalidade e existência**: uma introdução à filosofia. Porto Alegre: L&PM, 1988.

\_\_\_\_\_. **Seis estudos sobre “Ser e Tempo”**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Tarefas da construção**: anamorfose e profundidade – As ilusões da interpretação na obra de Heidegger. In: SOUZA, Ricardo Timm de; OLIVEIRA,



Nythamar Fernandes de. **Fenomenologia Hoje II: Significado e Linguagem.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Coleção Filosofia; 149).

TUGENDHAT, Ernst. **Autoconsciencia y autodeterminación.** Trad.: Rosa Helena SantosIhlau. México: FCE, 1993.

\_\_\_\_\_. **Egocentricidad y mística: un estudio antropológico.** Barcelona: Gedisa, 2004.

\_\_\_\_\_. **Antropología en vez de metafísica.** Barcelona: Gedisa, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem.** Trad.: Ronai Rocha Ijuí: Unijuí, 2006.

#### **REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

STEIN, Ernildo J. **Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção Filosofia; 114).

\_\_\_\_\_. **Exercícios de fenomenologia: limites de um paradigma.** Ijuí: Unijuí, 2004a. (Coleção Filosofia).

\_\_\_\_\_. **Racionalidade e existência: uma introdução à filosofia.** Porto Alegre: L&PM, 1988.



**4º PERÍODO**

**DISCIPLINA: FILOSOFIA DO SER**

CH. 60h

**EMENTA:**

Introdução à ontologia e à metafísica. As origens da ontologia nas filosofias pré-socráticas. A teoria das ideias de Platão. A teoria da substância de Aristóteles. Ser e existência. O problema do sentido de "ser" e "existência". A crítica moderna à metafísica. O debate sobre as categorias ontológicas.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Leonel Valalandro. Porto Alegre: Globo, 1969.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. Tradução de Emanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

HUME, David. **Tratado da Natureza Humana**. Tradução de D. Danowski. São Paulo: Edunesp, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.



<b>4º PERÍODO</b>	
<b>DISCIPLINA: POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA</b>	CH. 60h
<b>EMENTA:</b> Evolução da Educação no Brasil, políticas e planos. A Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96. A Educação Básica na atual LDB. A Política de Formação dos profissionais da Educação. A educação no Estado do Maranhão: uma análise.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> BANDÃO, Carlos da Fonseca. <b>Estrutura e Funcionamento do Ensino</b> . São Paulo: Avercamp, 2004. BRASIL. <b>Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional</b> . Lei nº. 9.394/96. Brasília: MEC, 1996. CHAGAS, Valmir. <b>Educação Brasileira: O Ensino de 1º e 2º Graus Antes, Agora e Depois?</b> São Paulo: Saraiva, 1978.	
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:</b> PARO, Vitor Henrique (org.). <b>Políticas Públicas e Educação Básica</b> . São Paulo: Xamã, 2001. SAVIANE, Dermeval. <b>Educação Lei de Educação: Trajetória, limites e perspectivas</b> . 2. ed. São Paulo, 1997 ( Coleção Educação Contemporânea).	



<b>4º PERÍODO</b>	
<b>DISCIPLINA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA</b>	CH. 60h
<b>EMENTA:</b> Estudo das concepções e práticas educativas ocorridas no Brasil em diferentes contextos; articulação do processo educativo com a economia, a política, a cultura e a sociedade como um todo; concepções e práticas estabelecidas historicamente no processo de formação da educação brasileira.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> BITTAR, Mariluce; OLIVEIRA, João Ferreira de. (org.) <b>Gestão e Políticas da Educação</b> . Rio de Janeiro: DP e A, 2004. BRANDÃO, Zaia (org.). <b>A crise dos paradigmas e a educação</b> . 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996. <b>MANIFESTO dos Educadores Mais Uma Vez Convocados</b> . In: GHIRALDELLI Jr., Paulo. <i>História da Educação</i> 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.	
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:</b> GHIRALDELLI Jr., Paulo. <b>História da educação</b> . 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994. MARRACH, Sônia A. <b>Neoliberalismo e educação</b> . In: GHIRALDELLI Jr., Paulo (org.) <i>Infância, educação e neoliberalismo</i> . São Paulo: Cortez, 1996. p. 42-56. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. <b>História da Educação no Brasil</b> . 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2015.	



**4º PERÍODO**

**DISCIPLINA: HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA**

CH. 90h

**EMENTA:**

As principais correntes da filosofia contemporânea: fenomenologia, existencialismo, pós-estruturalismo, hermenêutica, desconstrutivismo e filosofia analítica.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ASSOUN, Pau-Larent. **Freud, a Filosofia e os Filósofos**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1978.

BRÉHEIR, E. **História da Filosofia Séc. XIX e XX**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1985.

CHÂTELET, F. **A Filosofia no Mundo Científico e Industrial: 1860 a 1940**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

DOSSE, François. **História do estruturalismo I e II**. Tradução de Álvaro Cabral e revisão técnica de Márcia Mansor D'Alessio. Bauru, SP: Edusc, 2007.

GILLES, Thomas R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1985. v.I,II.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

SCIACCA, M. F. **História da Filosofia: do século XIX aos nossos dias**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1962.

STEGMÜLLER. **A Filosofia Contemporânea**. EDUSP, 1977. v.I,II.



**5º PERÍODO**

**DISCIPLINA: PRÁTICA CURRICULAR NA DIMENSÃO ESCOLAR**

CH. 135h

**EMENTA:**

Atividades interdisciplinares para articulação entre os conhecimentos estudados na academia e a realidade didático-pedagógica.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira; COSTA, Wilse Arena da. Teoria das representações sociais: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos 1873 indivíduos e dos grupos sociais. **Rev. Educ. Pública**. Cuiabá, v. 8, n.13, p.250-280, jan./jun.1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. [Constituição( 1988)]. Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília,DF: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

DOTTA, Leanete Teresinha Thomas. **Representações sociais do ser professor Campinas**, SP: Editora Alínea, 2006.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. **Gestão Democrática da Educação para uma Formação Humana**: conceitos e possibilidades. Em Aberto Brasília, v. 17, n.72, p.167-177, fev./jun. 2000.



**5º PERÍODO**

**DISCIPLINA: METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA**

CH. 60h

**EMENTA:**

Visão crítica das concepções e correntes teórico-metodológicas vigentes, relacionadas à educação e ao ensino de filosofia. Análise das principais abordagens das ciências humanas relativas ao aprendizado, tendo em vista uma apropriação compreensiva e crítica voltada à investigação densa do fazer-aprender filosofia — como atividade de aprendizado da atitude crítica na educação.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

- ARANTES, Paulo Eduardo (org.). **A Filosofia e seu Ensino**. Petrópolis / São Paulo: Vozes/EDUC, 1995.
- DANIEL, Marie-France. **A Filosofia e as Crianças**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- CERLETTI, Alejandro A. & KOHAN, Walter. **A filosofia no ensino médio**. Caminhos para pensar seu sentido. Tradução de Norma Guimarães Azeredo. Editora: UNDB. 2013.
- CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- COLLI, Giorgio. **O nascimento da filosofia**. Tradução Federico Carotti. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996 (Coleção Repertórios).
- GALLO, Sílvio (coord.). **Ética e cidadania: caminhos da filosofia**. Elementos para o ensino de filosofia. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- GALEFFI, Dante Augusto. **O Ser-Sendo da Filosofia**. Uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender Filosofia. Salvador: EDUFBA, 2001, 583p.
- GALEFFI, Dante Augusto. **Filosofar e Educar**. Inquietações pensantes. Salvador: Quarteto Editora, 2003, 238 p.
- HEIDEGGER, Martin. **O que é isto — a Filosofia?** Tradução de Ernildo Stein. *In: Heidegger. Conferências e Escritos Filosóficos – Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 7-24.
- JAEGER, Werner. **Paideia. A Formação do Homem Grego**. Tradução: Artur M. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KOHAN, Walter (org.). **Ensino de filosofia**. Perspectivas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina; RIBEIRO, Álvaro. **Filosofia na escola pública**. Vol. V. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. Tradução: Maria Elice Brzezinski Prestes e Lucia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summus, 1990.
- LIPMAN, Matthew. **O Pensar na Educação**. (1991). Tradução: Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Elogio da Filosofia**. Tradução de Antonio Braz teixeira. 3. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.
- OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil**. Elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.



PALÁCIOS, Gonçalo Armijos. **De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio**. Goiânia: Editora UFG, 2000.

PLATÃO. **A República**. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio**, ou, Da educação. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



**5º PERÍODO**

**DISCIPLINA: HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO BRASIL E AMÉRICA LATINA**

CH. 60h

**EMENTA:**

Panorama histórico da recepção e dos desdobramentos da filosofia no Brasil: ecletismo, liberalismo, kantismo, positivismo, marxismo e correntes contemporâneas. História da Filosofia na América Latina. A adoção e a repercussão da Filosofia Ocidental nos países Latino-Americanos.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

BONDY, A. Salazar. **Existe una filosofia de nuestra América?** México: siglo XXI. Editores, 1988.

BORNHEIM, Gerd A. **O Idiota e o espírito objetivo.** Porto alegre: Globo, 1980.

BUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia latino-americana - Freire e Dussel.** Ijuí: UNIJUÍ. 1991.

CESAR, Constança Marcondes. **Filosofia na América Latina.** São Paulo: Paulinas, 1988.

COSTA, Márcio. **Educação e libertação na América Latina. (Ensaio introdutório à aproximação entre a Pedagogia de Paulo Freire e a Pedagógica de Enrique Dussel).** Campo Grande: CEFIL, 1992.

DAMKE, Ilda Righi. **O processo do conhecimento na pedagogia da libertação, as idéias de Freire, Fiori e Dussel.** Petrópolis : Vozes, 1995.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO. (Relatório para a UNESCO da comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI), 2001.

DUSSEL, Enrique Domingos. **Ética comunitária.** Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da libertação- crítica à ideologia da exclusão.** São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da libertação.** São Paulo: Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. **Método para uma filosofia da libertação.** São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. **Para uma ética da libertação latino-americana.** São Paulo: Loyola, 1977.

\_\_\_\_\_. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão.** Trad. de Ephraim Ferreira Alves, Et Alli. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **1492- o encobrimento do outro.** Trad. de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

FORNET-BETANCOURT, Raul. **Problemas atuais da filosofia na hispano-américa**. São Leopoldo: Unisinos. 1993.

\_\_\_\_\_. Filosofia Latino-americana : posibilidad o realidad? Libertação, liberación. **Revista de Filosofia**- ano III. v.3,n.1, 1993. p.93-108.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

\_\_\_\_\_. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LEPARGNEUR, Hubert. **Filosofia e Crítica social**. Reflexão. Ano X. n. 33, set./dez. 1985.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes. 1993.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Madrid: Alianza editorial. 1984. 4v.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

QUESADA, Francisco Miro. **Despertar y projeto dl filosofar latino-americano**. México: Fendo de cultura econômica, 1974.

#### **REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:**

RICOUER, Paul. Philosophie et liberacion. Libertação, liberación. **Revista de Filosofia**- ano III. n.1, v. 3 p.135-141, 1993.

SIDEKUM, Antônio (org.). **Ética do discurso e filosofia da libertação - modelos complementares**. São Leopoldo: Unissinos, 1994.

VILLA, Mariano Moreno (org.). **Dicionário de pensamento contemporâneo**. São Paulo: Paulus. 2000.

VELASCO, Sírio Lopez. **Ética de la liberación (oiko-nomia)**. Campo Grande: CEFIL, 1996.

VELASCO, Sírio Lopez. **Ética de la producción: fundamentos**. Campo Grande: CEFIL, 1994.



<b>5º PERÍODO</b>	
<b>DISCIPLINA: HERMENÊUTICA</b>	CH. 60h
<b>EMENTA:</b> Principais escolas hermenêuticas. Especificidades e conceitos da hermenêutica jurídica. Os modos de produção do direito. Hermenêutica e construção do direito. Hermenêutica jurídica e jurisprudência. Lógica e hermenêutica. Interpretação e Direito. Integração do Direito. Antinomias jurídicas. Aplicação do Direito.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> GADAMER, Hans-Georg. <b>Verdade e Método I</b> – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. _____. <b>Verdade e Método II</b> – Complementos e índice. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. HEIDEGGER, Martin. <b>Ser e Tempo</b> . Parte I, 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. PALMER, Richard E. <b>HERMENÊUTICA</b> . Lisboa: Edições 70, 1969.	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:</b> STEIN, Ernildo. <b>Aproximações sobre Hermenêutica</b> . 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. STRECK, Lenio Luiz. <b>Hermenêutica Jurídica e(m) Crise – Uma exploração hermenêutica da construção do Direito</b> . 6. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2005.	



## 5º PERÍODO

**DISCIPLINA: FILOSOFIA DA HISTÓRIA**

CH. 60h

### EMENTA:

Filosofia e História. História e Verdade. História e Ideologia. Filosofias Críticas da História. Filosofia da História. História e Razão. Teoria Marxista da História. Estruturalismo. A Sociedade sem História.

### REFERÊNCIAS BÁSICAS:

ABBAGNANO, N. **História da Filosofia**. Lisboa: Presença 14 v. 1970.  
BURNET, John. **O Despertar da Filosofia Grega**. Tradução de Mauro Gama, Editora Siciliano, São Paulo, 1994.

CHÂTELET, François. **A Filosofia Pagã, do Século VI a.C. ao século III d.C.**, tradução de Maria José de Almeida, Zahar Editores. 2. ed. Rio de Janeiro, 1981.

CORDON, Juan Manuel; MARTINEZ, Tomas Calvo. **História da Filosofia - Os Filósofos e os Textos**. Lisboa: Edições 70, 1990.

FERNÁNDEZ, Clemente. **Los Filósofos Antíguos** , Selección de Textos, Biblioteca de Autores Cristianos (BAC) , de La Editorial Católica, S.A . Spain/Madrid,  
FRAILE, Guillermo. **História De La Filosofia**. Biblioteca de Autores Cristianos. 5. ed. Madrid , MCMLXXXII 09 volumes.

GILSON, E. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Pensamento de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. *et al.* **História da Filosofia Cristã** Petrópolis, Vozes, 2000.

GUTHRIE, W. K. C. **Os Filósofos Gregos de Tales a Aristóteles**. Tradução de Maria José Vaz Pinto, Editorial Presença, Lisboa, 1987.

HEGEL, Georg Friedrich Wilhelm. **Introdução à História da Filosofia**. tradução de Dr. Antônio Pinto de Carvalho. 4.ed. Armédio Amado. Editor, Sucessor, Coimbra, 1980.

HIRSCHBERGER, Johannes. **História da Filosofia**. 2.ed.São Paulo:Editora Herder, 1969. 4 v.

JAEGER, Werner. **Paideia: A Formação do Homem Grego**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1979.

KIRK, G. S. - RAVEN, J.C. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 1988.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:

LEGRAND, Gérard. **Os Pré-Socráticos, tradução de Lucy Magalhães**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

MONDOLFO, Rodolfo. **O Pensamento Antigo**. São Paulo:3.ed. Editora Mestre Jou , 1971.

PENEDOS, Álvaro J. dos. **Introdução aos Pré-Socráticos**. Porto: Rés Editora, 1984.

PÉREZ, Rafael Gómez. **História Básica da Filosofia**. Tradução de Peter Pelbart, São Paulo: Editora Nerman , 1988.

REALE, Giavanni. **História da Filosofia**. Tradução de Marcelo Perine, São Paulo:



Edições Loyola, 1993.(Coleção História da Filosofia, v.1 e 2).

SANTOS, Mário José. **Os Pré-Socráticos**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2001.



**5º PERÍODO**

**DISCIPLINA: EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA**

CH. 60h

**EMENTA:**

Pressupostos teóricos e metodológicos da Educação Inclusiva. Análise histórica da Educação Especial e das tendências atuais, no âmbito nacional e internacional. Questões políticas, ideológicas e éticas da Educação Inclusiva. Os sujeitos do processo educacional especial: portadores de necessidades educacionais especiais. Perspectivas da Educação Inclusiva no sistema escolar: currículo, avaliação e didática. Perspectivas para a construção de uma Sociedade Inclusiva: sujeito, família, escola e sociedade.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e Avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2010. (16 exemplares)  
CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2009. (10 exemplares).

SKLIAR, Carlos, CECCIM, Ricardo Burg, LULKIN, Sérgio Andrés, BEYER, Hugo Otto, LOPES, Maura Corcini. **Educação e Exclusão: abordagens Socioantropológicas em Educação Especial**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

BAPTISTA, Cláudio Roberto, CAIADO, Katia Regina Moreno, JESUS, Denise Meyrelles de. **Educação Especial: diálogo e pluralidade**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

BAPTISTA, Cláudio Roberto (org.). **Inclusão e Escolarização: Múltiplas Perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

JANNUZZI, Gilberta de Martino. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

PACHECO, José, EGGERTSDÓTTIR, Rósa, GRETAR, L. Marinósson. **Caminhos para Inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TESKE, Ottmar, LODI, Anna Claudia Balieiro, HARRISON, Kathryn Marie Pacheco, CAMPOS, Sandra Regina Leite de e. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2003.



**6º PERÍODO**

**DISCIPLINA: ÉTICA**

CH. 60h

**EMENTA:**

O fenômeno moral e a ética. Visão histórica: concepções axiológicas. Correntes do pensamento ético. A ordem moral objetiva, perscritividade, a universalidade e a natureza das normas morais, a lei natural. O direito e o dever. A compreensão histórica de Ética e Moral desde a Grécia Antiga até os dias atuais. Ética e relações humanas. Distinção entre Ética e Moral. Ética e valores humanos no mundo contemporâneo.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. 2.ed. Tradução, introdução e notas de Mario da Gama Kury. Brasília: Editora Unb, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade: Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Manuela Pintos dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

\_\_\_\_\_. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

\_\_\_\_\_. **Textos seletos**. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Lisboa: Edições 70, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Religião nos limites da simples Razão**. Lisboa: Edições 70, 1992.

HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Menezes. 3. ed. rev. Petrópolis: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compendio. Filosofia do Espírito**. São Paulo: Loyola, 1995.3v.

\_\_\_\_\_. **Filosofia do Direito**. São Paulo/São Leopoldo: Loyola/Unisinos, 2010.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto: EDUERJ, 2002.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Ética e Sociabilidade**. São Paulo: Loyola, 1993.

PORTA, Mario Ariel Gonzalez. **A filosofia a partir dos seus problemas**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia II. Ética e Cultura**. São Paulo: Loyola. 1993.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é Ética**. São Paulo: Editora brasiliense, 1994.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.

WEIL, Eric. **Filosofia Moral**. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: É Realizações,



2011.



**6º PERÍODO**

**DISCIPLINA: FILOSOFIA DA LINGUAGEM**

CH. 60h

**EMENTA:**

Objetivos e domínios da Filosofia da Linguagem e sua relação com os diversos campos do saber. Teorias do Significado e referência. A problemática da Identidade. A Problemática da Sinonímia: A Problemática dos Juízos Analíticos e Sintéticos. Temas Centrais da Filosofia da Linguagem.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999.

COSTA, Cláudio. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002. (Filosofia Passo-a-passo).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise**. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GUERREIRO, Mário A. L. **O Dizível e o indizível: filosofia da linguagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

HACKING, Ian. **Por que a linguagem interessa à filosofia?** São Paulo: UNESP/Cambridge, 1999.

IMAGUIRE, Guido & SCHIRN, Matthias. **Estudos em filosofia da linguagem**. São Paulo: Loyola, 2008. (Humanística, 10).

MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**. São Paulo: Cortez, 1983.

OLIVEIRA, W. O. **Implicações éticas do conceito de animal político em Aristóteles**. 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O Que é linguística**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

PAVIANI, Jayme. **Escrita e linguagem em Platão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

SANTOS, Fausto dos. **Filosofia aristotélica da linguagem**. Chapecó, SP: Argos, 2002.

MORENO, Arley R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem, ensaio introdutório**. Campinas, SP: Unicamp, 2000.

NAGEL, Thomas. **A Última palavra**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

SIMON, Josef. **Filosofia da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1981.



## 6º PERÍODO

**DISCIPLINA: METODOLOGIA DA PESQUISA FILOSÓFICA**

CH. 60h

### EMENTA:

Diretrizes gerais para a pesquisa. A importância do método em Filosofia. Conhecer os instrumentos metodológicos em Filosofia. Permitir ao aluno uma compreensão e a prática de técnicas de leituras de textos filosóficos. Aplicação das técnicas estudadas na análise de uma obra clássica da filosofia.

### REFERÊNCIAS BÁSICAS:

ARISTÓTELES. **Metafísica** (I). Trad. Leonel Vallandro e Gerd Borheim. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

BACON, Francis. **Novo organon**. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

FERREIRA, Luiz Gonzaga Rebouças. **Redação científica: como escrever artigos, monografias, dissertações e teses**. 2. ed. (ampliada). Fortaleza: Eufc, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **O Que é isto – a filosofia?** Trad. Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**. Trad. Leonel Vallandro. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Col. Os Pensadores).

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Col. Os Pensadores).

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos: ou como filosofar com o materlo**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Col. Os Pensadores).

OLIVEIRA, W. C. A Propósito do filósofo: um ensaio. *In: Revista Contexto*. Mossoró/RN: FAFIC/UERN, 1997.

PÁDUA, Elizabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 4. ed. Campinas/SP: Papirus, 1997.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SAUNDERS, Clare *et al.* **Como estudar filosofia: guia prático para estudantes**. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como vontade e representação**. Trad. Wolfgang Leo Maar e Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Col. Os Pensadores).

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:

ARANHA, M. L. *et al.* **Filosofando – introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1998.

BAGGINI, Julian. **O Porco filósofo: 100 experiências de pensamento para a vida**



cotidiana. Trad. Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

BASTOS, Cleverson e KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender**: introdução à metodologia científica. 11. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

COSTA, Cláudio F. A **Indagação filosófica**: por uma teoria global. Natal: EDUFRN, 2005.

FOLSCHIED, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia filosófica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. **História dos filósofos ilustrada pelos textos**. Trad. Lélia de Almeida Gonzalez. 4. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1991.



**6º PERÍODO**

**DISCIPLINA: ESTÉTICA**

CH. 60h

**EMENTA:**

O fato estético: a natureza da arte, sua evolução na busca da forma de expressão e comunicação, sua função social e importância na formação da subjetividade. A reflexão estética nas diferentes modalidades de linguagem artística.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ARISTÓTELES, **A Poética**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

BAYER, Raymond. **História da Estética**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

BENJAMIM, Walter. **A Obra de Arte na Época de Suas Técnicas de Reprodução**. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1975.

BELTING, Hans. **O fim da história da arte**. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

DANTO, Arthur. **Após o fim da arte: arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo, Odysseus Editora, 2006.

HEGEL, G.W.F.: **Cursos de Estética**. São Paulo, EDUSP, 2001.v.I

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**, São Paulo, Loyola, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**, Lisboa, Edições Setenta, 1977.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-Moderno**. 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

BORNHEIM, Gerd. **Páginas de Filosofia da arte**. Rio de Janeiro, Uapê, 1998.

BRAS, Gerard. **Hegel e a arte – uma apresentação à Estética**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

BÜRGER, Peter. **Teoria da vanguarda**. São Paulo, Cosac-Naify, 2012.

GUINSBURG, J.(org.). **O romantismo**. São Paulo, Perspectiva, 2013.



**6º PERÍODO**

**DISCIPLINA: GESTÃO EDUCACIONAL E ESCOLAR**

CH. 60h

**EMENTA:**

Análise crítica reflexiva da escola como organização complexa, do planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de planos e projetos pedagógicos e suas interfaces com as políticas públicas, vivenciando os princípios da gestão democrática e da ética no contexto do exercício profissional.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 25. ed. Edições Loyola, São Paulo, 1985.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; ROSAR, Maria de Fátima Felix. **Política e Gestão da Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PARO, Vitor Henrique. **Administração Escolar**: introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2012.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. São Paulo: Libertad Editora, 2012.

VEIGA, Ilma Passos; FONSECA, Marília (org.). **As Dimensões do Projeto Político-Pedagógico**: novos desafios para a escola. Campinas, SP: Papyrus, 2010.



<b>6º PERÍODO</b>	
<b>DISCIPLINA: CURRÍCULO</b>	CH. 60h
<b>EMENTA:</b> Currículo; pensamento curricular; currículo e suas dimensões epistemológica, histórica; currículo escolar, como política cultural; concepções teóricas do currículo; currículo disciplinar e possibilidades de superação da disciplina; debates contemporâneos no campo do currículo; desafios para o século XXI.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> APPLE, Michael. <b>Currículo e Poder</b> . Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. APPLE, Michael W. <b>Política Cultural e Educação</b> . São Paulo: Cortez, 2000. BERNSTEIN, Basil. <b>A estruturação do discurso pedagógico</b> . Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. FORQUIN, J. C. (org.). <b>Escola e Cultura</b> . Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. FREIRE, Paulo. <b>Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido</b> . 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993. GIROUX, Henry A. <b>Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem</b> . Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. GIROUX, Henry A. <b>Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação</b> . Porto Alegre: Artmed, 1999. HABERMAS, Jurgen. <b>O discurso filosófico da modernidade</b> . Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 2000. HERNÁNDEZ, Fernando e VENTURA, Montserrat. <b>A organização do Currículo por Projetos de Trabalho</b> . Porto Alegre: Artmed, 1999. MCLAREN, Peter. <b>Multiculturalismo Revolucionário: Pedagogia do dissenso para o novo milênio</b> . Porto Alegre: Artmed, 2000. <b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:</b> MOREIRA, Antônio Flávio (org.). <b>Currículo: questões atuais</b> . Campinas, SP: Papirus, 1997. SACRISTAN, J. Gimeno. <b>A educação obrigatória: seu sentido educativo e social</b> . Porto Alegre: Artmed, 2001. SILVA, Tomaz Tadeu da. <b>Documentos de Identidade: uma introdução as teorias de currículo</b> . Belo Horizonte: Autêntica, 2000. YOUNG, Michael F. D. <b>O Currículo do Futuro: da nova sociologia da educação a uma teoria crítica do aprendizado</b> . Campinas, SP: Papirus, 2000. ZABALA, Antoni. <b>Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar</b> . Porto Alegre: Artmed, 2002. ZABALZA, Miguel A. <b>Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola</b> . 2.ed. Lisboa: Ed. Asa, 1994.	



**7º PERÍODO**

**DISCIPLINA: ENSINO E PESQUISA EM TEMAS FILOSÓFICOS**

CH. 60h

**EMENTA:**

Proporcionar o aluno a oportunidade de realizar atividades de ensino e pesquisa em temas filosóficos tais como política, ética e moralidade, estado de natureza, contrato social e estado de sociedade.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

- ABBAGNANO, N. **História da Filosofia**. Lisboa: Ed. Presença.16. 1994.  
BLANCHÉ, R. **História da Lógica de Aristóteles a Russell**. Lisboa: Ed. 70. 2005.  
CHÂTELET, F. **História da Filosofia. Ideias, Doutrinas**. Lisboa: Publ. Dom Quixote. 1977.  
CORDON, J.M. & MARTINEZ, T. C.. **História da Filosofia**. Lisboa: Ed. 70. 2018.  
REALE, G. & ANTISERI, D. **História del Pensamiento Filosófico y Científico**. Barcelona: Ed. Herder Encyclopédie Philosophique Universelle. Paris: PUF.Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. Lisboa: Ed. Verbo. 2006.  
BLACKBURN, S. DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. Lisboa: Gradiva. Canto-Sperber, M. (dir.). Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale. Paris: PUF. 1984.  
CARRILHO, M.M. (dir.). **Dicionário do Pensamento Contemporâneo**. Lisboa: Publ. Dom Quixote, 1991.  
MORA, J. Ferrater. **Diccionario de Filosofia**. Madrid: Alianza Editorial.  
HARTMANN-PETERSEN, P. e PIGFORD, J.N.. **Dicionário de Ciência**. Lisboa: Publ. Dom Quixote.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

- LACOSTE, J.-Y. (dir.). **Dictionnaire critique de théologie**. Paris: PUF. 1999.  
LALANDE, A.. **Vocabulário – técnico e crítico – de Filosofia**. Porto: Rés Editora, 1996.  
RAYMOND, Ph e Rials, S. (dir.). **Dictionnaire de philosophie politique**. Paris: PUF, 1997.  
RUNES, D. D. (dir.). **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Ed. Presença, 1990.



**7º PERÍODO**

**DISCIPLINA: FILOSOFIA DA RELIGIÃO**

CH. 60h

**EMENTA:**

Reflete filosoficamente sobre Deus e como culturalmente o homem o tem interpretado e vivido, através das religiões diversas. Retomada das diversas concepções de divindade presentes na tradição filosófica. Ateísmo. Relação Fé e Razão.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

- FEUERBACH, Ludwig. **La esencia del cristianismo**. Salamanca: Sígueme, 1975.
- FRAIJÓ, Manuel. (ed.). **Filosofía de la religión: estudios y textos**. Madrid: Trotta, 1994.
- HEGEL, Georg W. F. **El concepto de religión**, 2.ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.(Trad. Arsenio Guizo).
- HEIDEGGER, Martin. **Phänomenologie und Theologie**. Frankfurt a. M.: Vittorio Klostermann,1970.
- HICK, John. **Philosophy of religion**. 4th ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1990.
- HUME, David. **Diálogos sobre a religião natural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Trad. José Oscar de Almeida Marques).
- KANT, Immanuel. **A religião nos limites da simples razão**. Lisboa: Edições 70, 1992. (Trad. Artur Morão).
- KIERKEGAARD, Sören. **Temor e tremor**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Trad. José Maria José Marinho).
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Discurso de metafísica**. In: Os pensadores. Vol. 19. São Paulo: Abril, 1974. p. 75-110. (Trad. Marilena Chauí).
- LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988. (Trad. José Pinto Ribeiro).
- McQUARRIE, John. **Twentieth-century religious thought: The frontiers of philosophy and theology, 1900-1960**. New York : Harper & Row, 1963.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Trad Paulo César Souza).
- PENZO, Giorgio e GIBELLINI, Rosino (org.). **Deus na filosofia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998. (Trad. Roberto L. Ferreira).
- SCHAEFFLER, Richard. **Filosofia da religião**. Lisboa : Edições 70, 1992.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. **Über die Religion : Reden an die Gebildeten unter ihren Verächtern**. Hamburgo: Felix Meiner, 1958.
- BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**
- SMART, Ninian et alii. (Eds.) **Nineteenth century religious thought in the West**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. 2 v.
- SPINOZA, Baruch de. **Ética**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Trad. Joaquim de Carvalho, Joaquim F. Gomes e Antônio Simões).
- TILGHMAN, B. R. **Introdução à Filosofia da Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- VIEILLARD-BARON Jean-Louis e KAPLAN, Francis. (eds.). **Introduction à la philosophie de la religion**. Paris: Cerf, 1989.

**7º PERÍODO**



<b>DISCIPLINA: FILOSOFIA DO DIREITO</b>	CH. 60h
<b>EMENTA:</b> Clássicos da Filosofia do Direito. A Filosofia do Direito na Idade Média. Deontologia Jurídica. Teoria Jusfilosóficas. A conjuntura epistemológica do Direito na Idade Moderna. O surgimento do sujeito. O direito natural moderno e o positivismo Jurídico. A Filosofia do Direito de Kant e Hegel. A dialética idealista: contribuições e críticas. Tendências filosóficas atuais em filosofia do Direito. Modernidade e Pós-Modernidade na relação filosofia e direito. A Filosofia do Direito no Brasil.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> CARNELUTTI, Francesco. <b>Arte do direito: seis meditações sobre o direito.</b> Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 2001. CARVALHO, Amilton Bueno de. <b>Direito alternativo em movimento.</b> Rio de Janeiro: Lumens Júris, 2003. CARVALHO, Antônio Alves. <b>Teófilo I: em busca do conhecimento: lições de filosofia para jovens.</b> Goiânia: Terra, 2000. CAVALCANTI, Arthur José Faveret. <b>A estrutura lógica do direito.</b> Rio de Janeiro: Renovar, 2003. COELHO, Fábio Ulhoa. <b>Direito e poder.</b> São Paulo: Saraiva, 2013. .DUARTE, Écio Oto Ramos. <b>Teoria do discurso e correção normativa do direito: aproximação à metodologia discursiva do direito.</b> São Paulo: Lady, 2003. FERRAZ Júnior;SAMPAIO, Tercio. <b>Estudos de filosofia do direito: reflexões sobre o poder, a liberdade, a justiça e o direito.</b> São Paulo: Atlas, 2002. GOYARD-FABRE, Simone. <b>Os princípios filósofos do direito político moderno.</b> São Paulo: Martins Fontes, 2002. <b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:</b> COELHO, Fábio Ulhoa. <b>Para entender Kelsen.</b> São Paulo: Saraiva, 2001. DUQUELSKY, Gomez, Diego J. <b>Entre a lei e o direito: uma contribuição à teoria do direito alternativo.</b> Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2001.	



**7º PERÍODO**

**DISCIPLINA: ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO  
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CH. 60h

**EMENTA:**

A prática didática no estágio curricular obrigatório: concepções, aspectos técnicos, normativos e organizacionais. O trabalho docente no ensino fundamental: aportes teóricos. O ensino da Filosofia no ensino fundamental: planejamento, execução e avaliação da ação docente em instituições de ensino fundamental, sob a orientação e supervisão do professor de Prática do estágio. Iniciação à docência.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

BIANCHI, Ana Cecília *et al.* **Manual de orientação do estágio supervisionado.** Editora Thomson Pioneira, 2004.

BIANCHI, Ana Cecília *et al.* **Orientações para estágio em licenciatura.** Editora Thomson Pioneira, 2005.

BURIOLLA, M. A. Feiten. **Estágio supervisionado.** São Paulo: Cortez Editora, 1995.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

BUSATO, Zelir Salete. **Avaliação nas práticas de ensino e estágio.** Mediação editora, 2005.

CARVALHO, A. M. P. **Prática de ensino-os estágios na formação do professor.** 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2003.

CARVALHO, A.M.P. (coord.) **A formação do professor e a prática de ensino.** São Paulo: Pioneira, 1988.

PICONEZ, Stela C. B. **Prática de ensino e estágio supervisionado,** Campinas: São Paulo, Editora Papirus, 1994.

PIMENTA, Selma G. **Estágio na formação de professores.** São Paulo: Cortez Editora, 1997.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria do Socorro L. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez Editora, 2004.



**8º PERÍODO**

**DISCIPLINA: ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO**

CH. 60h

**EMENTA:**

Fundamentos teóricos e principais didáticos da prática pedagógica do ensino da Filosofia, da Psicologia e da Sociologia. Planejamento de ensino. Plano de aula. Aplicabilidade desses subsídios para a efetivação das aulas em Escolas do Ensino Médio no Maranhão.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

BIANCHI, Ana Cecília *et al.* **Manual de orientação do estágio supervisionado.** Editora Thomson Pioneira, 2004.

BIANCHI, Ana Cecília *et al.* **Orientações para estágio em licenciatura.** Editora Thomson Pioneira, 2005.

BURIOLLA, M. A. Feiten. **Estágio supervisionado.** São Paulo: Cortez Editora, 1995.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

BUSATO, Zelir Salete. **Avaliação nas práticas de ensino e estágio.** Mediação editora, 2005.

CARVALHO, A. M. P. **Prática de ensino-os estágios na formação do professor.** 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2003.

CARVALHO, A.M.P. (coord.) **A formação do professor e a prática de ensino.** São Paulo: Pioneira, 1988.

PICONEZ, Stela C. B. **Prática de ensino e estágio supervisionado.** Campinas, São Paulo: Editora Papirus, 1994.

PIMENTA, Selma G. **Estágio na formação de professores.** São Paulo: Cortez Editora, 1997.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria do Socorro L. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez Editora, 2004.



**8º PERÍODO**

**DISCIPLINA: ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GESTÃO ESCOLAR**

CH. 60h

**EMENTA:**

Análise da organização e funcionamento escolar, coordenação pedagógica e gestão. Participação nas atividades de planejamento, conselho de classe, reuniões pedagógicas com docentes e pais. Estudo e análise crítica da gestão escolar. Estágio Curricular Supervisionado em gestão escolar

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. São Paulo: Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Gestão Democrática da Educação: desafios contemporâneos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Gestão Educacional: novos olhares, novas abordagens**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão democrática na escola**. 17. ed. Campina, SP: Papyrus, 1994.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

PICONEZ, Stela C. B. **Prática de ensino e estágio supervisionado**. Campinas, São Paulo: Editora Papyrus, 1994.

PIMENTA, Selma G. **Estágio na formação de professores**. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

PIMENTA, Selma G. e LIMA, Maria do Socorro L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.



**NÚCLEO LIVRE – DISCIPLINAS OPTATIVAS**

**DISCIPLINA: TÓPICOS EMERGENTES**

CH. 60h

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

BAZARRIAN, Jacob. **O problema da verdade**. São Paulo: Editora alfa-omega, 1994.

COSTA, José André da. **Modernidade e Pós-Modernidade**. Passo Fundo - RS: Berthier, 1996.

DAVIDSON, Donald. **Ensaio sobre a verdade**. São Paulo: Unimarco, 2002.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

HESSEM, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. Coimbra - Portugal: Editora Armênio Amado, 1980.

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1978.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.



<b>NÚCLEO LIVRE – DISCIPLINAS OPTATIVAS</b>	
<b>DISCIPLINA: LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL</b>	CH. 60h
<b>EMENTA:</b> Linguagem. Leitura. Texto. Tipologia e gêneros textuais. Produção de textos técnicos e científicos.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. <b>Ler e compreender os sentidos do texto</b> . São Paulo: contexto, 2006. KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. <b>Leitura e produção textual</b> . Petrópolis: Vozes, 2010. KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; PAVANI, C. F. <b>Prática textual</b> . 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2009. MARCUSCHI, Luiz Antonio. <b>Gêneros textuais: definição e funcionalidade</b> . In: DIONÍSIO, Ângela Paiva <i>et al.</i> <b>Gêneros textuais e ensino</b> . Rio de Janeiro: Lucena, 2005.	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:</b> CARNEIRO, Agostinho D. <b>Texto em construção: interpretação de texto</b> . São Paulo: Moderna, 1992.	



<b>NÚCLEO LIVRE – DISCIPLINAS OPTATIVAS</b>	
<b>DISCIPLINA: PSICOLOGIA</b>	CH. 60h
<b>EMENTA:</b> Fundamentos da Psicologia. Os fenômenos psicológicos do comportamento: agir, sentir, pensar. Dinâmica do pensamento humano. A personalidade: conceito, tipos e características.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> BOCK, Ana Maria Bahia <i>et al.</i> <b>Psicologia:</b> uma introdução ao estudo da psicologia. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2000. PISANI, Elaine Maria <i>et al.</i> <b>Psicologia Geral.</b> 10. ed. Porto Alegre: Vozes. 1991. CÓRIA, Sabini Maria Aparecida. <b>Fundamentos de psicologia educacional.</b> 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:</b> OLIVEIRA, Marta Kohl de. <b>Vygostsky:</b> aprendizagem e desenvolvimento, um processo socio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2001.	



<b>NÚCLEO LIVRE – DISCIPLINAS OPTATIVAS</b>	
<b>DISCIPLINA: SOCIOLOGIA</b>	CH. 60h
<b>EMENTA:</b> A Sociologia no campo do conhecimento: objetivos e origem histórica. Análise da realidade social. Conceitos e proposições teóricas e metodológicas para a compreensão dos fenômenos sociais. Classes sociais e mudanças na sociedade.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> CASTRO, Ana Maria & DIAS, Edmundo Fernandes (org.). <b>Introdução ao Pensamento sociológico</b> , 9.ª ed. São Paulo: Moraes, 1992. COSTA, Maria Cristina Castilho. <b>Sociologia: Uma introdução à Ciência da Sociedade</b> . São Paulo: Moderna, 1980. GUSMÃO, Paulo Dourado. <b>Teorias sociológicas</b> . São Paulo: Forense, 1992. DEMO, Pedro. <b>Sociologia: uma introdução</b> . 2.ª ed. São Paulo: Atlas, 1989. DURHEIN, Émile. <b>As regras do método sociológico</b> . São Paulo: Melhoramentos, 1978. <b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:</b> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. <b>Ideologia alemã</b> . São Paulo: Hucitec, 1991.	



**NÚCLEO LIVRE – DISCIPLINAS OPTATIVAS**

**DISCIPLINA: TEMAS DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS**

CH. 60h

**EMENTA:**

Fenômeno jurídico. Teorias da Justiça. Concepção de Direitos Humanos. Temas como: indivíduo e institucionalidade, exigibilidade e justicialidade dos direitos humanos. Proteção de direitos.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

BENVENUTO LIMA JR, Jayme. **Os Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais**. Recife: Renovar, 2001.

BIELEFELDT. **Filosofia dos Direitos Humanos**. Trad. Dankwart Bernsmüller, São Leopoldo: Unisinos, 2000.

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

CANÇADO TRINDADE, Antônio **A Tratado de Direito Internacional dos Direitos Humanos**. Porto Alegre: Fabris, 1995. 2 v.

DÍAZ, R. S; CABRERA, C.A; MOLLINA, J.M (org.). **Diccionario Crítico de los Derechos Humanos I**. Andalucía: Universidad Internacional de Andalucía-Sede Iberoamericana, 2000.

HERRERA FLORES, Joaquín (org.). **El vuelo del Anteo: Derechos Humanos y crítica de la razón liberal**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2000.

LAFER, Celso. **A Reconstrução dos direitos humanos**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

PIOVESAN, Flávia. **Direitos Humanos e o Direito Constitucional Internacional**. São Paulo: Max Limonad, 1997.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

BENVENUTO LIMA JR, Jayme (org.). **Direitos Humanos Internacionais**. Recife: Gajop/MNDH, 2001.

HABERMAS, J. **Direito e Democracia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. 2v.

HELLER, Agnes. **Além da Justiça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

NOZICK, Robert. **Anarquia, Estado e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

PARIJS, Phillipe van. **O que é uma sociedade justa?** São Paulo: Ática, 1997.

PIOVESAN, Flávia (coord.). **Direitos Humanos, Globalização Econômica e Integração Regional**. São Paulo: Max Limonad, 2002.

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SALGADO. J.C. **A ideia de justiça em Kant**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1995.

WELZER, M. **As esferas da justiça**. Lisboa: Presença, 1999.



**NÚCLEO LIVRE – DISCIPLINAS OPTATIVAS**

**DISCIPLINA: COSMOLOGIA**

CH. 60h

**EMENTA:**

A problemática da compreensão do mundo e da natureza numa perspectiva filosófica. As grandes concepções cosmológicas da tradição filosófica. Os problemas de constituir uma cosmologia filosófica ante os desafios da ciência. Ecologia e Filosofia. Cosmos e Mundo.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ANDRADE MARTINS, Roberto de. **O Universo. Teoria sobre sua origem e evolução.** São Paulo: Moderna, 1994.

ARISTÓTELES. **De Cielo.** In: Obras. Madrid: Aguilar, sd.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, Grito da Terra, Grito dos Pobres.** São Paulo: Ática, 1995.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação.** São Paulo: Cultrix, 1995.

CHARON, Jean. **Cosmologia: Teorias sobre el Universo.** Madrid: Guadarrama, 1969.

KOYRÉ, A. **Do Mundo Fechado ao Universo Infinito.** Rio de Janeiro: Forense, 1979.

LADRIÈRE, J. **A Articulação do Sentido.** São Paulo: EPU/EdUSP, 1977.

NEWTON, Isaac. **Filosofia da Natureza.** São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores). 1983.

PUTNAM, H. **Como Renovar la Filosofía.** Madrid: Cátedra, 1994.

SELVAGGI, Felipo. **Filosofia do Mundo. Cosmologia Filosófica.** São Paulo: Loyola. 1988.

TOOLAN, David. **Cosmologia numa Era Ecológica.** São Paulo: Loyola, 1994.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

BORNHEIM, Gerd. **Os Filósofos Pré-Socráticos.** São Paulo: Cultrix, 1985.

BRUNO, Giordano. **Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos.** Trad. Ana Montenegro. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1984.

CANIATO, Rodolpho. **O que é Astronomia.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

CLOUD, Preston. **El Cosmo, la Tierra y el Hombre.** Barcelona: Alianza, 1981.

COPÉRNICO, Nicolau. **Commentariolus.** São Paulo: Nova Stella/EDUC, 1990.

DOLCH, Heimo. **Polêmica sobre Teilhard de Chardin.** São Paulo: Paulinas, 1966.

DUSSEL, E. **El Humanismo Semita.** Buenos Aires: Editora Universitária, 1969.

FERRATER MORA, J. **De la Matéria a la Razón.** Madrid: Alianza, 1983.

GARCIA BACCA, J.D. **Infinito, Transinfinito, Finito.** Barcelona: Anthropos, 1984.

GLEISER, Marcelo. **A Dança do Universo: Dos Mitos de Criação ao Big Bang.** São Paulo: Cia. Das Letras, 1997.

GRIBBIN, John. **Do Início, antes e depois do Big Bang.** Rio de Janeiro: Campus, 1995.

GRIMAL, Pierre. **A Mitologia Grega.** São Paulo: Brasiliense, sd.

HAWKING, Stefen. **Uma Breve História do Tempo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

HEISEMBERG, Werner. **Física e Filosofia.** Brasília: Ed UNB, 1987.

JOLIVET, Régis. **Tratado de Filosofia. Lógica e Cosmologia.** Rio de Janeiro: Agir, 1969.

KOYRÉ, A. **Estudos de História do Pensamento Científico.** Rio de Janeiro: Forense, 1991.

LOVELOCK, James. **As Eras de Gaia.** Rio de Janeiro: Campus, 1991.

MARCILLY, J. **A Civilização dos Astecas.** São Paulo: Ferni, 1978.

MARGULIS, Lynn. **O Planeta Simbiótico.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.



- MERLEAU-PONTY. *Cosmologia del signo XX*. Madrid: Gredos, 1971.
- MONDOLFO, Rodolfo. **O Infinito no Pensamento da Antiguidade Clássica**. São Paulo: Mestre Jou, 1989.
- MORIN, Edgar. **Terra-Pátria**. São Paulo: Sulina, 1995.
- NASCIMENTO, Carlos. **Para Ler Galileu Galilei**. São Paulo: Nova Stella/EDUC. 1990.
- NASSER, S.H. **O Homem e a Natureza**. Rio de Janeiro; Zahar, 1977.
- PÉRIGORD, Monique. **Evolução e Temporalidade em Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1967.
- RUSSEL, Peter. **O despertar da Terra**. São Paulo: Cultrix, sd.
- SCHELER, M. **Visão Filosófica do Mundo**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- SCHEMPERG, Mário. **Do Pensamento à Física**. São Paulo: Brasiliense: 1984.
- STEGMÜLLER, W. **Filosofia Contemporânea**. São Paulo: EPU/EdUSP, 1977. 2 v.
- VALLA, J-C. **A Civilização dos Incas**. São Paulo: Ferni, 1978.



**NÚCLEO LIVRE – DISCIPLINAS OPTATIVAS**

**DISCIPLINA: TEORIA CONTEMPORÂNEA DA DEMOCRACIA**

CH. 60h

**EMENTA:**

Tradição liberal e tradição democrática. Teorias empíricas da democracia: a política como procedimento; a política como mercado; o problema da ação coletiva; o pluralismo e seus críticos; o processo de democratização. Participação política e cultura cívica. Novos formatos de participação política.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ALMOND, G. e VERBAS. 1989. **The civic culture political Attitudes and Democracy in Five Nations**. Sage Publications, California.

AVRITZER, L.; COSTA, Sérgio. **Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina**. Dados (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 47, p. 703-728, 2004.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e democracia**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **O futuro da democracia**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

BRAGATTO, Rachel Callai. Democracia e internet: apontamentos para a sistematização dos estudos da área. **Revista Compolítica**, v. 1, n. 2, p. 131, 2011.

GOMES, Wilson. **Democracia digital: que democracia**. II Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Comunicação e Política. UFMG, Belo Horizonte, v. 5, 2007.

GOMES, Wilson. **A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política**. Fronteiras-estudos midiáticos, v. 7, n. 3, p. 214-222, 2005.

GOMES, Wilson. **Participação política on-line: questões e hipóteses de trabalho**. Internet e participação política no Brasil. Porto Alegre: sulina, p. 19-46, 2011.

HABERMAS, J. **Direito e democracia**. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1997, volume II.

HABERMAS, J. **Três modelos normativos de democracia**. In: Lua Nova, nº 36, 1995.

HELD, D. **Modelos de democracia**. Belo Horizonte, Paidea, 1987.

LIJPHART, A. **As democracias contemporâneas**. Lisboa: Gradiva, 1989.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

AVRITZER, L.; SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para Ampliar o Cânone Democrático**. In: Boaventura de Sousa Santos. (org.). Democratizar a Democracia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DAHL, R. A. **Poliarquia**. São Paulo: Edusp, 1997.

DOWNS, Anthony (1999). **Uma teoria econômica da democracia**. São Paulo: EDUSP.

FARIA, Cláudia Feres. 2000. **Democracia deliberativa: Habermas, Cohen e Bohman**. In: Lua Nova, n.50, p. 47-68.



**NÚCLEO LIVRE – DISCIPLINAS OPTATIVAS**

**DISCIPLINA: TEORIA CRÍTICA**

CH. 60h

**EMENTA:**

O pensamento dos representantes da “Escola de Frankfurt”. Teoria Tradicional e teoria crítica. Materialismo histórico e teoria crítica. A dialética do esclarecimento e a crítica da razão instrumental. Ciência e técnica.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

ADORNO, T. /HORKHEIMER, M.. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

ADORNO, T. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Crítica de la Cultura y Sociedad**. Madrid: Akal, 2008.(Obra Completa, v.10).

BENJAMIN, W. **A Obra de arte na era de suas técnicas de reprodução**. *In*: Textos escolhidos de Benjamin, Horkheimer, Adorno e Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Col. Os pensadores).

HORKHEIMER, M. *et al.* **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**. *In*: Textos escolhidos de Benjamin, Horkheimer, Adorno e Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Col. Os Pensadores).

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas vol. I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. Traduzido por Juba Elisabeth Levy *et al.* São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HORKHEIMER, M. **Teoria Crítica I**, Trad. de Hilde Cohn, São Paulo: Perspectiva, 2006.

\_\_\_\_\_. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2003.



<b>NÚCLEO LIVRE – DISCIPLINAS OPTATIVAS</b>	
<b>DISCIPLINA: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA</b>	CH. 60h
<b>EMENTA:</b> O estudo e discussão do projeto em EaD do Curso de Filosofia; fundamentos legais da EaD, a EaD numa perspectiva histórica; conceitos, bases teórico-metodológicas da EaD; características e funções da EaD; tecnologia e produção de recursos metodológicos; avaliação em EaD.	
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</b> ALVES, J. R. M. <b>A história da EaD no Brasil</b> . In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. (org.). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education Brasil, 2009. GONÇALVES, Consuelo T. Quem tem medo do Ensino a Distância. <b>Revista Educação a Distância</b> , n. 7-8, 1996, INED/IBASE. Disponível em: <a href="http://www.intelecto.net/ead/a%20Dist%C3%A2ncia">http://www.intelecto.net/ead/a Distância</a> , n. 7-8, 1996. Acesso em: 30 maio 2016. GUAREZI, Rita de Cássia Menegaz; MATOS, Márcia Maria de. <b>Educação a distância sem segredos</b> . Curitiba: InterSaberes, 2012. LANDIM, Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira. <b>Educação a distância: algumas considerações</b> . Rio de Janeiro: s.n., 1997. MAIA, Carmem; MATTAR, João. <b>ABC da EaD: a Educação a Distância hoje</b> . São Paulo: Pearson, 2007. <b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:</b> CASTELLS, M. <b>A sociedade em rede</b> . São Paulo: Paz e Terra, 2000. KENSKI, V. M. <b>Tecnologias e ensino presencial e a distância</b> . Campinas, SP: Papirus, 2003. LÉVY, P. <b>A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência</b> . São Paulo: Editora 34, 2001.	



**NÚCLEO LIVRE – DISCIPLINAS OPTATIVAS**

**DISCIPLINA: FILOSOFIA DA MENTE**

CH. 60h

**EMENTA:**

O funcionalismo e o naturalismo biológico. O problema do dualismo: o emergentismo, a introspecção, as leis psicofísicas, a identidade, o reducionismo, a inteligência artificial. Realismo e Antirrealismo. A constituição do pensamento a partir da monodologia de Leibniz e as três leis básicas da física de Newton. Aristóteles e a psicologia. Shakespeare e o drama existencialista. Nietzsche, Fernando Pessoa e fatalismo da existência. Bion e o pensamento à procura do pensador.

**REFERÊNCIAS BÁSICAS:**

Churchland, P. M. **Matéria e Consciência**. Trad. de Maria Claro Cescato; São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

DESCARTES, R. **Meditações**. Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1991. (Col. Os Pensadores).

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTARES:**

DESCARTES. **Paixões da Alma**. Ibidem. Searle, J. A redescoberta da mente. Trad. de Eduardo Pereira e Ferreira. Lisboa: Martins Fontes, 1997.

### 1.9.3 Prática como componente curricular

Importante situar a concepção e o entendimento do papel da prática como componente curricular e do estágio supervisionado, resguardando a especificidade de cada um e sua necessária articulação, bem como a necessária supervisão desses momentos formativos, a caracterização dos mesmos como parte obrigatória da formação tal como delineado no Parecer CNE/CP nº 28 de 2 de outubro de 2001 e reforçado no Parecer CNE/CES nº 15 de 2 de fevereiro de 2005.

O Parecer CNE/CP nº 2 de 9 de junho de 2015 da Resolução CNE/CP nº 2 de 1 de julho de 2015 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica ratifica o Parecer CNE/CP nº 28 de 2 de outubro de 2001 que distingue a prática como componente curricular do estágio supervisionado:

**A prática como componente curricular é, pois, uma prática que produz algo no âmbito do ensino. Sendo a prática um trabalho consciente [...] de apoio do processo formativo, a fim de dar conta dos múltiplos modos de ser da atividade acadêmico-científica.** Assim, ela deve ser planejada quando da elaboração do projeto pedagógico e seu acontecer deve se dar desde o início da duração do processo formativo e se estender ao longo de todo o seu processo. **Em articulação intrínseca com o estágio supervisionado e com as atividades de trabalho acadêmico, ela concorre conjuntamente para a formação da identidade do professor como educador.** Esta correlação teoria e prática é um movimento contínuo entre saber e fazer na busca de significados na gestão, administração e resolução de situações próprias do ambiente da educação escolar. A prática, como componente curricular, que terá necessariamente a marca dos projetos pedagógicos das instituições formadoras, **ao transcender a sala de aula para o conjunto do ambiente escolar e da própria educação escolar, pode envolver uma articulação com os órgãos normativos e com os órgãos executivos dos sistemas.** Com isto se pode ver nas políticas educacionais e na normatização das leis uma concepção de governo ou de Estado em ação. **Pode-se assinalar também uma presença junto a agências educacionais não escolares tal como está definida no Art. 1º da LDB. Professores são ligados a entidades de representação profissional cuja existência e legislação eles devem conhecer previamente.** Importante também é o conhecimento de famílias de estudantes sob vários pontos de vista, pois eles propiciam um melhor conhecimento do ethos dos alunos. (Grifo nosso)

É fundamental que haja tempo e espaço para a prática, como componente curricular, desde o início do curso e que haja uma supervisão da instituição formadora como forma de apoio até mesmo à vista de uma avaliação de qualidade.

[...]Por outro lado, é preciso considerar um outro componente curricular obrigatório integrado à proposta pedagógica: estágio curricular supervisionado de ensino entendido como o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio curricular supervisionado supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário. Por isso é que este momento se chama estágio curricular supervisionado.

Este é um momento de formação profissional do formando seja pelo exercício

direto in loco, seja pela presença participativa em ambientes próprios de atividades daquela área profissional, sob a responsabilidade de um profissional já habilitado. Ele não é uma atividade facultativa sendo uma das condições para a obtenção da respectiva licença. Não se trata de uma atividade avulsa que angarie recursos para a sobrevivência do estudante ou que se aproveite dele como mão de obra barata e disfarçada. Ele é necessário como momento de preparação próxima em uma unidade de ensino. [...].

Assim o estágio curricular supervisionado deverá ser um componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade intrinsecamente articulada com a prática e com as atividades de trabalho acadêmico.

Ao mesmo tempo, os sistemas de ensino devem propiciar às instituições formadoras a abertura de suas escolas de educação básica para o estágio curricular supervisionado. Esta abertura, considerado o regime de colaboração prescrito no Art. 211 da Constituição Federal, pode se dar por meio de um acordo entre instituição formadora, órgão executivo do sistema e unidade escolar acolhedora da presença de estagiários. Em contrapartida, os docentes em atuação nesta escola poderão receber alguma modalidade de formação continuada a partir da instituição formadora. Assim, nada impede que, no seu projeto pedagógico, em elaboração ou em revisão, a própria unidade escolar possa combinar com uma instituição formadora uma participação de caráter recíproco no campo do estágio curricular supervisionado.

O Parecer CNE/CES nº 15 de 2 de fevereiro de 2005 ratifica essa compreensão ao afirmar que:

**[...] a prática como componente curricular é o conjunto de atividades formativas que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência.** Por meio destas atividades, são colocados em uso, no âmbito do ensino, os conhecimentos, as competências e as habilidades adquiridos nas diversas atividades formativas que compõem o currículo do curso. **As atividades caracterizadas como prática como componente curricular podem ser desenvolvidas como núcleo ou como parte de disciplinas ou de outras atividades formativas. Isto inclui as disciplinas de caráter prático relacionadas à formação pedagógica, mas não aquelas relacionadas aos fundamentos técnico-científicos correspondentes a uma determinada área do conhecimento.** Por sua vez, o estágio supervisionado é um conjunto de atividades de formação, realizadas sob a supervisão de docentes da instituição formadora, e acompanhado por profissionais, em que o estudante experimenta situações de efetivo exercício profissional. O estágio supervisionado tem o objetivo de consolidar e articular as competências desenvolvidas ao longo do curso por meio das demais atividades formativas, de caráter teórico ou prático. (Grifo nosso).

O referido Parecer destaca, ainda, que:

**As disciplinas relacionadas com a educação que incluem atividades de caráter prático podem ser computadas na carga horária classificada como prática como componente curricular, mas o mesmo não ocorre com as disciplinas relacionadas aos conhecimentos técnico-científicos próprios da área do conhecimento para a qual se faz a formação.** Por exemplo, disciplinas de caráter prático em Química, cujo objetivo seja prover a formação básica em Química, não devem ser computadas como prática como componente curricular nos cursos de licenciatura. **Para este fim, poderão ser criadas novas disciplinas ou adaptadas as já existentes, na medida das necessidades de cada instituição.** (Grifo nosso).

Na formação docente, a relação teoria e prática devem ocorrer por meio de múltiplas maneiras, conforme o que foi estabelecido,

[...] uma concepção de prática mais como componente curricular implica em vê-la como uma dimensão do conhecimento, que tanto está presente nos cursos de formação nos momentos em que se trabalha na reflexão sobre a atividade profissional, como durante o estágio nos momentos em que se exercita a atividade profissional. (PARECER CNE/CP nº 9 de 8 de maio 2001, p. 23).

A partir dessa perspectiva, distingue-se, de um lado, a prática como componente curricular investigativo e, de outro, a prática de ensino desenvolvida no estágio obrigatório definidos em lei. A primeira é mais abrangente, contemplando dispositivos legais a partir do entendimento que se constitui numa prática que produz algo no âmbito do ensino, sendo um trabalho consciente cujas diretrizes se nutrem do Parecer CNE/CP nº 9 de maio de 2001, devendo ser uma atividade flexível quanto aos outros pontos de apoio do processo formativo.

A prática como componente curricular deve ser planejada na elaboração do projeto pedagógico, e seu acontecer dá-se desde o início da duração do processo em articulação intrínseca com o estágio supervisionado e com as atividades de trabalho acadêmico, concorrendo, conjuntamente, para a formação da identidade do professor como educador. Considera ainda o novo paradigma das diretrizes nacionais sobre a formação de educadores e suas exigências legais voltadas para um padrão de qualidade nos cursos de licenciatura.

Desse modo, a prática curricular desenvolve atitudes investigativas, reflexivas e atuantes frente à complexidade da realidade educacional. Além disso, cria espaço para o exercício da capacidade de pesquisar o fato educativo, estimulando o estudante à reflexão e à intervenção no cotidiano da prática pedagógica investigativa e promovendo a integração dos estudantes. Pode também socializar experiências que contribuam para a iniciação científica, por meio da prática da pesquisa em educação, no sentido de fortalecer e articular os saberes para a docência na busca da formação da identidade do professor.

No Parecer CNE/CP nº 2 de 9 de junho de 2015, sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica, destaca-se que é importante apreender os processos e, sobretudo, situar a concepção e o entendimento do papel da prática e do estágio supervisionado como componentes curriculares, resguardando a especificidade de cada um e sua necessária articulação, bem como a necessária supervisão desses momentos formativos, a caracterização dos mesmos como parte obrigatória da formação tal como delineado no Parecer CNE/CP nº 28 de 2 de outubro de 2001 e reforçado no Parecer CNE/CES nº 15 de 2 de fevereiro de 2005.

A Universidade Estadual do Maranhão, por meio da Resolução nº 1.264 de 6 de junho de 2017 – CEPE/UEMA estabeleceu as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Licenciatura da UEMA, em que define, entre outras orientações voltadas para a construção do currículo desses cursos, os componentes curriculares que formam o núcleo prático, conforme o prescrito pelo Parecer CNE/CP nº 2 de 9 de junho de 2015 e pela Resolução CNE/CP nº 2 de 1 de julho de 2015 que orienta, a saber: Prática Curricular na Dimensão Político-Social, Prática Curricular na Dimensão Educacional, Prática Curricular na Dimensão Escolar e todos os estágios. O núcleo prático é formado pelos seguintes componentes curriculares: os estágios curriculares supervisionados, as três práticas curriculares e as atividades teórico-práticas.

As três práticas estabelecidas na Resolução nº 1.264 de 6 de junho de 2017 – CEPE/UEMA e fundamentadas a partir da orientação dos Pareceres CNE/CP nº 28/2000, CNE/CES nº 15 de 2 de fevereiro de 2005 e CNE/CP nº 2 de 9 de junho de 2015 da Resolução CNE/CP nº 2 de 1 de julho de 2015 estão organizadas em um total de 405 (quatrocentas e cinco) horas equivalente a 09 (nove) créditos, distribuídas do segundo ao quinto período do curso:

- I - Prática Curricular na Dimensão Político-Social (135h);
- II - Prática Curricular na Dimensão Educacional (135h); e
- III - Prática Curricular na Dimensão Escolar (135h).

A metodologia escolhida para a realização dessas atividades inclui a realização de projetos integradores, os quais serão desenvolvidos do 2º ao 4º período, momentos nos quais o aluno receberá orientações acerca da construção dos projetos e do tempo específico para desenvolvê-los. Em cada um desses períodos os projetos poderão envolver outras disciplinas, numa perspectiva interdisciplinar. Dentre essas atividades, podemos citar a participação em pesquisas educacionais, programas de extensão, elaboração de material didático, desenvolvimento de projetos de eventos científicos, entre outros.

As práticas curriculares serão desenvolvidas em diferentes contextos educacionais e terão elementos teóricos e didático-metodológicos a fim de potencializar as práticas docentes. Devem enfatizar o conhecimento interdisciplinar e possibilitar uma constante atualização curricular, tratando de questões emergentes no aspecto científico-político-sociocultural. Devem suscitar a reflexão da prática formativa, com fins interventivos conscientes e sistematicamente na realidade educacional em que se inserem,

colaborando dessa forma, com a qualidade do ensino e com a formação de pessoas cidadãs aptas a construir uma sociedade menos desigual (Dimensão Prática nos Cursos de Licenciatura: organização pedagógica, RIOS, 2011, p.9). Poderá ser feita em forma de projetos temáticos com envolvimento da comunidade escolar ou em espaços não formais da comunidade, tais como: oficinas de trabalho; produção de textos, produção de materiais didáticos tais como: livretos, cartilhas, jogos, visitas científicas, viagens culturais etc. a depender da prévia aprovação da Direção dos Cursos de Licenciatura.

Está organizada em um total de 405 (quatrocentas e cinco) horas equivalente a 09 (nove) créditos, distribuídas do segundo ao quinto período do curso.

Quadro 13 - Distribuição da carga horária de Prática Curricular em três períodos nos Cursos de Licenciatura da UEMA

Períodos	Reunião como professor/tutor	Atividade independente do aluno	Produção do Trabalho Final	Total
2º	45 h	60h	30h	135h
3º	45h	60h	30h	135h
4º	45h	60h	30h	135h
<b>TOTAL</b>	<b>135h</b>	<b>180h</b>	<b>90h</b>	<b>405h</b>

Fonte: Dimensão prática nos cursos de licenciatura: organização técnico-pedagógica da UEMA (RIOS, 2011).

O processo formativo do professor como prática pedagógica reflexiva e investigativa visa buscar o saber e o fazer como tarefa interativa, presente na significação social da profissão, na reflexão e na investigação da atividade profissional, valorizada pela pesquisa individual e coletiva, no sentido de fortalecer e articular os saberes da docência na formação da identidade do professor como educador.

Entre as ações a serem desenvolvidas pelo estudante no âmbito da prática curricular, destaca-se a participação em atividades voltadas à pesquisa, à reflexão e à intervenção em situações problemas na comunidade. Para tanto, o estudante será devidamente encaminhado à instituição de ensino ou outros espaços educacionais.

Para a consecução da PPC, entende-se que as metodologias propostas podem considerar os seguintes procedimentos como:

- ✓ Observação de diferentes dimensões da prática educativa; reflexão; registros de observações realizadas e resolução de situações-problema;
- ✓ Observação e reflexão sobre a prática educativa com a possibilidade de utilização de tecnologias de informação;

- ✓ Levantamento e análise de materiais e livros didáticos;
- ✓ Levantamento e análise de documentos relativos à organização do trabalho na escola;
- ✓ Coleta e análise de narrativas orais e escritas de profissionais da educação, estudantes e pais ou responsáveis pelos alunos da escola básica;
- ✓ Estudos de caso delineados a partir dos desafios encontrados no contexto escolar relacionados à: questões de ensino e de aprendizagem; projetos educativos; articulação entre profissionais e diferentes setores da escola; relação família e escola; formação continuada de professores e de gestores da escola básica.

A prática curricular terá como objetivo articular diferentes conjuntos de conhecimentos, saberes e experiências que serão adquiridos e vivenciados pelos estudantes em diferentes tempos e espaços no transcorrer do curso, de maneira a aprofundar a compreensão da prática educativa em contextos distintos. Deverá, portanto, atender às especificidades deste curso de licenciatura da UEMA.

As atividades na prática curricular serão norteadas por temáticas específicas de acordo com o Projeto Pedagógico deste curso ou Programa Especial de Formação de Professores. A avaliação das atividades relacionadas à Prática Curricular será feita pelo professor (a) no decorrer desse componente curricular.

### **Concepções das práticas curriculares no Curso de Filosofia Licenciatura**

#### **➤ Prática Curricular na Dimensão Político-Social - 135 horas**

A **Prática Curricular na Dimensão Político-Social** visa orientar e fornecer a formação dos saberes da docência por meio de ferramentas didático pedagógicas para que possam realizar práticas curriculares contextualizadas e interdisciplinares, a partir de conteúdos que demonstrem a dimensão político-social da Educação. Esta prática deverá proporcionar a compreensão das funções sociais e políticas da Educação, da escola como instituição social inserida em uma comunidade, além da contextualização das problemáticas sociais, culturais e educacionais, desenvolvidas por meio de projetos educacionais temáticos a partir de questões cientificamente relevantes das práticas curriculares em uma visão interdisciplinar e multidisciplinar.

#### **➤ Prática Curricular na Dimensão Educacional – 135 horas**

A **Prática Curricular na Dimensão Educacional** tem o intuito de contribuir

na formação dos saberes da docência, considerando as concepções sobre a significação social da profissão, a relevância da atividade docente e no espaço pedagógico do professor. Essa prática deverá permitir a organização da ação docente voltada para sua atuação, na direção do ensino, da pesquisa e da extensão, possibilitando também conhecer as metodologias de ensino desenvolvidas pelos professores na educação básica, na busca da construção da identidade do ser professor, na sociedade atual. Essa prática curricular deve ser desenvolvida na visão interdisciplinar e multidisciplinar por meio da construção e desenvolvimento de projetos educativos temáticos.

### ➤ **Prática Curricular da Dimensão Escolar – 135 horas**

A **Prática Curricular na Dimensão Escolar** visa contribuir com a formação dos saberes da docência, considerando a dimensão democrática e participativa na escola como ambiente da formação social do indivíduo cidadão para o exercício consciente da cidadania, devendo abordar a escola a partir da diversidade que deve fundamentar o projeto pedagógico, na sua estrutura, organização e dinâmica administrativa-técnico-pedagógica, buscando por meio da construção e do desenvolvimento de projetos educativos que contemple a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; o respeito à liberdade e o apreço à tolerância; a valorização do profissional da educação; a gestão democrática do ensino público; a garantia de um padrão de qualidade; a valorização da experiência extraescolar; a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais, o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial, entre outros, constituem princípios vitais para a melhoria e democratização da gestão e do ensino.

### **TEMPO E ESPAÇO DAS PRÁTICAS**

As práticas curriculares serão desenvolvidas no decorrer do período de acordo com o cronograma previamente estabelecido.

**Primeiro período de 45 horas:** Nas primeiras 20 horas, serão realizadas atividades em sala de aula com o professor (a) com a finalidade de orientar, acompanhar e avaliar as atividades de elaboração dos projetos, instrumentos, levantamentos de dados e informações. Ao final dessas primeiras 20h, o aluno deverá apresentar um esboço de projeto ou plano de atividades a serem executados no espaço educativo definido previamente. As 25 horas que faltam para totalizar às 45 horas da 1ª unidade serão

trabalhadas de acordo com o cronograma estabelecido no plano de trabalho ou projeto, constando de:

- ✓ Revisão da literatura da temática escolhida;
- ✓ Visitas os campos de estudos com vistas à investigação ou desenvolvimento de atividades pedagógicas (levantamento de dados, documentos legais), quais sejam:
  - a) Estudo do planejamento de ensino do período correspondente à etapa do desenvolvimento das práticas com vistas a interdisciplinaridade;
  - b) Levantamento da realidade estudada;
  - c) Leitura e análise do Projeto Pedagógico da Escola, quando for o caso;
  - d) Leitura do Regimento Interno da Escola, quando for o caso;
  - e) Leitura dos projetos desenvolvidos pela escola, quando for o caso.

A operacionalização deverá ser em grupo. O acompanhamento pedagógico será feito pelo professor em encontros presenciais. Os demais acompanhamentos serão realizados via SigUema com a obrigatoriedade de ambas as partes realizarem as devolutivas dos e-mails.

**Segundo período de 45 horas:** Nas primeiras 20 (vinte) horas, o professor deverá orientar os alunos acerca da organização e tratamento dos dados coletados, bem como de todo o material bibliográfico levantado para a fundamentação do projeto ou plano de trabalho. Além disso, o professor deverá entregar o roteiro de relatório do componente curricular. Nas 25 (vinte e cinco) horas restantes, o aluno deverá elaborar a primeira versão do relatório, de acordo as orientações estabelecidas previamente, e entregar ao professor para avaliação.

**Terceiro período de 45 horas:** Nas 25 (vinte e cinco) horas, o aluno deverá organizar a apresentação do relatório a partir das orientações estabelecidas pelo professor quanto aos procedimentos. Nas 20 (vinte) horas restantes, preparação e realização do seminário ou ação social da prática com a participação de comunidade. Etapa da elaboração do relatório com carga horária de 25 horas para:

- O registro dos diários será feito de 45 em 45 horas;
- As atribuições de nota serão distribuídas da seguinte forma:

- ✓ Primeira nota – elaboração do projeto e instrumentos de levantamentos de dados e informações;
- ✓ Segunda nota – elaboração de relatório com análise dos dados e informações;
- ✓ Terceira nota – apresentação oral no seminário.

#### **1.9.4 Estágio curricular supervisionado**

Segundo as Normas Gerais do Ensino de Graduação, aprovadas pela Resolução nº1369/2019 - CEPE/UEMA, Seção VI, art. 67, o estágio é ato educativo supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho produtivo, para estudantes regularmente matriculados, e será regido por regulamento aprovado pelo Colegiado, como parte do projeto pedagógico do curso, devendo conter normas de operacionalização, formas de avaliação e tipos de atividades a serem aceitas.

§ 1º O estágio pode ser obrigatório, supervisionado por docente da universidade, e não obrigatório supervisionado por técnico da instituição campo de estágio, conforme determina a legislação vigente e contida nos projetos pedagógicos de cada curso.

§ 2º O estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

§ 4º O estágio de vivência teórico-prática exercida pelo estudante para fins de integralização curricular é coordenado pelos cursos e acompanhado pelo professor orientador, podendo ser desenvolvido em instituições jurídicas de direito público ou privado, ou em escolas da comunidade reconhecidas pelo Conselho Estadual de Educação.

§ 5º O estágio de que trata o caput deste artigo será objeto de instrumento jurídico apropriado, firmado pela entidade concedente do estágio e pela UEMA, na forma legal.

Art. 71 A articulação teoria-prática nos cursos de licenciatura será realizada sob as formas de Prática (405 horas com 9 créditos) e Estágio Curricular Obrigatório (405 horas com 9 créditos) a serem vivenciados ao longo do curso.

Art.72 Os portadores de diploma de licenciatura com exercício comprovado no magistério e exercendo atividade docente regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do Estágio Curricular Obrigatório até o máximo de 90 (noventa) horas, de acordo com as regras definidas em normas específicas do curso.

Art. 73 A orientação e o acompanhamento do estágio obrigatório supervisionado serão desenvolvidos por um professor-orientador da Uema, e por profissional da instituição campo de estágio, denominado supervisor técnico.

Parágrafo único. O professor-orientador de estágio das licenciaturas deverá ser obrigatoriamente um professor licenciado do quadro efetivo da Uema.

Art.74 A PROG, por meio da Divisão de Estágio e Monitoria (DEM), será responsável pela coordenação geral dos estágios obrigatórios.

Art.75 O estágio curricular, para a sua regularidade, envolve: I. coordenador de estágio; II. Orientador de estágio; III. Supervisor de campo.

§ 1º O coordenador de estágio é responsável pela estruturação e planejamento do estágio curricular e extracurricular.

§ 2º O orientador do estágio é um professor da Uema responsável pelo acompanhamento didático/pedagógico do estudante durante a realização dessa atividade.



§ 3º O supervisor de campo, também denominado supervisor técnico, é um profissional lotado na unidade de realização do estágio, responsável nesse local pelo acompanhamento do estudante durante o desenvolvimento dessa atividade.

Art. 76 O estágio obrigatório não cria vínculo empregatício de natureza alguma, mesmo que o estagiário receba bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada.

Parágrafo único. Será celebrado Termo de Compromisso entre o estudante e a parte concedente do estágio, com a interveniência da Uema.

Art. 77 Caberá ao Departamento, ouvida a Direção do curso, a designação de um Coordenador de Estágio por curso, observado o Planejamento Departamental.

Parágrafo único. Na inexistência de Departamento, caberá à Direção de curso a designação do Coordenador de Estágio.

Os Estágios nos Cursos de Licenciatura da UEMA seguem ainda a Resolução nº 1369/2019 – CEPE/UEMA, organizado de acordo com a Resolução CNE/CP nº 2/2015. A UEMA institui que 405 horas sejam dedicadas ao Estágio Curricular Supervisionado.

Em atendimento à Resolução CEPE/UEMA nº 1369/2019, art.8º, o Estágio Curricular Supervisionado, no Curso de Filosofia Licenciatura, será realizado mediante regência de classe e intervenção sistematizada em situações que se apresentam no campo de estágio, conforme a seguinte distribuição de carga horária:

- 135h - Estágio curricular supervisionado nos anos finais do Ensino Fundamental;
- 180h - Estágio curricular supervisionado no Ensino Médio e;
- 90h - Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar.

As orientações iniciarão na sala de aula do curso do estagiário para informações gerais das atividades, previamente planejadas pelos professores e coordenador de estágio.

### **1.9.5 Atividade teórico-prática – ATP**

Com base na Resolução nº 1264/2017-CEPE/UEMA, as Atividades Teórico-Práticas – ATP, obedecem o disposto:

Art. 10 - O componente curricular e Atividades Teórico-Práticas (ATP) de aprofundamento em áreas específicas nos cursos de licenciaturas da UEMA deverão enriquecer o processo formativo do estudante como um todo.

§ 1º As atividades teórico-práticas de aprofundamento, na UEMA, têm carga horária total de 225 horas e corresponde a cinco créditos de 45 horas cada.

§ 2º O aluno deverá formalizar requerimento com documentação comprobatória das ATP junto à Secretaria do curso, para avaliação e parecer do colegiado e consequente registro no SigUEMA pela direção do curso.

§ 3º Para cumprir a carga horária das atividades teórico-práticas, estabelecidas no currículo do curso, serão aceitas atividades realizadas no âmbito da UEMA e de outras instituições legalmente reconhecidas.

Art. 11 A universidade deverá incentivar, orientar e aproveitar a participação do estudante em atividades de ensino e iniciação à docência, de iniciação à pesquisa e de extensão.

Art. 12 As atividades teórico-práticas são componentes obrigatórios do currículo dos cursos de licenciatura e constituem-se como requisito indispensável para a conclusão do curso.

Art. 13 A contabilização da carga horária total de 225 horas deverá ser composta a partir dos três grupos de atividades.

Grupo I – Atividades de Ensino e Iniciação à Docência

Grupo II – Atividades de Iniciação à Pesquisa

Grupo III – Atividades de Extensão

Grupo IV – Atividades de Iniciação ao Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

§ 1º As informações de orientação aos estudantes são de responsabilidade do diretor do curso que, no início do semestre letivo, deverá informar aos estudantes o período para encaminhar seus documentos comprobatórios das ATP.

§ 2º O período estabelecido para os estudantes encaminharem suas ATP deve ter a primeira contagem da carga horária no quarto, a segunda no sexto e a última no oitavo período.

As Atividades Teórico-Práticas – ATP no Curso de Filosofia Licenciatura da UEMA deverão enriquecer o processo formativo do estudante como um todo, e nesse aspecto a Universidade incentiva, orienta e aproveita a participação do estudante em atividades que envolvam a extensão.

As ATP têm carga horária total de 225 (duzentas e vinte e cinco) horas, sendo o registro e o controle feito pela diretora do curso, utilizando os critérios estabelecidos na Resolução 1264/2017-CEPE/UEMA para contabilização da carga horária, conforme Apêndice A.

A cada semestre, o aluno, poderá participar de um evento, sem prejuízo nas disciplinas em que está matriculado, porém só terá as faltas justificadas mediante a comprovação da participação junto aos professores das disciplinas.

Nos eventos organizados pela UEMA, os alunos terão suas faltas abonadas mediante a comprovação da participação.

Caberá a uma comissão de professores a ser eleita pelo Colegiado fazer a conferência da carga horária dos eventos que os alunos participarem, bem como, a elaboração das normas específicas para esse fim.

### **1.9.6 Trabalho de conclusão de curso - TCC**

O Trabalho de Conclusão do Curso seguirá as exigências da Resolução nº 1369/2019 – CEPE/UEMA, Título II – Do Ensino de Graduação, Capítulo I – Dos Cursos de Graduação, Seção VIII, conforme disposto abaixo:

Art. 100 A elaboração de um trabalho científico, observadas as exigências das Normas Técnicas internacionais, denominado Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para efeito de registro no histórico acadêmico, é condição indispensável para a conclusão de curso de graduação.

Dos incisos do Artigo 101 dos Art. 101 O TCC será de autoria de acadêmicos e

poderá constituir-se de:

- I. proposta pedagógica, com fundamentação em paradigma educacional;
- II. proposta tecnológica, com base em projeto de pesquisa científica;
- III. projeto metodológico integrado;
- IV. projeto de invenção no campo da engenharia;
- V. produção de novas tecnologias;
- VI. produção de programas de computação de alta resolução;
- VII. produção de trabalho monográfico;
- VIII. produção de artigo científico seguindo as normas de revistas indexadas;
- IX. produção e defesa de relatório de estágio que demonstre a cientificidade da relação teoria e prática desenvolvida no currículo, igualmente na produção do relatório da monitoria.

§ 1º O Trabalho de Conclusão de Curso é de autoria de um único estudante, exceção feita ao TCC que tratar de Proposta, ficando, neste caso, limitado a três acadêmicos, no máximo.

§ 2º A estrutura e formatação gráfica do TCC deverão seguir o padrão específico disponibilizado no endereço eletrônico da Universidade.

Art. 102 A matrícula no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso somente poderá ser realizada desde que:

- I. O estudante não esteja em débito com as disciplinas do currículo objeto de seu trabalho, observado o prazo máximo de integralização curricular.
- II. A requisição do projeto de trabalho seja feita na direção de curso no semestre anterior à realização do TCC, respeitado o trâmite de orientação e homologação pelo colegiado de curso.
- III. O projeto de TCC tenha sido entregue, no período estabelecido pela direção de curso, para submissão e avaliação a critério do colegiado de curso e consequente homologação do parecer do avaliador.

Art. 103 Cada trabalho será desenvolvido sob a orientação pessoal e direta de um professor entre aqueles da área de conhecimento afim com o objeto do trabalho.

§ 1º A orientação acadêmica dos estudantes com necessidades educacionais especiais deverá ser feita com o apoio e de acordo com as recomendações do Núcleo de Acessibilidade - NAU/UEMA.

§ 2º Sem prejuízo de outras atividades, a Assembleia Departamental ou o Colegiado de Curso, na inexistência de Departamento, quando da distribuição de carga horária dos docentes, estabelecerá um percentual para os professores que orientarão trabalhos de conclusão de curso, respeitando o limite dos seus regimes de trabalho.

§ 3º Cada professor poderá orientar até 5 (cinco) trabalhos de conclusão de curso por semestre.

§ 4º Poderão orientar trabalhos de conclusão de curso professores não pertencentes ao quadro da UEMA, desde que haja afinidade entre a especialidade do orientador e o tema proposto, e seja comprovada a sua condição de professor universitário por declaração da IES de origem, ficando as despesas advindas dessa orientação sob a responsabilidade do acadêmico.

§ 5º O documento de que trata o parágrafo anterior deverá ser entregue à direção do curso junto com o projeto de TCC.

§ 6º Pode haver mudança de orientador, a critério do estudante, e interrupção da orientação pelo professor, desde que justificadas por escrito à direção do curso.

Art. 104 O Trabalho de Conclusão de Curso deverá ser elaborado em duas fases, até no mínimo em dois períodos letivos consecutivos, penúltimo e último período.

§ 1º Na primeira fase, o acadêmico apresentará, na data designada pelo diretor do curso, um Projeto de TCC, devidamente assinado pelo professor orientador, que deverá ser homologado pelo colegiado do curso.

§ 2º Na segunda fase, o estudante desenvolverá o projeto aprovado que deverá ser entregue na data designada pelo diretor do curso.

§ 3º As três vias do Trabalho de Conclusão de Curso serão entregues ao diretor de curso que as distribuirá aos professores que comporão a banca examinadora, com antecedência mínima de 10 (dez) dias da data de defesa designada pelo diretor do curso.

§ 4º A banca examinadora será composta por 3 (três) professores, sendo presidente o professor orientador, 2 (dois) professores membros e mais 2 (dois) professores suplentes; sendo que todos deverão ser indicados pelo colegiado do curso.

§ 5º Na falta ou impedimento do professor orientador ou membro da banca, devidamente justificada, poderá ser designado, pela direção do curso, a substituição do membro ausente por um dos suplentes da banca, ou ainda, no caso da falta do orientador, determinar nova data para defesa do trabalho, que não poderá exceder de 5 (cinco) dias úteis.

Art. 105 Será tido como automaticamente reprovado o TCC sob acusação de plágio.

§ 1º Considera-se plágio a apropriação ou cópia de um trabalho de natureza intelectual sem a autorização do autor ou sem citação da verdadeira origem.

§ 2º A fraude na elaboração do trabalho, na forma de plágio, ou outra, estará sujeita às penalidades previstas no artigo 202 deste Regimento.

§ 3º Constatado o plágio, pelo professor, o ato será registrado em protocolo específico e encaminhado para a Direção de curso, que o anexará ao dossiê do aluno.

§ 4º Será atribuída nota zero ao TCC sob acusação de plágio.

Art. 106 A defesa do trabalho consiste na exposição oral do conteúdo pelo estudante durante 30 (trinta) minutos, e terá 10 (dez) minutos para as respostas à arguição de cada componente da Banca Examinadora.

§ 1º Da defesa resulta uma nota numérica calculada pela média aritmética das notas de apresentação escrita e exposição oral atribuídas por cada membro da banca, ocorrendo aprovação quando a média for igual ou superior a 7,0 (sete) ou reprovação do trabalho, em caso de nota inferior, registradas em ata a ser arquivada na direção do curso.

§ 2º A avaliação poderá ser concluída quando não houver exigência de alterações e, quando houver, fica o aluno com prazo máximo de 10 (dez) dias úteis para entregar uma via da versão definitiva à direção de curso, sob pena de invalidação de nota atribuída ao trabalho.

§ 3º A aprovação também poderá ser condicionada à realização mudanças de forma ou conteúdo, ficando o acadêmico com prazo máximo de (quinze) dias úteis para proceder à modificação e entregar uma via da versão definitiva à direção do curso.

§ 4º A banca examinadora apresentará, por escrito, as observações relativas à avaliação do TCC, a fim de que o acadêmico proceda às alterações indicadas.

§ 5º A versão modificada será encaminhada ao professor orientador ou professor designado pela banca para proceder à revisão, a ser realizada no prazo máximo de 2 (dois) dias, sob pena de invalidação da nota atribuída ao trabalho.

Art. 107 A via definitiva será entregue à direção do curso para posterior encaminhamento à Biblioteca Central.

Parágrafo único. A direção do curso manterá um banco de dados com informações básicas sobre todos os trabalhos de conclusão de curso já defendidos e aprovados, devendo conter: autor, título e área temática do trabalho; nome e titulação do professor orientador; data em que se realizou a defesa; número de catálogo na biblioteca; e membros da banca examinadora.

Art. 108 O TCC se submeterá às regras deste Regimento e/ou outra norma institucional vigente.

Mediante o que reza no Artigo 101 da Resolução nº 1369/2019-CEPE/UEMA, o Colegiado de Curso ouvido o Núcleo Docente Estruturante – NDE, do Curso de Filosofia, optou pelos Incisos I, VII e VIII, sendo que o aluno, no seu TCC, optará por um desses Incisos.

Quanto ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o aluno que alcançar nota 10 (dez), e poderá ser indicado para a publicação na revista eletrônica do curso.

O curso deve instituir um seminário de divulgação da avaliação do projeto e dos trabalhos científicos, ou seja, das monografias e artigos defendidos pelos alunos do curso, além de relatórios de iniciação científica, atividades desenvolvidas em sala de aula, participação em extensão a ser realizado semestralmente com carga horária de até 25 horas, que será aceita como atividades complementares.

Caberá a uma comissão de professores e alunos a ser eleita pelo Colegiado organizar o seminário.

#### 1.10 METODOLOGIA DE FUNCIONAMENTO DO CURSO

Destacam-se como metodologias ativas para intervir ao processo formativo dos alunos tais como: estudos de caso, oficinas, seminários temáticos, fóruns, visitas técnicas, palestras, laboratórios, aula expositiva e dialogada, portfólio. A seguir, serão descritas para breve caracterização:

I. Estudos de Caso: trata-se de uma técnica para análise e solução de situações reais e/ou hipotéticas, usada em sala de aula e nas atividades de campo para incentivar a discussão de ideias e trocas de experiências entre discentes e docentes. Os alunos poderão desenvolver estudos de caso ao longo do percurso formativo;

II. Oficinas: espaço para desenvolvimento de atividades práticas, de pesquisa, da organização do trabalho, aprofundamento e ampliação do processo de formação do aluno. Poderão envolver ou incluir temáticas articuladoras ou complementares;

III. Seminários Temáticos: encontros onde os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem apresentem e discutam, cientificamente, investigações, diagnósticos, intervenções ou experimentos realizados sobre um determinado tema previamente definido, de forma que todos os participantes possam vir de alguma forma, a contribuir;

IV. Fóruns: encontros nos quais sujeitos envolvidos no processo, corpo docente e discente, egressos e profissionais, apresentam e discutem experiências de práticas profissionais;

V. Visitas técnicas: visitas de estudo às instituições, como estratégia de integração entre teoria e prática;

VI. Palestras: professores convidam palestrantes para socializar conhecimentos das diversas disciplinas do curso;

VII. Laboratórios: consiste na imersão de alunos, por meio de ações de

investigação e intervenção, articulando ensino, pesquisa e extensão. São viabilizadas a partir de planos de formação e trabalho, discutidos e definidos conjuntamente entre as instituições envolvidas, gestores, corpo docente e discente. Propõe-se que os laboratórios constituam-se em um processo continuado de formação e, ao mesmo tempo, em espaço exemplar de viabilização da articulação teoria/prática e estudo profissional e acadêmico, potencializando, com isso, o reconhecimento da formação profissional e ampliando o mercado de trabalho para os profissionais egressos da região;

VII. Aula Expositiva e dialogada: exposição de conteúdos com a participação ativa dos alunos;

IX. Portfólio: identificação e registro das produções, desafios e dificuldades significativos, constituindo um referencial do conjunto dos trabalhos de cada aluno.

## 1.11. AVALIAÇÃO

### 1.11.1 Avaliação do ensino-aprendizagem

No que se refere à avaliação do aluno, atualmente, segue-se as determinações das Normas Gerais do Ensino de Graduação, nº 1369/2019-CEPE/UEMA, por meio da frequência e aproveitamento. São aplicadas três avaliações, sendo os resultados expressos em notas de zero a dez, admitindo-se 0,5 (meio ponto), devendo a média final ser expressa com, no máximo, uma casa decimal.

As avaliações de aprendizagem adotadas pelos professores do Curso de Filosofia Licenciatura são diversificadas, envolvendo: avaliação individual, seminários, trabalhos individuais e em grupos, pesquisas, resenhas, artigos acadêmico-científicos, fóruns, oficinas, relatos de visitas técnicas, dentre outras.

É considerado aprovado por média, em cada disciplina, o aluno cuja média aritmética das três notas correspondentes às avaliações, for igual ou superior a sete e que alcançar a frequência igual ou superior a 75%. O aluno que obtiver média de aproveitamento igual ou superior a cinco e inferior a sete e que tenha comparecido, no mínimo, a 75% das atividades acadêmicas, será submetido à avaliação final que envolverá todo o programa da disciplina, realizada após o encerramento do período letivo, como prevista nas Normas Gerais do Ensino de Graduação, aprovadas pela Resolução nº 1369/2019-CEPE/UEMA.

### 1.11.2 Avaliação institucional

A UEMA conta com o compromisso da Administração Superior (Reitoria, Pró-Reitorias, Centro de Estudos, Direção de Cursos, Chefias de Departamentos) em adotar a avaliação como fator imprescindível para decisão em seu planejamento estratégico. Os diversos campi/centros que compõem a estrutura da UEMA devem assentar as suas atividades baseadas nas informações levantadas por meio da autoavaliação. Além disso, tem sido crescente o interesse da Comunidade acadêmica necessário ao alcance do sucesso à arrematamento de todos os atores para a responsabilidade e comprometimento com a efetividade e o prosseguimento do processo avaliativo.

O caráter formativo da autoavaliação deve possibilitar o aperfeiçoamento tanto pessoal dos membros da comunidade acadêmica quanto institucional, pelo fato de fazer com que todos os envolvidos se coloquem em um processo de reflexão e autoconsciência institucional.

O processo de autoavaliação desencadeado pela UEMA se constitui em uma experiência de aprendizagem para toda a comunidade acadêmica. No percurso da realização desse processo exige-se o estabelecimento de condições, algumas relacionadas abaixo, consideradas prerrogativas: Comissão Própria de Avaliação (CPA) e a Avaliação dos Cursos de Graduação (Avalgrad). Conta com as avaliações externas imprescindíveis à qualidade de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, como as avaliações dos cursos pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes).

A CPA, com autonomia e condições para planejar, coordenar e executar as atividades, mantendo o interesse pela avaliação, sensibilizando a comunidade, assessorando os segmentos quanto à divulgação, análise e discussão dos resultados e quanto à tomada de decisões sobre as providências saneadoras.

A autoavaliação da UEMA constitui-se em uma experiência social significativa, orientada para a formação de valores e potencialização do desenvolvimento humano e institucional, pautada nos seguintes princípios:

a) Ética: a autoavaliação bem como todas as suas ações decorrentes deverá se pautar no respeito aos direitos humanos, na transparência dos atos e na lisura das informações, buscando permanentemente soluções para os problemas evidenciados. Portanto, deve fazer parte do cotidiano de todo processo avaliativo, construindo sua

materialidade histórica e cultural, numa realidade concreta, pela intervenção de sujeitos sociais preocupados em defender um projeto de sociedade permeado por valores democráticos e de justiça social;

b) Flexibilidade: a autoavaliação deve ser aberta, de fácil compreensão dos seus procedimentos e resultados, além do respeito às características próprias de cada segmento. Fica assegurada no processo avaliativo a observância aos ajustes sempre que necessários às peculiaridades regionais e adaptabilidade ao processo de avaliação institucional. Assim, a autoavaliação propiciará oportunidades para aprender, criar, recriar, descobrir e articular conhecimentos, ou seja, criar perspectivas para educar e adaptar-se a uma realidade plural, contraditória e em constante processo de mutação;

c) Participação: o processo de autoavaliação deverá contar com a participação ampla da comunidade acadêmica em todas as suas etapas, abalizada no respeito aos sujeitos, considerando suas vivências e o seu papel no contexto da instituição. Constitui-se em um exercício democrático, com abertura de espaços para o diálogo com os diferentes interlocutores, assegurando a sua inserção desde a concepção e execução dos instrumentos de avaliação até a análise crítica dos seus resultados;

d) Excelência: o compromisso da UEMA com a qualidade das suas ações, processos e produtos, se estende, também à autoavaliação e aos seus resultados. Partindo da compreensão da avaliação como um processo sistêmico, a autoavaliação tem o propósito de entender o contexto institucional como um todo, buscando investigar a realidade concreta nos seus aspectos internos e externos, mediante coleta e interpretação de comportamentos sociais, garantindo que os seus resultados venham contribuir para a eficiência e eficácia dos serviços disponibilizados à comunidade;

e) Inovação: a autoavaliação deverá incentivar formas de enfrentamento de problemas que resultem em soluções criativas compatíveis com a realidade da instituição. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) estão sendo gradativamente incorporadas às práticas didático-pedagógicas da UEMA, buscando a promoção de um ambiente favorável à criatividade, à experimentação e à implementação de novas ideias. Dessa forma, metodologias interativas devem ser estimuladas e difundidas no seio da autoavaliação para provocar a quebra de estilos ortodoxos ou de acomodação;

f) Impessoalidade: a autoavaliação não deverá tomar como objeto de análise as pessoas enquanto indivíduos. Não são as pessoas que serão avaliadas, mas sim as

estruturas, as práticas, as relações, os processos, os produtos e os recursos que constituem o saber/fazer da UEMA.

Para contemplar a participação efetiva de todos os *campi*/centros, o processo de autoavaliação será realizado pelas Comissões Setoriais de Avaliação dos Centros de Estudos. As comissões Setoriais de Avaliação dos Centros têm a atribuição de desenvolver o processo avaliativo junto ao Centro, conforme o projeto de autoavaliação da Universidade, respeitadas as orientações da CPA/UEMA.

As Comissões Setoriais de Avaliação dos Centros funcionarão como prolongamento da CPA/UEMA e devem criar estratégias adequadas à realidade local, no sentido de possibilitar a participação dos gestores, servidores docentes, servidores técnico-administrativos e de representantes da sociedade em todas as etapas da avaliação.

A Avaliação dos Cursos de Graduação é contemplada pela Avalgrad, conforme a Resolução nº 1369/2019-CEPE/UEMA, Seção II, Da Autoavaliação dos Cursos de Graduação, artigos 177 a 179 e envolve gestores, corpo docente, técnico-administrativos e discente.

Art. 177 A autoavaliação dos cursos de graduação é coordenada pela Pró-Reitoria de Graduação, por meio da Divisão de Acompanhamento e Avaliação do Ensino - DAAE/CTP/PROG, em estreita colaboração com as Direções ou Coordenações dos referidos cursos e demais setores da UEMA, conforme o prescrito na Lei Federal nº 10.861 12004, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES, condição indispensável para reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos, além de credenciamento e recredenciamento da Universidade. Parágrafo único. As ações do processo de autoavaliação dos cursos de graduação da UEMA deverão estar em consonância com os trabalhos desenvolvidos pela Comissão Própria de Autoavaliação (CPA) da UEMA. Art. 178 A autoavaliação dos cursos se faz com base no Plano de Desenvolvimento institucional da UEMA (PDI/UEMA), no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e nos instrumentos de avaliação dos cursos de graduação, considerando o perfil estabelecido pela UEMA para o profissional/cidadão a ser formado por todos os cursos, bem como nos princípios e concepções estabelecidos neste Regimento.

Art. 179 Cabe ao Núcleo Docente Estruturante (NDE) de cada curso analisar os resultados das autoavaliações e emitir relatório, considerando os parâmetros prescritos no artigo 40 deste Regimento, para deliberação e execução das atividades necessárias, tendo em vista a melhoria dos indicadores de avaliação dos cursos de graduação.

O Projeto de autoavaliação - 2016/2020 da UEMA apresenta os caminhos para a continuidade das ações avaliativas institucionais, pretendendo expandi-las e consolidá-las em observância às diretrizes emanadas pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior - CONAES e pelo Conselho Estadual de Educação do Maranhão - CEE, respeitada as peculiaridades institucionais e ao mesmo tempo se constitui numa experiência formativa.

Nos processos de Avaliação Institucional Externa, destaca-se a avaliação que o CEE, órgão com função regulatória de reconhecimento e renovação de reconhecimento de curso, realiza nesta Instituição.

O CEE regulamenta os cursos superiores da UEMA, por meio de um conjunto de normas e pareceres, dentre eles, a Resolução nº 109, de 17 de maio de 2018, que estabelece normas para a Educação Superior no Sistema Estadual de Ensino do Maranhão.

A avaliação do CEE incide em todos os aspectos do ensino, da pesquisa e da extensão, obtendo informações que servirão de orientação para a melhoria dos cursos.

No âmbito nacional, o Sinaes formado por três componentes principais: a avaliação das instituições, dos cursos e do desempenho dos estudantes, avalia os aspectos que giram em torno desses três eixos, principalmente o ensino, a pesquisa, a extensão, a responsabilidade social, o desempenho dos alunos, a gestão da instituição, o corpo docente e as instalações.

Desse modo, o Sinaes apresenta uma série de instrumentos capazes de produzir dados e referenciais para a eficácia na análise ou avaliação de cursos e da instituição. Dentre os mecanismos capazes de avaliar o ensino, destaca-se o Enade que se caracteriza por ser um componente curricular obrigatório nos cursos de graduação (Lei nº 10.861/2004).

## **2 DIMENSÃO 2 – CORPO DOCENTE E TUTORIAL**

### **2.1 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – NDE**

O NDE integra a estrutura de gestão acadêmica em cada curso de graduação, é regido pela Resolução nº 01 de 17 de junho de 2010 do CONAES e pela Resolução nº 1023/2019 – CONSUN/UEMA, sendo responsável pela elaboração, implementação, atualização e consolidação do Projeto Pedagógico do Curso, tendo as seguintes atribuições:

I – Contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;

II – Promover a integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;

III – Fomentar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;

IV – Acompanhar o cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação;

V – Propor ações de melhorias para o curso a partir dos resultados dos processos avaliativos internos e externos.

O NDE será constituído pelo (a) Diretor (a) do Curso, como seu presidente e por, no mínimo, mais 4 (quatro) docentes do curso, sendo o limite máximo definido pelo regimento do NDE de cada curso.

Quadro 14 - Componentes do Núcleo Docente Estruturante

PORTARIA Nº 03/2019 –CFIL/CECEN/UEMA	
NOME DO DOCENTE	TITULAÇÃO
Luís Magno Veras Oliveira *	Mestre
Francisco Valderio Pereira da Silva Júnior	Doutor
William de Jesus Costa Freitas	Mestre
José Carlos de Castro Dantas	Doutor
Edward Pereira Rodrigues Júnior	Doutor
Leila Amum Alles Barbosa	Mestra
Cynthia Regina Nunes Reis	Doutora

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura, 2020.

\*Presidente

## 2.2 GESTÃO DO CURSO

O curso de Filosofia Licenciatura estará a cargo de um Diretor (a), assessorado por um colegiado de Curso e pelo Núcleo Docente Estruturante (Resolução nº 1023/2019 – CONSUN/UEMA). O diretor (a) será um docente de carreira da Universidade Estadual do Maranhão, lotado no Departamento do respectivo curso, eleito (a) através de votação direta, secreta e nomeado pelo Reitor, nos termos da legislação vigente na Universidade. O mandato será de dois anos, permitindo uma única recondução.

Por conta da existência do Curso de Filosofia Licenciatura na modalidade a distância, é aconselhável que Diretor (a) de Curso de Filosofia Licenciatura Presencial trabalhe em cooperação com o Diretor (a) de curso na modalidade a distância oferecido pela plataforma UEMAnet. pois, se poderá obter melhor rendimentos dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos numa e noutra experiência, possibilitando aos estudantes das duas modalidades (presencial e à distância) compartilhar seus conhecimentos e avançar em sua formação de maneira mais integral.

Quadro 15 - Servidores do Curso de Filosofia Licenciatura

<b>NOME DO SERVIDOR</b>	<b>CARGO</b>
Prof. Mestre Luís Magno Veras Oliveira	Diretor do Curso
Lindanir Jansen Fernandes Campos	Secretária do Curso

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura, 2020.

### 2.3 COLEGIADO DE CURSO

O Colegiado é um órgão deliberativo e consultivo do Curso, conforme o que determina o Art. 49 e seus segmentos do Estatuto da Universidade Estadual do Maranhão, seção V, reproduzido ainda, no Art. 20 e seus segmentos, do Regimento dos Órgãos Deliberativos e Normativos da Universidade Estadual do Maranhão:

Art. 49 Os Colegiados de Curso são órgãos deliberativos e consultivos dos Cursos e terão a seguinte composição:

I - O Diretor de Curso como seu Presidente;

II - Representantes dos Departamentos cujas disciplinas integrem o Curso, na razão de um docente por cada quatro disciplinas ou fração;

III- um representante do corpo discente por habilitação.

O Colegiado se reunirá uma vez por mês, extraordinariamente, quando convocados por seu presidente e pela maioria de seus membros em exercício sempre que se fizer necessário. As demais disposições referentes ao Colegiado do curso são definidas no Regimento dos órgãos deliberativos e normativos da Universidade Estadual do Maranhão amparada pela Resolução nº 1369/2019 – CEPE/UEMA de 21 de março de 2019.

No curso de Filosofia Licenciatura, o Colegiado de Curso é composto pelos seguintes professores:

Quadro 16 – Membros do Colegiado de Curso

<b>PORTARIA Nº 04/2019- CURSO DE FILOSOFIA</b>	
<b>NOME</b>	<b>CARGO</b>
Prof. Me.Luís Magno Veras Oliveira	Diretor do Curso de Filosofia
Prof. Dr. Francisco Valderio Pereira da Silva Júnior	Professor/DEFIL
Prof. Dr.Edward Pereira Rodrigues Júnior	Professor/DEFIL
Prof. Dr. Lincoln Sales Serejo	Professor/DEFIL
Prof. Dr. José Carlos de Castro Dantas	Professor/DEFIL
Prof. Me. Marcos Roberto Alves Oliveira	Professor/DEFIL
Profa. Ma. Leila Amum Alles Barbosa	Professora/Coordenadora do Curso Filosofia EAD
Prof. Ms. William de Jesus Costa Freitas	Professor/DEFIL
Profa. Dra. Cinthia Regina Nunes Reis	Professora/DEFIL
Prof. Me. Marconi José Carvalho Ramos	Professor/DEFIL
Prof. Dr. Jorge Luiz Borges Bezerra	Professor/DELET
Afonso da Silva Sodré	Aluno/Representante discente

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura, 2020.

## 2.4 CORPO DOCENTE

A UEMA dispõe de um quadro de professores efetivos na área de Filosofia qualificado o suficiente para atender, com razoável eficiência, o quantitativo dos quatro primeiros anos da implantação do curso. Contudo, será necessário, no menor espaço de tempo possível, abrir novas vagas mediante concurso público a fim de completar a equipe de professores do curso de Filosofia.

Em relação ao campo específico, atualmente o DEFIL conta com 05 (cinco) professores de filosofia que atendem tanto as licenciaturas quanto os bacharelados do *campus* Paulo VI em São Luís, perfazendo um total de 22 (vinte e dois) cursos de graduação. Sendo prudente iniciativas administrativas, visando o fortalecimento imediato do curso. Sugere-se que sejam incorporados, ao atual quadro de professores de filosofia do DEFIL, os professores de filosofia de outros *campi* da UEMA, estes seriam aqueles que compõem a equipe de elaboração do presente PPC (vide quadro abaixo).

Assim, o curso de Filosofia funciona a contento em seu início – e mesmo até o seu quarto ano –, pois saltaria dos atuais 05 (cinco) professores de filosofia do DEFIL para 08 (oito) professores no que tange a área específica. Essa medida não eliminaria a necessidade de concurso público para professor de filosofia no curso a fim de completar o quadro de professores. Em pleno funcionamento, o Curso de Licenciatura em Filosofia, necessitará de pelo menos mais 10 professores para atender com a excelência que se exige no âmbito da universidade. Tampouco a renúncia de contratação de professores substitutos para corresponder à necessidade da universidade na oferta das disciplinas Introdução à Filosofia, Metodologia Científica, entre outras disciplinas aos diversos Cursos de Graduação no âmbito da UEMA. No entanto, essa medida da remoção permite a UEMA um tempo de maior planejamento para definições no tocante a concurso público.

É bom observar ainda que, de todos os professores da área específica de Filosofia listados, 04 (quatro) são doutores, e 04 (quatro) são mestres. Através dessa reorganização administrativa, o curso de filosofia da UEMA não surgirá somente dedicado ao ensino, mas forte o suficiente já para a pesquisa, dado que o corpo docente em sua grande maioria é constituído por pesquisadores, alguns já em ciclo final de formação. O que reforça, para a graduação nascente, a preciosa relação entre o ensino, à pesquisa e a extensão. A semelhança de outros cursos terá seu corpo docente completado por professores de diversos outros Departamentos que fazem parte da Universidade e/ou de outra IES pública conveniada com a UEMA.

Quadro 17 - Corpo docente do Curso de Filosofia Licenciatura

NOME	REGIME			TITULAÇÃO	SITUAÇÃO FUNCIONAL		DISCIPLINA	Experiência no exercício da docência na educação Básica	Experiência no exercício da docência superior
	20H	40H	TIDE		Substituto	Efetivo			
Luís Magno Veras Oliveira		X		Mestre		X	História da Filosofia Moderna, Prática Dim. Político Social, Prática Dim. Escolar, Ética, Filosofia da Religião	5 anos	9 anos
William de Jesus Costa Freitas			X	Mestre		X	Prática Escolar, Teoria do Conhecimento, Leitura e Redação Filosófica	12 anos	27 anos
Francisco Valderio P Silva Júnior			X	Doutor		X	História da Filosofia Moderna, Ensino Pesq. Prob. Filosóficos, Hermenêutica, História Filosofia Antiga	15 anos	11 anos
Lincoln Sales Serejo		X		Doutor		X	Filosofia Política, Filosofia da Educação	15 anos	30 anos
José Carlos C Dantas		X		Doutor		X	História da Filosofia Medieval, Antropologia Filosófica	28 anos	11 anos
Marcos Roberto A Oliveira			X	Mestre		X	Metodologia Científica, Filosofia da Ciência, Teoria do Conhecimento	6 anos	17 anos
Edward Pereira R Júnior		X		Doutor		X	História da Filosofia no Brasil e América Latina, Iniciação Filosófica	25 anos	23 anos
Leila Amum Alles Barbosa		X		Mestra		X	Filosofia da Educação, Filosofia da Linguagem Iniciação Filosófica, Metodologia Científica	25 anos	25 anos
André Sales de Abreu Lisboa	X			Mestre	X		Ensino e Pesquisa em História da Filosofia, Filosofia do Ser	Não	5 anos
Fabíola da Silva Caldas	X			Mestra	X		Filosofia da Educação, Metodologia do Ensino de Filosofia, Tecnologias Aplic. Ens. Filosofia	Não	1 ano e 4 meses
Paulo Sérgio Calvet R Filho	X			Mestre	X		Leitura e Redação Filosófica, História da Filosofia Contemporânea	Não	1 ano e 4 meses



**POTENCIAL DOCENTE PARA MINISTRAR DISCIPLINAS ESPECÍFICAS**

Quadro 18 - Corpo docente do Curso de Filosofia Licenciatura – área da Filosofia

<b>TITULAÇÃO</b>	<b>NOME</b>	<b>DISCIPLINAS</b>	<b>REGIME DE TRABALHO</b>
Doutor	Edward P. R. Júnior	Iniciação Filosófica História da Filosofia no Brasil e América Latina Filosofia da Educação	40h
Doutor	Francisco Valdério P. da S. Júnior	História da Filosofia Antiga História da Filosofia Moderna Ensino e Pesquisa em Problemas Filosóficos Hermenêutica Ensino e Pesquisa em Temas Filosóficos Estágio Supervisionado Obrigatório no Ensino Médio	40h
Doutor	José Carlos de C. Dantas	História da Filosofia Medieval Antropologia Filosófica	40h
Mestra	Leila Amum A. Barbosa	Filosofia da Educação Filosofia da Linguagem	40h
Doutor	Lincoln Sales Serejo	Ética Filosofia Política Filosofia da Educação	40h
Mestre	Luís Magno V. Oliveira	Ética Estética Filosofia da Religião Filosofia do ser História da Filosofia Moderna Prática Curricular na Dimensão Político Social Prática Curricular na Dimensão Escolar	40h
Mestre	Marcos Roberto Alves Oliveira	Teoria do Conhecimento Metodologia Científica Filosofia da Ciência Estágio Supervisionado Obrigatório no Ensino Fundamental	TIDE
Mestre	William de Jesus Costa Freitas	Ética Texto e Exegese Filosófica Leitura e Redação Filosófica Teoria do Conhecimento Metodologia da Pesquisa Filosófica Filosofia do Direito Prática Curricular da Dimensão Educacional Prática Curricular na Dimensão Escolar	TIDE
Doutor	José Leonardo A. Ruivo*	Filosofia Analítica	TIDE
Mestre	José de Ribamar Rodrigues Siqueira	Lógica	
Doutor	José Henrique de Paula Borralho	Filosofia da História	TIDE
Mestra	Fabíola da Silva Caldas	Metodologia do Ensino de Filosofia, Filosofia da Educação. Tecnologias aplicadas ao Ensino de Filosofia	20h
Mestre	Paulo Sérgio Calvet Ribeiro Filho	Leitura e Redação Filosófica, História da Filosofia Contemporânea	20h
Mestre	André Sales de Abreu Lisboa	Ensino e Pesquisa em História da Filosofia, Filosofia do Ser	20h

Fonte: Autores

\*Estes professores ainda não compõem o quadro específico de docentes do DEFIL, mas são professores efetivos de outros departamentos da UEMA.



**POTENCIAL DOCENTE PARA MINISTRAR DEMAIS DISCIPLINAS**

Quadro 19 - Corpo docente do Curso de Filosofia Licenciatura – origem em outros cursos/departamentos

<b>DEPARTAMENTO DE LETRAS</b>			
<b>Titulação</b>	<b>Nome</b>	<b>Disciplinas</b>	<b>Regime de Trabalho</b>
Doutora	Maria José Quaresma Vale	Leitura e Produção Textual	40h
Doutora	Dinacy Correa	Leitura e Produção Textual	40h
Especialista	Louise Ludmyla	Libras	20h
Graduada	Janaina Frazão Santos	Libras	20h

Fonte: Autores

Quadro 20 - Corpo docente do Curso de Filosofia Licenciatura – origem DEFIL

<b>DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA – DEFIL</b>							
<b>NOME</b>	<b>REGIME DE TRABALHO</b>	<b>TITULAÇÃO</b>	<b>SITUAÇÃO FUNCIONAL</b>		<b>DISCIPLINA</b>	<b>Experiência no exercício da docência na educação Básica</b>	<b>Experiência no exercício da docência superior</b>
			<b>Substituto</b>	<b>Concursado</b>			
Alberto Magno Moreira Martins	20h	Mestre	x		Educação e Diversidade/ Educação e relações étnico sociais	9	1
Albiane Oliveira Gomes	40h	Doutora		x	Avaliação Educacional, Didática, Planejamento Educacional, Política Educacional Brasileira	13	15
Ana Lúcia Cunha Duarte	40h	Doutora		x	Avaliação Educacional, Gestão Escolar	30	23
Antonia Márcia S. Torres	TIDE	Mestra		x	Psicologia, Psicologia da Aprendizagem, Psicologia do Desenvolvimento	-	25
Antonio José Araújo	40h	Especialista		x	Sociologia da Educação	25	23
Antonio Henrique França Costa	20h	Mestre	x		Fundamentos da Educação Especial e Inclusiva/ História e Cultura Afro Brasileira	6	3
Cynthia Regina Nunes Reis	40h	Doutora		x	Sociologia, Sociologia da Educação e Fundamentos Antropológicos da Educação	2	11
Dolores Cristina Sousa	40h	Doutora		x	Estágio em áreas específicas/ Didática/Fundamentos e metodologia da Língua Portuguesa	27	25
Fernando César dos Santos	TIDE	Mestre		x	Política Educacional Brasileira/Didática/ Sociologia da Educação	-	18



Heloisa Cardoso Varão Santos	40h	Mestra		x	Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil/ Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil	02	23
Iva Souza da Silva	TIDE	Mestra		x	História da Educação/ Política Educacional Brasileira	10	25
Ivone das Dores de Jesus	TIDE	Mestra		x	Afastada para doutorado	10	23
Joaires Sidney dos S. Ribeiro	TIDE	Mestre		x	Didática/ Avaliação Educacional/ Gestão Educacional e Escolar/ Planejamento Educacional	32	44
Lívia Janine Leda Fonseca Rocha	TIDE	Doutora		x	Psicologia da Aprendizagem, Psicologia do Desenvolvimento/ Psicologia	-	7
Lourdes Maria de O. Paula Mota	40h	Mestra		x	Prática Curricular na Dimensão Escolar, Prática Curricular na Dimensão Educacional/História da Educação/História da Educação Brasileira	25	39
Márcia Cristina Gomes	TIDE	Doutora		x	Sociologia/Sociologia da Educação/ Prática Curricular na Dimensão Político-Social Educação em Espaços Não Escolares	-	26
Marconi José Carvalho Ramos	40h	Mestre		x	Licença Médica	-	25
Maria de Fátima Serra Rios	40h	Doutora		x	Avaliação Educacional e Escolar/ Estágio Curricular Supervisionado nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental	27	30
Maria das Graças Neri Ferreira	40h	Mestra		x	Organização do trabalho Pedagógico, Estágio Supervisionado em Áreas Específicas	25	20
Maria Goretti Cavalcante de Carvalho	TIDE	Doutora		x	História da Educação Brasileira; Fundamentos e Metodologia do Ensino da História/Organização do Trabalho Pedagógico	30	18



Maria José Cardoso Fiquene	TIDE	Mestra		x	Psicologia, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Aprendizagem	-	35
Maria José Santos Rabelo	40h	Mestra (doutoranda)		x	Estágio supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, Fundamentos e Metodologia do Ensino de Matemática, Fundamentos e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa	33	23
Marilda de Fátima Lopes Rosa	40h	Mestra		x	Psicologia da Aprendizagem, Fundamentos da Educação Especial Inclusiva	23	27
Melcka Yulle Conceição Ramos	20h	Mestra	x		Prática na Dimensão Curricular/ Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental		
Nadja Fonseca da Silva	40h	Doutora		x	Fundamentos e Metodologia do Ensino de Ciências/ Fundamentos e Metodologia do Ensino de Matemática/ Prática na Dimensão Educacional/ Prática da Dimensão Político-Social	17	12
Regina Sodré Almeida Marreiros	20h	Mestra	x		Ludicidade e Educação/ Letramento e Alfabetização/Metodologia da Educação Infantil/ Fundamentos e Metodologias da Língua Portuguesa	30	1
Sannya Fernanda Nunes Rodrigues	40h	Doutora		x	Prática na Dimensão Escolar/ Tecnologias aplicadas ao ensino/ Metodologia da Pesquisa em Educação	1	15
Severino Vilar de Albuquerque	TIDE	Doutor		x	Metodologia da Pesquisa em Educação, Política Educacional Brasileira, História da Educação/ Currículo	15	18



Terezinha de J. Amaral da Silva	40h	Mestra		x	Letramento e Alfabetização/ Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil/fundamentos e Metodologia da Educação de Jovens e Adultos/Educação em Espaços não Escolares e	32	18
Vânia Lourdes Martins Ferreira	40h	Mestra		x	Política Educacional Brasileira/História da Educação	25	23
Washington Luís R. Coelho	40h	Mestre (doutorando)		x	Educação Especial e Inclusiva/ Currículo/Educação e Diversidade Cultural	-	24
Wedson Jonas Barros Silva	20	Especialista	x		Estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental e Fundamentos e Métodos do Ensino de Arte.	8	4

Fonte: Autores.

### 3 DIMENSÃO 3 – INFRAESTRUTURA

#### 3.1 INFRAESTRUTURA FÍSICA EXISTENTE PARA DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Em observância à resolução nº 875/2014 CONSUN-UEMA em seu art. 2, inciso III, alínea a o Curso de Licenciatura em Filosofia pertence à estrutura administrativa/acadêmica do DEFIL (Departamento de Educação e Filosofia) e ao Centro de Educação Ciências Exatas e Naturais – CECEN, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Para a realização de suas atividades, o curso de Filosofia contará com as novas e amplas instalações do CECEN.

Nesse mesmo local, já funciona a sala do DEFIL e também a Secretaria do curso. As atividades de aulas do curso ocorrerão no turno matutino nesse mesmo prédio. Todo o corredor onde hoje funciona, no turno vespertino e noturno, o Curso de Pedagogia Licenciatura.

Há 09 (nove) salas perfeitamente adequadas, pois equipadas com quadro branco e mobiliadas para abrigar até 45 (quarenta e cinco) alunos, assim, estas salas estão em perfeitas condições para abrigar as turmas originadas pelo Curso de Filosofia Licenciatura que desenvolverá suas atividades no turno matutino.

## ESPAÇO FÍSICO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS

Quadro 21 - Infraestrutura do Curso de Filosofia Licenciatura

Atividades Pedagógicas	QUANTITATIVO
Sala de Recursos Linguísticos	-
Sala de Vídeo	-
Sala de Multimídia*	-
Laboratório de Informática para os Alunos	-
Laboratório de Informática para os Professores	01
Salas de aula	09
Gabinetes de professores	16
Auditórios	02

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura, 2020.

\* A Sala de Multimídia dispõe de projetor de mídia, DVD, televisão e quadro branco.

## ESPAÇO FÍSICO DO CURSO DE FILOSOFIA ATUAL E NECESSÁRIO

Quadro 22 - Infraestrutura do Curso de Filosofia Licenciatura

Atividades Administrativas	QUANTITATIVO
Sala de secretaria do curso	01
Recepção do curso	01
Diretoria do curso	01
Sala de Reuniões	01
Sala de Estágio (permanente)	01
Sala do Núcleo de Pesquisa e Extensão de Filosofia	-
Sala do Departamento de Filosofia	01
Sala de Multimídia	01

Fonte: Curso de Filosofia Licenciatura, 2020.

### 3.2 ACERVO BIBLIOGRÁFICO

A infraestrutura da UEMA está organizada para atender às atividades da gestão educacional, dos serviços administrativos e do desenvolvimento pedagógico dos cursos de graduação e pós-graduação. Os espaços pedagógicos atendem às demandas da formação profissional proposta para os cursos de licenciatura. Para o desenvolvimento das atividades acadêmicas, a Instituição dispõe, nos *campi*, salas de aula, auditório, laboratórios de informática com equipamentos de multimídia, conectados à Internet, e biblioteca. Além disso, há disponível, no *site* da UEMA, o acervo da **Biblioteca Virtual Universitária Pearson**.

O acervo bibliográfico do curso conta atualmente com aproximadamente 250 (duzentos e cinquenta) títulos na Biblioteca Paulo Freire mantida pelo Curso de Filosofia Licenciatura na modalidade a distância e com 640 (seiscentos e quarenta) títulos na Biblioteca Central.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Referenciais Curriculares Nacionais de Bacharelado e Licenciatura. Brasília: MEC/SES, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Secretaria de Educação Básica. Sobre a implantação das disciplinas Filosofia e Sociologia. Parecer CNE/CEB n. 22/2008 de 08 de outubro de 2008.
- BRASIL. Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008 Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Diário Oficial da União - Seção 1 - 3/6/2008, p. 1.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio, volume 3: ciências humanas e suas tecnologias.** Brasília, MEC, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 1 de 16 de maio de 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara Superior de Educação. Estabelece as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Filosofia. Resolução CNE/CES n. 12 13.03.2002. Diário Oficial da União, Brasília, 09 de abril de 2002. Seção 1, p. 33.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 2 de 19.01.2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica e em nível superior. DOU, Brasília, 4.3.2002, Seção 1, p. 9.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 1 de 19.01.2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. DOU, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 31. Republicada por ter saído com incorreção do original no D.O.U. de 4 de março de 2002. Seção 1, p. 8.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara Superior de Educação. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Parecer CNE/CES 492/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 09.07.2001, Seção 1, p. 50.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio.** Brasília: MEC, 1999.
- DUARTE, Sebastião Moreira. O Projeto Pedagógico dos cursos de graduação: guia prático de redação. São Luís: PROGAE/UEMA, 2000.
- DUARTE, Ana Lúcia Cunha. Guia de orientação sobre elaboração de Projeto Pedagógico de Curso. São Luís: PROG/UEMA, 2014.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=211130&search=||infográficos:-informações-completas>. Acesso em: 7 jul..2015 às 13h16min.
- KANT, Immanuel. *O conflito das faculdades*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Luso

Sofia Press, 2008.

MARANHÃO. Conselho Estadual de Educação. Dispõe sobre credenciamento e recredenciamento de instituição de educação superior, autorização de funcionamento, reconhecimento e renovação de reconhecimento de curso superior no Sistema Estadual de Educação do Maranhão. Resolução CEE n. 298/2006. Diário Oficial do Executivo, São Luís, 2006.

PELCZAR JUNIOR, J. M. **Microbiologia**: conceitos e aplicações. 2.ed. São Paulo: Makron Books,. 1996.

RIOS, Maria de Fátima Serra. **Dimensão Prática nos Cursos de Licenciatura**: organização pedagógica da UEMA. Pró - Reitoria de Graduação e Assuntos Estudantis PROGAE/UEMA São Luís: PROGAE /UEMA, 2011.

SÃO LUÍS. Lei nº 4153 de 20 de março de 2003. Inclui na grade curricular das escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública municipal, disciplina filosofia.

SEAF. Disponível em: <http://www.blogger.com/profile/13926882326559689402>; Acesso em: 28 nov. 2013 às 15h23min.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Resolução CONSUN/UEMA nº 875/2014. Estabelece procedimentos para proposição de criação de cursos de Graduação a UEMA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Resolução CONSUN/UEMA nº 826/2012. Cria e regulamenta o Núcleo Docente Estruturante – NDE no âmbito dos cursos de Graduação da UEMA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Plano de Desenvolvimento Institucional 2006/2010, Pró - Reitoria de Planejamento PROPLAN/UEMA / UEMA (Organizadora) São Luís: PROPLAN /UEMA, 2006.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. O Currículo como Expressão do Projeto Pedagógico: Um processo flexível. Pró - Reitoria de Graduação e Assuntos Estudantis PROGAE / UEMA (org.) São Luís: PROGAE /UEMA, 2001.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. *Projeto de Avaliação Institucional*, Pró - Reitoria de Graduação e Assuntos Estudantis PROGAE/UEMA / UEMA (org.) São Luís: PROGAE /UEMA, 2001.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Resolução CEPE/UEMA nº 276/2001 que autoriza a flexibilização dos currículos de graduação da UEMA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Instrução Normativa nº 01/2001 PROGAE/UEMA Estabelece normas para elaboração do Projeto Político Pedagógico.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Do pessimismo a razão para o otimismo da vontade: referências para a construção dos projetos pedagógicos da IES brasileiras. Pró - Reitoria de Graduação e Assuntos Estudantis PROGAE/UEMA /UEMA (org.) São Luís: PROGAE/UEMA, 1999.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Conselho Universitário – CONSUN. *Normas Gerais Do Ensino De Graduação*. Aprovadas pela Resolução n. 121/94 CONSUN, de 29 de novembro de 1994.



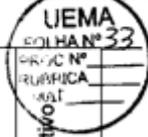
APÊNDICE A – Critérios estabelecidos para cálculos das Atividades Teórico-Prática



APÊNDICE B DA RESOLUÇÃO N.º 1264/2017 – CEPE/UEMA

Critérios estabelecidos para a contabilização da carga horária de Atividades Teórico-Práticas (ATP)

GRUPO I - Atividades de Ensino e Iniciação à docência	Documentação comprobatória	Carga horária máxima permitida para contabilização
Monitoria exercida na UEMA.	Relatório semestral, com a ciência do professor orientador e a validação do Coordenador(a) de Curso.	Dois semestres, sendo 40h por cada semestre letivo, perfazendo um total de 80h.
Participação em Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid).	Relatório semestral da pesquisa do Pibid, com a ciência orientador e a validação do Coordenador(a) de Curso.	Três semestres, sendo 50h por semestre, perfazendo um total de 150h.
Disciplinas de outros cursos/IES na área de formação de professores.	Histórico Escolar ou declaração do órgão de controle acadêmico.	Duas disciplinas de 60h cada, para aproveitamento da carga horária de até 120h.
Projetos e oficinas temáticas na área de educação.	Declaração/certificado emitido pela Direção ou órgão competente.	Três comprovações, perfazendo um total de até 20h.
Experiência profissional na área de educação.	Declaração emitida pela Direção ou órgão competente.	Três semestres, sendo 50h por semestre, perfazendo um total de 150h.
Cursos de idiomas, Comunicação e Expressão e de Informática.	Certidão de aprovação no respectivo curso, que especifique a carga horária cumprida.	Dois semestres, sendo 60h por cada semestre letivo, perfazendo um total de 120h.
Participação em reuniões de departamentos, colegiados e conselhos da Uema.	Declaração assinada pelo presidente da Assembleia Departamental, Diretor de Curso ou do Conselho, conforme o caso.	Dois anos, sendo 15h por cada ano letivo, perfazendo um total de 30h.
Representantes de CA e DCE.	Declaração com a composição dos representantes e a função exercida, assinada pelo presidente.	Dois anos, sendo 20h por cada ano letivo, perfazendo um total de 40h.



<b>GRUPO II - Atividades de Pesquisa</b>	<b>Documentação comprobatória</b>	<b>Carga horária máxima permitida para contabilização</b>
Iniciação científica, reconhecida pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.	Relatório parcial e/ou final, com a ciência do Professor orientador e do coordenador de pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.	Dois semestres de 60h cada, perfazendo um total de até 120h.
Apresentação de trabalho em eventos científicos.	Certificado emitido pelo órgão competente responsável pelo evento e a Cópia do trabalho apresentado.	Até o limite de 120 horas em todo o curso de graduação.
Publicação de trabalho em anais de congressos e similares.	Comprovação da publicação no evento e a cópia do material publicado.	15h horas por trabalho, limitado a, no máximo, 75h em todo o curso de graduação.
Artigo publicado em revista científica	Comprovação da publicação e a cópia do artigo publicado.	Qualis A e B, 60h e em outros periódicos considerar 30h.
Membro de grupo de pesquisa cadastrado no CNPq.	Comprovação que é membro do grupo de pesquisa, com a ciência do Coordenador do grupo de pesquisa.	Até 40h, podendo ser contabilizado até dois grupos, 20h cada.
<b>GRUPO III - Atividades de Extensão</b>	<b>Documentação comprobatória</b>	<b>Carga horária máxima permitida para contabilização</b>
Atividade de Extensão reconhecida pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis.	Relatório parcial e/ou Final com a ciência do Professor orientador e do coordenador de Extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis.	Dois semestres de 60h cada, perfazendo um total de até 120h.
Participação em seminários, congressos, encontros estudantis, entre outros de atualização e congêneres.	Certificado emitido pelo órgão responsável pelo evento, com especificação da carga horária cumprida. (Caso não tenha a carga horária no certificado, conta-se 8h por dia)	Até o limite de 120 horas em todo o curso de graduação.

UEMA  
FOLHA Nº 34  
PROC Nº  
RUBRICA  
MAT



Participação em curso de extensão e atualização, na área de educação reconhecido pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis da Uema.	Certificado do coordenador do curso com a ciência da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis da Uema.	Até 20h por curso, sendo possível contabilizar até três cursos.
Participação em visitas programadas em instituições educacionais ou áreas afins.	Declaração assinada pelo Professor que liste os acadêmicos participantes, com especificação da carga horária cumprida e o objetivo da visita.	Até 20h, podendo totalizar até três visitas.
Participação na organização, coordenação de cursos e/ou eventos científicos, na área do curso ou afins.	Declaração assinada pela coordenação do evento e do coordenador do curso de graduação do estudante.	Até 20 horas por evento, limitado a, no máximo, 60 horas em todo o curso.
Participação em intercâmbios institucionais.	Declaração da instituição que intermediou o intercâmbio, descrevendo o período e as atividades realizadas.	Dois semestres de 50h cada, perfazendo um total de até 100h.
Trabalho realizado em campanhas de voluntariado ou programas de ação social.	Declaração assinada pelo representante legal do órgão onde as atividades foram realizadas, especificando as principais atividades, local, data e/ou período.	Até 10 horas por evento, limitado a, no máximo, 40h em todo o curso de graduação.
Estágios extracurriculares.	Cópia do termo de convênio devidamente assinado pelas partes conveniadas ou do cadastro da Instituição junto à IES e relatório semestral da Instituição/Empresa atestando o cumprimento das atividades, com especificação da carga horária cumprida.	Dois semestres de 40h cada, perfazendo um total de até 80h.
Participação ou trabalho na organização de jornal informativo da Uema.	Cópia do material que comprove a participação ou realização do trabalho.	Até 20 horas por evento ou período/semestre letivo de participação, limitado a, no máximo, 60 horas em todo o curso de graduação.





<b>GRUPO IV - Atividades de Iniciação ao Desenvolvimento Tecnológico e Inovação</b>	<b>Documentação comprobatória</b>	<b>Carga horária máxima permitida para contabilização</b>
Atividade de Iniciação ao Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, reconhecida pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.	Relatório parcial e/ou Final, com a ciência do Professor orientador e do coordenador do Núcleo de Inovação Tecnológica da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.	Dois semestres de 60h cada, perfazendo um total de até 120h.
Participação em projetos inovadores em comunicação, design e aplicativos aplicados à educação.	Declaração assinada pela coordenação do projeto com o visto da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação.	Até o limite de 120 horas em todo o curso de graduação.
Participação em projetos de criação de kits educacionais.	Declaração assinada pela coordenação do projeto com o visto da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação.	Até o limite de 120 horas em todo o curso de graduação.
Participação em projetos de introdução de novos benefícios ou novos de interação e/ou inclusão social (inovação social).	Declaração assinada pela coordenação do projeto com o visto da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação.	Até o limite de 60 horas em todo o curso de graduação.

